



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura da 13ª Assembleia da União Africana**

Sirte-Líbia, 1º de julho de 2009

Excelentíssimas senhoras e excelentíssimos senhores chefes de Estado
e de Governo,

Meu caro senhor Jean Ping, presidente da Comissão da União Africana,
Excelentíssimos senhores convidados oficiais,
Senhoras e senhores participantes da 13ª Cúpula da União Africana,
Amigos e amigas da mesa,

Minhas primeiras palavras são de agradecimento. É uma honra poder
ocupar as prestigiosas tribunas da União Africana. Aqui ganham força e
unidade as vozes de um continente, berço da humanidade, determinado a
construir o seu próprio destino.

O Brasil muito aprecia o papel da União Africana na promoção da paz e
da democracia na África. Admiramos, sobretudo, a persistência e a
(incompreensível) dos ganhos cumulativos que norteiam os nichos africanos.
Não se constrói um continente em harmonia do dia para a noite. Consolidar a
democracia é um processo evolutivo. O Brasil aplaude a crescente
conscientização de que ninguém melhor do que os africanos para lidar com
seus próprios problemas e elaborar suas próprias soluções.

A África dá mostras de maturidade e de apego aos valores comuns que
inspiraram os próceres da unidade africana, ao chamar a si a responsabilidade
pela consecução dos objetivos desta organização. Respaldamos o salutar
envolvimento das organizações regionais africanas na busca de caminhos para
o progresso pacífico de seus membros. Sabemos também que não é simples
respeitar os desafios da paz, da estabilidade e da segurança diante de



conflitos, muitos deles herdados do colonialismo ou fomentados pela ganância externa. Os esforços e iniciativas da União Africana na promoção do diálogo em mediações em missões de paz merecem o apoio de todos.

Senhoras e Senhores,

Trago às nações africanas a saudação amiga de todos os brasileiros, não apenas dos 66 milhões de afrodescendentes ou dos 7 milhões de árabes que vivem em meu país. Herdamos da África uma cultura que impregna nossa língua, nossos corpos, nossa culinária, nossa música e nossa religião. Está presente na forma de sentir e de agir dos brasileiros. É genuíno e recíproco o sentimento de fraternidade que nos une. Está viva na minha memória a emoção que senti ao visitar a Ilha de Gorée, no Senegal, de onde partiram milhares de africanos escravizados para o Brasil. Aquele passado doloroso deve ser nosso permanente alerta quanto às opressões e injustiças cometidas contra a África.

A prioridade para as relações com a África, decidida pelo meu governo, passou a ser política de Estado. Ela vai além dos discursos e das expressões de simpatia. Ela está respaldada por ações concretas. O Brasil não vem à África para expiar a culpa de um passado colonial. Tampouco vemos a África como extensa reserva de riquezas naturais a ser explorada. O Brasil deseja ser parceiro em projetos de desenvolvimento. Queremos compartilhar experiências e lições, somar esforços e unir capacidades.

Só assim nos tornaremos atores e não meras vítimas na transformação da atual ordem mundial. Tenho me dedicado pessoalmente a esse objetivo. Realizei dez viagens ao continente africano, estive em mais de (incompreensível) países. Hoje temos 34 embaixadas em países africanos.

Brasília é uma das capitais do mundo com maior número de embaixadas africanas. Espero ver concretizada em breve a abertura do escritório da União Africana em nosso país. A força da África não está apenas em seu imenso potencial de riquezas naturais. Reside na sua diversidade e na capacidade de



seu povo. Cada país tem sua realidade e suas especificidades.

Senhoras e senhores,

Temos desafios similares de desenvolvimento. Várias das questões socioeconômicas que mais afligem o continente estão também sendo enfrentadas no Brasil. Combater a fome e a pobreza, garantir a segurança alimentar e lutar por igualdade social não são questões que aprendemos apenas nos livros. Tratamos desses temas com nossos irmãos africanos a partir de experiências vividas.

A cooperação Sul-Sul, a um só tempo linha de defesa e força de ataque contra as assimetrias, as distorções, (incompreensível) e à (incompreensível) que persiste na ordem mundial. Por isso mesmo nossa cooperação tem que estar voltada para a capacitação de transferência de conhecimento por iniciativas sustentáveis e respeito às prioridades e condições locais.

Senhores chefes de Estado e chefes de Governo,

Muito me alegra que esta Cúpula tenha escolhido como tema central a importância do investimento em agricultura para o crescimento econômico e a segurança alimentar. Reitero o compromisso de meu governo de ajudar a África a promover sua própria revolução verde. Com esse objetivo abrimos em Gana um escritório da Embrapa, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, que fez do Brasil uma potência agrícola mundial. A mesma transformação tecnológica e de possibilidades que realizou no cerrado brasileiro, a Embrapa poderá reproduzir na savana africana. Essa revolução não se faz sem a agricultura familiar e a geração de emprego e renda no campo. A experiência brasileira demonstra que a produtividade da pequena agricultura e a sustentabilidade da produção de alimentos são fundamentais para erradicar a Fome. Investimos em agricultura que gera empregos. Investimentos em agricultura, que gera empregos, são a melhor forma de garantir vida digna aos nossos cidadãos. Não se pode considerar (incompreensível) sem (incompreensível) seus condicionantes



socioeconômicos. É gerando oportunidades de trabalho decente que poderemos (incompreensível) seus aspectos (incompreensível).

Outra revolução que podemos realizar juntos é a da bioenergia. Não me canso de repetir que a produção e o consumo de biocombustíveis dentro de padrões sociais e ambientais criteriosos trarão benefícios exponenciais para os países e os povos africanos. Por essa razão, encomendei estudos para a instalação na África de uma unidade produtiva de cana-de-açúcar articulada a uma usina-piloto de etanol. Investimos em tecnologia e gestão. Investimentos em tecnologia e gestão são também as melhores respostas para enfrentar a competição desleal do subsídio dos países ricos.

Estamos implantando no Mali uma fazenda-modelo de produção de algodão para capacitar pesquisadores desses países, assim como os de Burkina Fasso, Chade e Benin, os quatro países que mais sofrem com essa concorrência predatória. Graças a esse instrumento que assinaremos hoje, vamos estender essa iniciativa a outros países africanos. Estou convencido de que não é necessário ser (incompreensível) para ser solidário. É minha preocupação permanente que a cooperação com a África tenha um forte caráter de solidariedade.

Inauguramos em Maputo um escritório da Fiocruz, centro de referência mundial em medicamentos e política de saúde pública. No final deste ano, abriremos também em Moçambique uma fábrica de medicamentos genéricos e antirretrovirais com recursos, equipamentos e tecnologia brasileira. Com a próxima inauguração da universidade afro-brasileira, vamos formar cinco mil profissionais nas áreas de saúde, agricultura e gestão pública. Gerações de africanos e brasileiros aprenderão juntos a construir um futuro mais saudável e próspero para nossos povos.

Temos defendido a conclusão da Rodada de Doha como meio de fazer da agricultura um instrumento de desenvolvimento. O Brasil (incompreensível) 4ª Rodada acesso aos (incompreensível), livre de tarifas e de impostos para



produtos originários dos países de menor desenvolvimento (incompreensível).

Senhoras e senhores,

Nos dias em que vivemos, a crise financeira e econômica mundial revela a fragilidade e o caráter perverso da sua ordem internacional. É o momento de africanos e brasileiros se dedicarem conjuntamente a propor novos padrões de desenvolvimento econômico e social. Sem ingerências externas devemos forjar nossa inserção soberana no mundo.

A 2ª Cúpula África-América do Sul, em Caracas, em setembro próximo, será a oportunidade para reafirmar nosso compromisso em fazer dos nossos continentes um eixo central nas relações Sul-Sul.

Meus amigos,

Vivemos numa época de quebra de paradigmas. O Consenso de Washington fracassou. As instituições e pessoas que sempre foram pródigas em nos dar conselhos, estão hoje contabilizando a falência de suas políticas. Durante muito tempo os países ricos nos viram apenas como uma periferia distante e problemática. Hoje somos parte essencial na solução da maior crise econômica das últimas décadas, uma crise que não criamos, uma crise que nasceu no seio do capitalismo mundial, por obra da anarquia dos mercados e da irresponsabilidade de governantes que não souberam regulá-los.

A ordem mundial não é mais pautada por algumas poucas economias dominantes. Sem os países em desenvolvimento não será possível a abertura de um novo ciclo de expansão que combine crescimento, combate à fome e à pobreza, redução das desigualdades, preservação ambiental e maior equilíbrio entre as nações. Essas devem ser as prioridades da nova agenda internacional. Esta é a hora para reconstruir as instituições globais em bases mais democráticas. Contamos com a África para redefinir as governanças das instituições multilaterais, para torná-las mais representativas, legítimas e eficazes.



No G-20 financeiro, defendemos mais recursos para o comércio Sul-Sul, em particular para o comércio dos países mais pobres. Tenho me dedicado pessoalmente para que a temática do emprego e da geração de oportunidade de trabalho estejam no centro das discussões. É preciso pôr fim às condicionalidades perversas que se impuseram no passado aos países em desenvolvimento. (incompreensível) ação dos países emergentes que integram o G-20, inclusive os que recentemente realizaram empréstimo ao Fundo Monetário Internacional.

É hora de promover... É hora de remover as amarras do protecionismo e as anomalias que (incompreensível) o comércio agrícola. Contamos com o apoio do grupo africano aos esforços do G-20 e da OMC para garantir um resultado justo e equilibrado para as negociações. Nossa união também é fundamental nas discussões sobre a mudança do clima. É inadmissível que nós sejamos as principais vítimas da recusa dos grandes poluidores do mundo desenvolvido em assumir seus compromissos de redução de emissões de gases de efeito estufa.

Mais que qualquer outro continente, a África reconhece os efeitos perversos do distanciamento da autoridade, do Conselho de Segurança. É de interesse de todos reformá-lo para aumentar a presença de países em desenvolvimento, inclusive africanos, entre os seus membros permanentes.

Senhoras e senhores chefes de Estado,

O fato de a África ser uma das prioridades da política externa brasileira não se deve apenas aos profundos laços que nos unem. Essa decisão de meu governo leva em conta, sobretudo, o enorme potencial deste continente-irmão e o dinamismo de sua sociedade. Com a criatividade de seus 800 milhões de habitantes e seu imenso e rico território, a África tem um futuro extraordinário. Sinais importantes desse futuro já podem ser vistos hoje. O destino do Brasil está profundamente associado ao deste continente como esteve no passado. É significativa a lição que nos deixou (incompreensível). Dizia ele: “Se você não



gosta da história contada por alguém, escreva a sua própria”. É isso que a África e o Brasil estão fazendo, é isso que o Brasil está fazendo, e é isso que nós estamos fazendo juntos.

Meu caro irmão Kadafi,
Meus caros delegados,
Convidados,
Chefes de Estado.

Eu não poderia terminar o meu discurso sem dizer algumas coisas importantes. Primeiro, queria pedir que esse encontro, no seu documento final, tivesse o repúdio ao golpe de Estado que aconteceu em Honduras, no último domingo, e a exigência para que o Presidente eleito democraticamente possa voltar ao seu lugar. Segundo, não poderia deixar de estender um convite aqui, a pedido do presidente Chávez, para que todos os presidentes africanos estejam em Caracas no mês de setembro, para o encontro África-América do Sul.

Terceiro, queria propor, em função do tema discutido aqui, que nós pudéssemos realizar um encontro de ministros da Agricultura de toda a África, no Brasil, para que nós pudéssemos aprofundar as possibilidades de parceria da revolução agrícola (incompreensível) que o Brasil fez com os companheiros africanos.

E por último um pedido aos companheiros dirigentes africanos. O Brasil está reivindicando sediar as Olimpíadas de 2016 no Brasil. Estamos disputando com Chicago, Tóquio e Madri. E nós gostaríamos de pedir a todos os presidentes africanos que têm dirigentes do COI, que se pudessem votar no Rio de Janeiro antecipadamente, nós agradeceríamos e já convidaríamos vocês a participar da Olimpíada.

Muito obrigado.

(\$211B)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio Félix Houphouët-Boigny pela Busca da Paz

Paris-França, 07 de julho de 2009

Excelentíssimo senhor Pedro Pires, presidente da República de Cabo Verde,

Excelentíssimo senhor Abdoulaye Wade, presidente da República do Senegal,

Excelentíssimo senhor José Sócrates, primeiro-ministro da República portuguesa,

Excelentíssimo e querido amigo Mário Soares, ex-presidente de Portugal e vice-presidente do júri,

Excelentíssimo senhor Henri Konan Bédié, ex-presidente da Costa do Marfim e protetor do Prêmio,

Senhor Abdou Diouf, ex-presidente do Senegal e paraninfo do Prêmio,

Minha querida companheira Marisa,

Senhor Koichiro Matsuura, diretor-geral da Unesco,

Meu caro Alioune Traoré, secretário executivo do Prêmio Félix Houphouët-Boigny,

Meus queridos companheiros ministros brasileiros que me acompanham nesta viagem, Celso Amorim, das Relações Exteriores; Tarso Genro, da Justiça; Fernando Haddad, da Educação; e Juca Ferreira, da Cultura,

Convidados, amigos e amigas da Unesco,

Primeiro, eu queria que os tradutores pudessem me ajudar. Pedir desculpas aos jovens que entraram aqui com a faixa “Lula, tome conta da Amazônia! Não deixe a Amazônia acabar!”. Muitas vezes, por um problema de



linguagem, não se sabe quem é, e o papel da segurança, às vezes, é não permitir. Mas eu acho que o alerta destes jovens é um alerta que vale para todos nós, porque a Amazônia tem que ser, realmente, preservada. Eu queria que, também, eles não ficassem nervosos com os seguranças, porque é o papel da segurança não permitir. De qualquer forma, o mal-entendido permitiu que toda a imprensa fotografasse a reivindicação dos jovens, que deve ser a reivindicação de toda a Humanidade. A Amazônia tem que ser preservada e cuidada com muito carinho.

Agradeço ao presidente Mário Soares e ao senhor Alioune Traoré por me terem indicado para o Prêmio Houphouët-Boigny. Sinto-me honrado de compartilhar essa distinção com mulheres e homens que dedicaram suas vidas em favor da paz e de um mundo mais justo. Agradeço aos chefes de Estado e de Governo que se deslocaram a Paris para participar desta cerimônia.

Os ideais que inspiram o Prêmio, que são também os da Unesco, decorrem do legado do presidente Félix Houphouët-Boigny. Ele liderou a libertação de seu país. Integrou uma geração de líderes africanos que conduziram a luta de seu continente contra o colonialismo. Foi um precursor da integração econômica, social e cultural da África. Seu exemplo de tolerância é fonte de inspiração.

Recebo este Prêmio, não tanto como uma homenagem à minha trajetória pessoal - sindical e política - e mais como o reconhecimento das conquistas recentes do povo brasileiro.

Lutei nas fábricas, nos espaços sindicais e na arena política de meu país. Em todos esses momentos, sem perder a combatividade, nunca renunciei à busca do entendimento, à construção de consensos e ao fortalecimento da democracia.

Senhoras e senhores,

A promoção de uma cultura de paz é um dos pilares da Unesco.

Conhecemos os horrores e os sofrimentos produzidos por todas as



guerras. Os conflitos armados são uma afronta à racionalidade humana. É inadmissível tentar invocar o nome de Deus para justificá-los. É inaceitável justificar a agressão como medida preventiva. É intolerável querer transformar a diferença entre as civilizações -- em motivo de conflitos.

A paz é causa e consequência da luta pela liberdade, da democracia. É prerrogativa para o fortalecimento do estado de Direito, para a promoção da igualdade, para o combate à pobreza e à fome. Ela se confunde com a própria dignidade humana e dela se alimenta.

A paz tem múltiplas faces. Construí-la requer persistência. Exige mais do que pôr de lado as armas. Não haverá paz verdadeira enquanto não forem enfrentadas as raízes profundas dos conflitos, enquanto houver fome, desigualdade e desemprego, mas também enquanto persistir a intolerância étnica, religiosa, cultural e ideológica.

A paz no plano doméstico é tão importante quanto a ausência de guerras entre as nações. Com intensa participação da sociedade civil, elaboramos um conjunto de políticas voltadas para os setores menos favorecidos.

No Brasil, entendemos o elevado preço de deixar tantos de seus filhos entregues à própria sorte. O Estado brasileiro retomou seu papel essencial no fomento ao desenvolvimento e na promoção do bem-estar, sobretudo em face da enorme dívida social do País. Isso nos ajuda a construir uma cultura de paz.

Investimos no aprimoramento do ensino público e gratuito em todos os níveis. A Educação para Todos é uma ferramenta essencial para que todos possam tornar-se cidadãos. Pouco mais de seis anos após o lançamento do programa Fome Zero, a desnutrição já se tornou problema marginal no Brasil. Com o programa Bolsa Família, mais de 40 milhões de brasileiros deixaram a condição de indigentes. O índice de desigualdade é o mais baixo das últimas três décadas no meu país.

Provamos ser perfeitamente compatível articular equilíbrio



macroeconômico com ações capazes de distribuir renda e gerar inclusão social. O País voltou a crescer de modo sustentado. Foram criados milhões de novos empregos formais. Consolidamos uma ampla rede de proteção social.

O Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer. Muitas demandas ainda seguem pendentes.

Mas os brasileiros voltaram a confiar em si próprios, a ter esperança no futuro.

Senhoras e senhores,

Para vencer a pobreza, a desigualdade e a exclusão social, não basta avançar no âmbito nacional. É uma ilusão imaginar que a prosperidade e a democracia podem ser logradas em meio à miséria. O desenvolvimento e a estabilidade de nossos vizinhos são fundamentais para a construção de nosso próprio progresso.

Não tenho dúvidas de que as Metas de Desenvolvimento do Milênio serão alcançadas no Brasil. Mas é necessário assegurar que sejam atingidas na América Latina como um todo e nos demais países em desenvolvimento.

O momento é propício. A América do Sul vive uma vigorosa onda de democracia, encabeçada por segmentos historicamente deserdados e marginalizados, que hoje encontram seu lugar e sua voz numa sociedade mais solidária. Por isso, não podemos permitir retrocessos. Por isso, condenamos de forma veemente o golpe em Honduras, no último domingo.

Estamos forjando instituições supranacionais novas que refletem uma concepção de integração ampliada, solidária, com forte componente social e que leva em consideração a necessidade de reduzir as assimetrias entre os seus membros.

A Unasul já mostrou a que veio. Foi decisiva para a solução pacífica das disputas internas que sacudiam a Bolívia. Vai enfrentar a violência e a criminalidade transnacional com instrumentos próprios, como os Conselhos de Defesa e o Conselho de Combate às Drogas.



Nossa parceria vai além da criação de um espaço econômico continental. Queremos que a articulação de nossa diversidade seja um fator de multiplicação de nossa força.

A América Latina e o Caribe formam a primeira zona desnuclearizada do globo. O Brasil é um dos poucos países a consagrar em sua Constituição o uso da energia nuclear para fins exclusivamente pacíficos.

Os arsenais nucleares são peças ultrapassadas e obsoletas, de um tempo já superado de equilíbrio do terror. Por essa razão, não basta opor-se à proliferação nuclear. É necessário, igualmente, lutar pelo desarmamento nuclear.

Outra relíquia da Guerra Fria que acabamos de sepultar foi a exclusão de Cuba do convívio regional. O próximo passo deverá ser o fim do embargo a esse país. Essa medida será um sinal importante da disposição dos Estados Unidos em relacionar-se com toda a região, e certamente contribuirá muito para a paz nas Américas.

No Haiti, emprestamos um novo significado a operações de paz da ONU. A atuação do Brasil e de outros países no âmbito da Minustah mostra que a segurança coletiva tem de combinar-se com a justiça social e o respeito à soberania nacional.

Senhoras e senhores,

Por meio da cooperação Sul-Sul, procuramos contribuir para a redução das desigualdades no mundo. Acabo de participar da reunião de Cúpula da União Africana e verifiquei a vitalidade com que aquele continente irmão se impõe como senhor de seu destino, com respeito à diversidade e à pluralidade das opções políticas entre seus membros.

Sem ingerências externas, a África forja sua inserção soberana no mundo, preservando o espaço necessário para a elaboração e a execução de políticas que permitam superar suas vulnerabilidades e realizar todo o seu potencial. As ações no âmbito da Comunidade dos Países de Língua



Portuguesa nos permitem ampliar o leque de parcerias para o desenvolvimento.

Na condição de coordenador dos trabalhos da Comissão de Consolidação da Paz das Nações Unidas em Guiné-Bissau, saudamos a realização de eleições pacíficas, na sequência dos tristes acontecimentos que vitimaram o presidente Nino Vieira e outros líderes políticos daquele país.

A solução para a crise no Oriente Médio também nos interessa, porque interessa à Humanidade. E nada que interesse à Humanidade pode nos ser alheio.

A experiência brasileira de abrigar grandes comunidades árabe e judaica em convivência harmoniosa desmente as teses sobre a inevitabilidade do choque de civilizações. O Oriente Médio não está fadado a ser fonte de conflito e de sofrimento. É fundamental avançar rapidamente na criação de um Estado palestino que seja economicamente viável, socialmente integrado e que possa conviver em paz com o Estado de Israel.

Meu governo apoia o Plano Árabe de Paz e outras iniciativas internacionais, como as da Conferência de Annapolis. Esses esforços precisam ter continuidade para que tragédias, como a que assistimos recentemente em Gaza, não se repitam.

Caros amigos e amigas,

Não podemos ficar prisioneiros dos paradigmas que ruíram. A exclusão não é inerente às sociedades humanas, tampouco, inevitável. Nas últimas décadas, predominou a tese, nem sempre de forma explícita, de que o desenvolvimento era possível apenas para uma parcela da população. Os que não podiam ser incorporados à produção, ao mercado e à cidadania eram vistos como empecilhos ao crescimento econômico, como elementos disfuncionais. Qualquer esforço para enfrentar a pobreza e a desigualdade era visto, e até hoje o é por alguns, como assistencialismo ou populismo. Milhões de homens e mulheres eram tidos como um estorvo e não como importante



ativo para construir nações prósperas, livres, democráticas e soberanas.

A história está se encarregando de desmentir essas falsas teorias. Felizmente, já não vigoram as teses do Estado mínimo, sem presença reguladora forte. O mercado já não é uma panacéia que resolve tudo.

É hora de recuperar as melhores tradições humanistas de líderes como o presidente Houphouët-Boigny, fazendo desses ideais uma agenda progressista e uma agenda factível.

É hora de colocar o tema do desenvolvimento no centro da agenda internacional.

Segundo dados da FAO, mais de 1 bilhão de pessoas no mundo passam fome nos dias de hoje. É lamentável que no início do século XXI, marcado pelos avanços científicos e tecnológicos sem precedentes, um sexto da população do globo ainda padece do flagelo da fome.

A Ação Global Contra a Fome e a Pobreza, que lancei em 2004 em parceria com outros líderes, concluiu que seriam necessárias outras iniciativas baseadas em Mecanismos Financeiros Inovadores. Alguns passos foram dados, especialmente no campo dos medicamentos para os países pobres da África. Mas é preciso aprofundar esse esforço.

A crise econômica mundial só tende a agravar a situação dos mais pobres. Nos países desenvolvidos o impacto social da recessão é absorvido mais facilmente, tendo em vista a persistência de uma ampla rede de proteção social.

Em muitos países em desenvolvimento a situação é outra. Há uma perversa combinação entre redução das exportações e dificuldades para obter financiamento internacional.

As remessas enviadas pelos trabalhadores migrantes que vivem nos países desenvolvidos diminuem, comprometendo uma importante fonte de recursos de vários governos mas, sobretudo, de muitas famílias. Os imigrantes vêem sua situação piorar a cada dia, com o recrudescimento da xenofobia nos



países ricos.

Não é substituindo um conservadorismo fracassado por um nacionalismo protecionista que vamos sair dessa crise. É a atuação conjunta e o esforço coordenado que surtirão efeito.

Em meu país, respondemos à recessão com políticas anticíclicas. Legalizamos também dezenas de milhares de trabalhadores estrangeiros que ajudam a construir a prosperidade do Brasil. Eles passam a ter todos os benefícios dos cidadãos brasileiros.

A crise tornou evidente que a concentração do processo decisório nas mãos de poucos é uma receita falida. As reuniões do G-20 Financeiro, em Washington e Londres, reconheceram o papel dos países em desenvolvimento na manutenção da estabilidade econômica global.

A consolidação do diálogo entre países emergentes, como a recente Cúpula dos Brics realizada em Ecatemburgo, ajuda a preencher a lacuna deixada pela crise de representação nas relações internacionais.

Da mesma forma, meu governo se empenhou na criação do Fórum Índia-Brasil-África do Sul, o Ibas, que reúne três grandes democracias pluriculturais e pluriétnicas da África, da Ásia e da América do Sul.

Vemos nesta multiplicidade de iniciativas passos importantes em direção a um mundo multipolar, regido pelos princípios do multilateralismo.

Senhoras e senhores,

Um mundo mais democrático na tomada de decisões que afetam a todos é a melhor garantia de nossa segurança coletiva, dos direitos dos mais vulneráveis e da preservação da saúde do Planeta. Isso só será possível com a reforma dos mecanismos de governança globais. A reforma do Conselho de Segurança da ONU é um passo fundamental nesse sentido. O déficit de participação permanente dos países em desenvolvimento no Conselho só agrava o risco de erosão de sua legitimidade e autoridade.

Reordenar a arquitetura financeira mundial, aumentar os recursos do



FMI e do Banco Mundial, e criar linhas de crédito sem as absurdas condicionalidades do passado, eram decisões inadiáveis. Agora precisam ser colocadas em prática.

Concluir a Rodada de Doha, da Organização Mundial do Comércio, de forma equilibrada também será positivo para reanimar os fluxos comerciais, capaz de gerar círculos virtuosos de crescimento nos países em desenvolvimento.

A proteção e a promoção dos direitos humanos é tarefa inadiável. Para o Brasil, o engajamento construtivo é sempre preferível ao isolamento. O estabelecimento do Conselho de Direitos Humanos em 2005, primeiro órgão reformado da ONU, confere enfoque universalista e não-discriminatório no tratamento internacional do tema.

O Mecanismo de Revisão Periódica Universal, imune à antiga seletividade política, é ferramenta singular em sua imparcialidade. A solidariedade e a persuasão - e não a mera condenação - são os meios mais eficazes para o engajamento dos governos e da sociedade civil.

Outro desafio a ser enfrentado de forma resoluta é a mudança do clima. Em Copenhague, no final do ano, precisamos chegar a um pacto global que seja justo e ambicioso para que possamos legar às gerações seguintes um planeta viável. A responsabilidade histórica dos países desenvolvidos pelas emissões de gases de efeito estufa é indiscutível. Seus compromissos de redução não podem ser tergiversados.

Os países em desenvolvimento também contribuirão para enfrentar o aquecimento global. Com o Plano Amazônia e uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, o Brasil está fazendo a sua parte. Nosso esforço, contudo, deve ser compatível com as necessidades da promoção do desenvolvimento e da luta contra a fome e a miséria.

Senhoras e senhores, meus amigos e minhas amigas,

A Unesco tem um papel importante frente ao desafio de construir um



mundo mais próspero, igualitário e democrático, como está registrado em sua própria Constituição. Diz a Constituição da Unesco: “uma vez que as guerras se iniciam nas mentes dos homens, é nas mentes dos homens que devem ser construídas as defesas da paz”.

É no ambiente arejado dessa Organização que temas sensíveis poderão ser tratados de modo construtivo em escala global. O diálogo contínuo que se trava na Unesco tem facilitado o abrandamento de tensões políticas internacionais, com soluções inovadoras e pacíficas.

Assim como o desenvolvimento e a igualdade social, o diálogo é componente essencial para a paz.

O Brasil crê na convivência pacífica entre culturas e civilizações diferentes. Por isso, o Rio de Janeiro vai sediar, em 2010, o terceiro Fórum Mundial da Aliança das Civilizações. Esperamos poder recebê-los no Brasil nessa ocasião, motivados pelo mesmo espírito de paz que nos une neste dia tão especial.

Amigos e amigas,

É sempre possível eleger a paz e não a guerra; a democracia e não a tirania; o triunfo dos direitos humanos e não o arbítrio; a igualdade social e o bem-estar coletivo, não a exploração. Essas escolhas demandam coragem, vontade política e clareza de objetivos. Espero que esses valores não falem nunca à Humanidade.

Uma vez mais, gostaria de agradecer pela indicação deste tão importante Prêmio, não só como presidente do Brasil, mas também em nome do menino do sertão brasileiro que sonhou que, um dia, sua vila, seu país e seu planeta poderiam ser um lugar diferente.

Eu tenho a convicção... meu caro presidente do júri, Mário Soares, meus companheiros presidentes da Unesco, meus companheiros presidentes de países africanos, companheiros convidados,

Eu estou convencido de que a liberdade que nós conquistamos no



mundo, que ainda tem muita deficiência, será vencida totalmente porque nós, líderes importantes como vocês, já aprenderam que a única possibilidade de uma nação crescer, educar os seus filhos e garantir cidadania é se essa nação estiver em paz. A paz não é uma coisa qualquer. Ela é fundamental para garantir a subsistência da vida humana.

Um grande abraço e muito obrigado.

(\$211B)



Declaração à imprensa concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com os demais líderes do G-5

L'Aquila-Itália, 08 de julho de 2009

Eu não quero repetir aqui o que já disse o nosso companheiro presidente Calderón, e o companheiro primeiro-ministro Singh. Eu apenas queria dizer uma coisa que eu considero importante porque estou participando desde a primeira reunião da constituição do G-5 depois que fomos convidados em Evian, em 2003, pelo Chirac. Depois nós resolvemos, então, nos articular enquanto chefe de Estado.

Eu acredito que está se consolidando na consciência dos dirigentes do G-5, e quero dizer que também na consciência dos dirigentes do G-8, que não há muito espaço para a gente criar muitos grupos de trabalho entre os presidentes das Repúblicas do mundo inteiro.

Nós temos alguns problemas, como crise econômica profunda, e nós sabemos onde ela nasceu. Nós temos problemas sérios, como a questão climática, que nós também sabemos quem polui mais e quem polui menos, portanto, sabemos de quem é a responsabilidade. Nós temos assuntos extremamente importantes, como a segurança alimentar, que é uma questão de soberania de cada país e que nós precisamos discutir isso com muito carinho. Nós temos as reformas nos órgãos multilaterais que precisamos discutir para que a gente garanta mais representatividade nos fóruns que decidem coisas importantes e que, muitas vezes, guiam os nossos passos. E tudo isso são assuntos extremamente importantes que não podem ser divididos em 300 grupos diferentes.

Eu penso que a nota retrata com fidelidade aquilo que pensa o G-5 e acho que essa nota deve ser defendida por nós, amanhã, na reunião do G-8, para que a gente consiga firmar um consenso definitivo sobre as coisas



principais que o mundo vive hoje. Nós não podemos discutir temas como segurança alimentar, como questão climática, separados da crise econômica, porque nós sabemos que os países mais pobres estão sofrendo muito mais nessa situação.

Daí porque eu acho a importância desta reunião. Eu espero que amanhã, com muita fraternidade, muita lealdade, com os países do G-8, a gente possa aprofundar esses temas e tomar conclusões, porque não adianta a gente aprovar documentos como aprovamos o Protocolo de Quioto e, tantos anos depois, a gente perceber que ele não foi cumprido na sua totalidade. E estão aí os países ricos a exigir que os países pobres sejam responsáveis pela diminuição da poluição no Planeta. Alguns oferecem para nós alguns fundos, e nós achamos que, essas coisas, é importante discutir.

Mas o primeiro compromisso que precisa ser assumido, se a gente quiser discutir a sério a questão climática é os países ricos tomarem a decisão de diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Até porque os continentes mais pobres e, sobretudo os povos dos países mais pobres, têm o direito de ter acesso a bens materiais tanto quanto os ricos já conquistaram. Nós não queremos continuar sendo cidadãos de segunda classe, ou seja, nós queremos subir para o andar de cima e fazer parte do bem-estar coletivo que a humanidade tem que ter.

Da mesma forma, a crise econômica. Nós já fizemos... Já faz um ano que nós fizemos a primeira reunião a convite do presidente Bush – quase um ano – depois já fizemos a de Londres e é preciso que nós trabalhemos para que as coisas acordadas por todo mundo sejam cumpridas. O que eu não quero é aceitar a ideia de que alguns países ricos estão esperando ver que a natureza, por si só, tome conta da crise econômica, fique tudo como está e não se mude absolutamente nada.

Por último, nós também estamos conscientes de que a reforma nos órgãos multilaterais, a começar pelas Nações Unidas, precisa acontecer



porque nós estamos sem guardião da paz no mundo inteiro. Se a gente tivesse uma instituição mais representativa, mais legitimada pela mudança da geografia política do Planeta, certamente nós poderíamos agir com muito mais rapidez.

Dito isso, eu queria pedir paciência aos companheiros presidentes. Depois que terminar a fala do Zuma e a fala do chanceler da China, eu gostaria de dois minutos para entregar um *regalo*, um presente para cada companheiro aqui.

Apenas um... O problema é o seguinte: o primeiro a receber o presente vai ser o companheiro Zuma, porque a África do Sul sediou a Copa das Confederações, e eu fiquei vendo pela televisão. O Zuma foi a quase todos os jogos e quando a África do Sul... estava faltando cinco minutos, zero a zero com o Brasil, o Zuma estava com um sorriso de que ia ter prorrogação. E eu, do outro lado da televisão, de cara feia, esperando que o Brasil marcasse um gol. Finalmente, o Brasil marcou um gol, eu fiquei muito feliz e o Zuma ficou triste, eu vi pela televisão. Então, a primeira camisa é para o companheiro Zuma, da Seleção brasileira; depois eu vou dar uma para o México, que é um adversário sempre muito feroz do Brasil; depois eu vou dar uma para o primeiro-ministro Singh, porque haverá um dia em que a Índia terá uma seleção capaz de enfrentar a Brasileira; depois eu vou dar uma para a China, porque eu espero que a China tenha, daqui a alguns anos, a mesma competência no futebol dos homens que tem das mulheres, então...

E amanhã eu vou dar uma para o Obama, vou dar uma para o Egito, vou dar uma para o Berlusconi, porque foram adversários do Brasil muito difíceis. Como o Obama apareceu na televisão dizendo “Nós podemos, nós podemos”... quase que a Seleção dos Estados Unidos ganha da gente. Aí, quando estava dois a zero, eu comecei a dizer: “nós podemos, nós podemos”, e a Seleção brasileira ganhou.

Então, o primeiro a receber vai ser o companheiro Zuma, autografada



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

por todos os jogadores da Seleção brasileira.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da adutora Helenildo Ribeiro**

Palmeira dos Índios-AL, 14 de julho de 2009

Meu caro companheiro e governador do estado de Alagoas, Teotonio Vilela Filho,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Senhores ministros Luiz Eduardo Barretto, do Turismo; e Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional,

Senhor José Wanderley Neto, vice-governador do estado de Alagoas,
Deputado Fernando Toledo, presidente da Assembléia Legislativa de Alagoas,

Senador Fernando Collor de Mello – eu quero aqui fazer justiça ao comportamento do senador Collor e do senador Renan, que têm dado uma sustentação muito grande aos trabalhos do governo no Senado,

Quero cumprimentar os deputados Antonio Carlos Chamariz, Benedito de Lira, Givaldo Carimbão e Joaquim Beltrão, e dizer que a bancada de deputados federais do estado de Alagoas tem votado, de forma extraordinária, apoiando as propostas que o governo tem mandado para o Congresso Nacional,

Quero cumprimentar o nosso companheiro James Ribeiro, prefeito de Palmeira dos Índios, e sua companheira Jane,

Quero cumprimentar o prefeito de Maceió, Cícero Almeida,

Quero cumprimentar o prefeito da cidade de Quebrangulo – é verdade que ele cedeu o espaço para construir a barragem, reclamou, mas fez a audiência mais demorada que um prefeito já fez com o Presidente e com a Ministra juntos. Ele já reivindicou umas dez barragens ali para a cidade dele.



Quero cumprimentar a vereadora Maria Souza de Queiroz, presidente da Câmara de Vereadores de Palmeira dos Índios, em nome de quem cumprimento todos os vereadores,

Quero cumprimentar o nosso companheiro, o nosso bispo Dulcênio Fontes de Matos, bispo diocesano de Palmeira dos Índios. Quero agradecer a presença dele aqui nesta tribuna e dizer para ele que ontem, até às 10h da noite, eu tive uma reunião com o nosso querido bispo, hoje prefeito do Vaticano, Dom Cláudio Hummes.

Primeiro, [quero] ter uma conversa com os companheiros do chapéu que estão ali. Eu não sei porque a turma do chapéu estava aqui e, de repente, a turma do chapéu foi para lá. Me parece que a grande maioria de vocês são proprietários que estão com problemas de negociação da dívida no Banco do Brasil e no Banco do Nordeste. Eu acho um pouco estranho porque nós fizemos uma grande negociação da dívida mas, como de vez em quando a burocracia nem sempre cumpre aquilo que a gente decide, eu depois queria pelo menos uma comissão dos companheiros entrar aqui dentro para que a gente pudesse ter uma conversa, para conversar com o Banco do Brasil e com o Banco do Nordeste.

Quero cumprimentar cada homem, cada mulher e cada criança aqui presente,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa de Alagoas e da imprensa nacional,

Quero cumprimentar – não sei se tem aqui – moradores de Estrela de Alagoas, Minador do Negrão. Quebrangulo não precisa, porque o prefeito já tirou tudo o que a gente tinha para oferecer.

Mas, companheiros e companheiras,

Mais do que estarmos inaugurando uma adutora chamada Helenildo



Ribeiro, que é muito importante para trazer água de qualidade para vocês. Estava previsto aqui hoje – eu não pude descer na barragem porque choveu muito e o helicóptero é muito grande e a gente poderia ter problema -, mas estava previsto a gente abrir uma torneira aqui para mostrar para vocês a água tratada mas, lamentavelmente, não deu tempo de a gente fazer a obra e a torneira não pôde chegar aqui, e isso me obriga a voltar a Palmeira dos Índios para tomar da água nova que vai vir para esta cidade.

Mas muito mais do que inaugurar a adutora, nós estamos inaugurando um outro jeito de fazer política no nosso País. E por que estamos inaugurando um novo jeito de fazer política no País? Até outro dia, um presidente da República que pertencesse a um partido político, ele não visitaria um governador que pertencesse a outro partido político. Há pouco tempo atrás, um presidente da República que pertencesse a um partido político não faria uma obra em uma cidade em que o prefeito pertencesse a outro partido político. E assim passaram-se décadas e o Brasil foi sofrendo o desmazelo da irresponsabilidade das pessoas que foram eleitas.

Mesmo em uma cidade, era difícil um prefeito fazer uma obra em um bairro que tivesse lá um vereador da oposição. Na verdade, na verdade, ao invés de se governar, se fazia a política do compadrio, a política dos amigos, quando na verdade cada um de nós que é eleito, a gente não tem a irresponsabilidade de colocar a nossa divergência com um prefeito, com um governador, com um deputado, com um senador, acima da nossa obrigação de governar para o povo deste País.

Vocês viram o discurso do companheiro Teo, vocês viram o discurso do companheiro Teo. Eu tenho informação, Teo, que esse teu discurso é feito na minha ausência também, eu tenho informação. Agora, quem viu o discurso do Teo sabe perfeitamente bem que o Teo é um companheiro de um outro partido político, de um partido político que, certamente, terá um adversário para nos enfrentar.



Agora, prestem atenção no que aconteceu aqui. O que aconteceu aqui é que a gente não está pensando em 2010, a gente não está pensando nas próximas eleições. A gente está pensando é que esse povo de Palmeira dos Índios merece ser tratado com dignidade. E trazer água para as pessoas beberem é obrigação nossa, é obrigação nossa, fazer com que o povo tenha acesso à água de qualidade é o mínimo que a gente pode fazer. Eu tenho certeza de que, a partir dessa experiência da criação de um novo jeito de governar este País, quem vier depois de mim não será mais mesquinho, quem vier depois de mim terá como paradigma um outro padrão. É um padrão de respeito ao nordestino, é um padrão de respeito a esse povo do Nordeste que, ao longo de séculos, foi tratado como se fossem homens e mulheres de segunda classe, que aos anos, aos anos e mais anos, foram desrespeitados. É no Nordeste que tem menos doutores, é no Nordeste que tem menos mestres, é no Nordeste que tem menos escolas, é no Nordeste que tem mais analfabetos, é no Nordeste que tem mais mortalidade infantil, é no Nordeste que tem mais gente recebendo Bolsa Família. Ou seja, é preciso olhar o mapa do Brasil e olhar o menor estado do Nordeste com a mesma importância que a gente olha o maior estado do Sudeste neste país.

Eu não tenho nada contra nenhum estado do Sul. Não tenho nada contra o Sudeste. Aliás, devo tudo que eu sou a São Paulo, porque foi lá que eu fui criado depois dos sete anos. Foi lá que eu tive um curso profissional e foi de lá que eu tive consciência política. Mas para presidir este País, eu tenho que presidir não com o olhar de um governante, apenas. Não governar apenas com a minha consciência. Eu tenho que governar com o coração também e saber que nós precisamos recuperar o Nordeste brasileiro.

Fazer mais investimentos aqui e governar significa a gente agir como a mãe age. Uma mãe, se ela tiver três filhos, ela pode ter dois mais bonitos, mas se ela tiver um fraquinho que está doente, é daquele fraquinho que ela vai cuidar, que ela vai priorizar, que ela vai ter mais cuidado. É assim que nós



vamos recuperar o Nordeste brasileiro. É assim que nós vamos fazer Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí, Maranhão. É assim que a gente vai fazer esses estados, daqui a 15 ou 20 anos, estarem iguaizinhos a São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina. E aí, não tem outro jeito: é fazer investimento, primeiro em educação.

Aqui em Palmeira dos Índios, deve ter muito jovens no ProUni. Jovens, são mais de 1.500 jovens. Por quê? Porque é a oportunidade que a gente tem de permitir que uma criança pobre, um adolescente fazer um curso universitário e que não seja privilégio de rico estudar em universidade neste País. É na formação, é na formação da juventude que a gente vai apontar qual é o Brasil que a gente quer criar para a próxima década ou para o próximo século. Não é apenas fazendo uma ou outra obra, é fazendo um conjunto de medidas. É por isso que o Nordeste brasileiro hoje se apresenta em qualquer pesquisa como a região em que o povo mais pobre está consumindo mais. Muita gente, muita gente, quando nós criamos o Bolsa Família, falou que era esmola. Mas quem fala que é esmola, normalmente é gente que não precisa do Bolsa Família.

Eu vi na televisão, um dia desses, uma mulher dizendo que antes do Bolsa Família, era ela que estava sustentando duas netas. Antes do Bolsa Família, ela comprava um lápis e partia no meio, para que cada neta fosse para a escola com metade do lápis. Hoje, por causa do Bolsa Família, ela pode comprar uma caixa de lápis para cada neta. Certamente, para alguém que pode tomar uísque, champanhe, e dar de gorjeta R\$ 100, o Bolsa Família é muito baixo, mas para uma dona-de-casa que tem três ou quatro filhos, que pega R\$ 80, R\$ 90 ou R\$ 100 e vai na feira, ela traz comida para sustentar durante um tempo os seus filhos. E nós fazemos isso exatamente para que a gente garanta, aos poucos, uma ascensão da parte mais pobre deste país.

É por isso que estamos fazendo 14 universidades novas. É por isso que estamos fazendo 105 extensões universitárias. É por isso que estamos fazendo 214 escolas técnicas, porque nós precisamos formar a juventude deste país.



Uma mulher com profissão vale muito; sem profissão, ela fica dependendo do marido, ela fica dependendo do marido. Se precisar de dinheiro para comprar uma meia, tem que pedir para o marido, se precisar de dinheiro para comprar um batom, tem que pedir para o marido. Por isso, a mulher tem que aprender uma profissão, porque com uma profissão ela vai trabalhar, vai ganhar o seu salário e vai poder andar de cabeça erguida dentro de casa. Ela vai morar com o seu marido porque gosta dele, e não porque depende dele. É muito diferente.

Da mesma forma é o jovem, o menino. O menino sem profissão não vale nada. E eu sei a diferença disso, eu sei a diferença da minha vida quando eu me formei torneiro mecânico. Você, com uma profissão, você procura emprego, você entrega currículo, você é convidado e você entra na fábrica ganhando mais. Sem profissão, chegar na porta de uma fábrica e dizer: “o que você sabe fazer?” “Nada”. As pessoas nem querem saber o endereço e quando as pessoas contratam é para pagar o salário mínimo. Então, é importante vocês, jovens de Palmeira dos Índios, fazerem todo o esforço neste momento que vocês estão jovens, porque quando a gente é jovem, a gente não pensa em ficar doente, a gente não pensa o que vai acontecer depois de casado, a gente não pensa em muita coisa na vida. A gente só vai pensar quando a gente casar, que tiver filhos, que a gente vai ver o que a mãe da gente passou para criar a gente e o sofrimento que nós demos para ela.

Pois bem, este novo Brasil está se consolidando. Hoje o País vive um momento excepcional. Eu posso dizer para vocês que há mais de 30 anos o Brasil não via a quantidade de obras que ele está vendo hoje. Não tem um município deste país que não tenha, direta ou indiretamente, uma obra do PAC. Não tem município, que seja base regional, que não tenha uma escola técnica ou uma extensão universitária. E para nós tudo isso ainda é muito pouco porque nós queremos fazer muito mais.

A agricultura familiar, quando nós entramos no governo eram apenas 2 bilhões de financiamento. Este ano foram R\$ 15 bilhões de financiamento para



a agricultura familiar. Fizemos o programa de financiamento de trator para a agricultura familiar. Aí tem um dado extraordinário, Governador. Nós lançamos o Plano em julho do ano passado para financiar 60 mil tratores de 78 cavalos para a agricultura familiar. Em maio deste ano, nós já tínhamos vendido 11 mil tratores. Esses 11 mil tratores representavam 75% de toda a produção da fábrica de tratores no País, e com financiamento para pagar em dez anos, dois anos de juros, com três anos de carência. O que o nosso Banco do Nordeste está fazendo com o Credi Amigo? O que o Banco do Brasil está fazendo com o DRS? Pela primeira vez, as pessoas mais pobres estão sentindo o dedo do governo para ajudá-las no interior mais longínquo deste país.

Por isso, Teo, eu quero lhe dizer, e dizer com muito carinho, que o Brasil agora aprendeu a olhar o Nordeste de outro jeito. Se você pegar a história dos presidentes da República deste país, você vai perceber que, na grande maioria, os presidentes iam de São Paulo ao Rio e a Brasília, de São Paulo ao Rio e a Brasília. Não era habitual, neste país, os presidentes percorrerem o Brasil. Além do Collor, que é de Alagoas, o último presidente a vir aqui foi Juscelino Kubitschek, há mais de 50 anos. Ora, não é possível. Não é possível, porque se o presidente da República não tiver coragem de olhar na cara do povo, sentir o drama do povo e conhecer as lamúrias e as agruras deste povo, o Presidente não consegue governar.

Aqui, cada um que vive em Brasília sabe: o mundo de Brasília não é o mundo real. De Brasília a gente não consegue governar, porque em Brasília, sobretudo no Plano Piloto, é tudo mais ou menos maravilhoso, não tem problema. Agora, ser presidente da República deste país é conhecer como vive o povo nas entranhas deste país. Aquele povo que não tem sindicato, aquele povo que não tem acesso à imprensa, aquele povo que não tem acesso ao prefeito, aquele povo que vive esquecido como se ninguém se lembrasse dele. Só na época das eleições... Na época das eleições pobre tem um valor incomensurável. A coisa mais habitual, em época de eleição, é a gente ver



candidato xingar banqueiro, xingar grande empresário, xingar usineiro, e o povo é maravilhoso. Passadas as eleições, o povo nunca mais é chamado para nada, nunca mais é chamado para nada.

Isso mudou, meus companheiros, isso mudou. Vocês estão lembrados que eu disse que uma das coisas que eu queria fazer no Brasil era mudar a relação Estado-sociedade, governo-sociedade, para que o povo mais pobre se sentisse governante deste país. Aquele Palácio do Planalto, que antes só recebia grandes banqueiros, grandes empresários, príncipes, reis e governantes, hoje recebe catador de papel, hoje recebe os portadores de deficiência. No dia em que eu levei os portadores de deficiência visual com os cães-guia lá dentro do Palácio, acharam que era uma loucura eu levar cachorro para dentro do Palácio. Só que os ignorantes, que criticaram, não sabiam que aquilo não era um cachorro: aquilo eram os olhos de uma pessoa que não estava enxergando e que, portanto, tinha direito de andar lá dentro. Este país, este país nunca mais voltará ao atraso a que ele foi submetido, nunca mais. Este país, nós temos que lembrar que os negros, que os índios, que as minorias têm que ser tratadas em igualdade de condições. Não tem ninguém maior e ninguém menor. Todos nós somos brasileiros e precisamos ser respeitados.

E para isso companheiros, para isso eu quero dizer aqui a vocês, com todo carinho. Está chegando o ano eleitoral e eu não posso falar de eleição. Mas eu só vou dizer uma coisa para vocês. Podem escrever: eu vou fazer, eu vou ajudar a eleger a minha sucessora neste país. Ou sucessor. Por quê? Porque nós não temos o direito... vocês viram o Governador falar, o Prefeito falar. Antigamente... vejam uma coisa, o Collor começou o Canal do Sertão. Normalmente, as obras começavam com uma emenda parlamentar. Você pegava 30 milhões e colocava na obra. No ano seguinte, não tinha mais a emenda parlamentar, não tinha dinheiro, a obra parava. No outro ano, não tinha mais dinheiro, a obra parava. Dois anos depois, os deputados colocavam



mais uma emenda, andava mais um pouquinho. Mas cada vez que você para e cada vez que você começa, fica mais caro. Fica mais caro porque as empreiteiras levam as máquinas embora, ela manda os trabalhadores embora, depois tem que começar tudo de novo. O que nós fizemos? Vamos colocar o Canal do Sertão no PAC. Vamos colocar no PAC, porque aí não depende de emenda parlamentar, depende de dinheiro do orçamento.

Agora, nós ainda não vencemos todos os obstáculos, não vencemos. Porque tem hora que você tem o Ministério Público, que para uma obra. Tem hora que você tem a legislação ambiental, que para uma obra. Tem hora que você tem a sacanagem de uma empresa que perde a licitação e entra na Justiça para embargar a obra. E quem vai sofrendo com isso, quem é? Quem vai sofrendo com isso são as mulheres e os homens pobres deste país que têm necessidade, vêem que o governo tem dinheiro e vêem que as obras estão paradas.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero agradecer a vocês o carinho e quero dizer para vocês que vocês precisam ser mais ativos. O povo não pode ficar em casa apenas não querendo conhecer quem é candidato. Não quer conhecer quem é candidato, vereador, prefeito, deputado, governador, presidente. Chega na época das eleições, a gente vota no primeiro que dá um papelzinho para a gente. No dia seguinte, a gente não lembra em quem votou, e depois a gente já começa a xingar o político. É importante a gente saber que nós temos que ter uma participação mais ativa, para a gente eleger e para a gente cobrar. E eu tenho certeza que esta Palmeira dos Índios, chamada “a princesa do sertão”... vejam que engraçado, no avião, o Governador falou para mim: “Presidente Lula, isso aqui não parece a Suíça brasileira?” Aí eu falei: Teo, nem tanto. Não exagere, porque a Suíça brasileira, pelo que eu sei, é Garanhuns. Agora, como eu acho que o povo de Palmeira dos Índios é igual ao povo de Garanhuns, as duas cidades serão a Suíça brasileira.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das obras de reurbanização da área de Ponta
Verde e Jatiúca, orla marítima**

Maceió-AL, 14 de julho de 2009

Meus queridos companheiros e companheiras de Alagoas,
Meus queridos companheiros e companheiras de Maceió,
Meu querido amigo Teotonio Vilela Filho, governador do estado de
Alagoas,
Meu querido companheiro prefeito de Maceió, Cícero Almeida,
Meus companheiros ministros, Geddel, Dilma e Luiz Barretto,
Deputados federais,
Fernando Toledo, presidente da Assembléia,
Desembargadora Elisabeth Carvalho Nascimento, presidente do Tribunal
de Justiça de Alagoas,
Senador Fernando Collor de Mello,
Deputados federais, Carlos Chamariz, Augusto Farias, Benedito de Lira,
Francisco Tenório e Givaldo Carimbão,
Meus caros companheiros secretários de Estado, secretários municipais,
Nossa querida Magnífica Reitora, Ana Dayse Dorea, da Universidade
Federal de Alagoas,
Vereador Eduardo Holanda, presidente da Câmara Municipal de Maceió,
Meu caro João Lira,
Senhoras e senhores moradores dos bairros Pajussara, Ponte Verde,
Jatiúca e Grande Maceió,
Companheiros da imprensa de Alagoas e da imprensa nacional,
Amigos e amigas,



Aqui também tem turistas do Brasil inteiro que, em vez de estarem na praia, estão aqui ouvindo o nosso discurso, e disseram para eu dar uma mensagem especial para um tal de Pedro Paulo e Paulo Pedro, que é um casal de gêmeos. Eu estava comentando com o Prefeito que parecem Cosme e Damião os dois juntos ali. Um abraço.

Eu vou falar daqui da frente, porque eu não estava enxergando o pessoal ali do lado. Olhem, vamos nos colocar de acordo na seguinte questão: todas as vezes que um presidente da República participa de um ato público é importante que a gente compreenda o ato público como um evento institucional em que não tem partido, em que não tem candidato, porque senão a coisa não funciona. Daqui a pouco tem um juiz federal ou um juiz da Justiça Eleitoral abrindo um processo, dizendo que tem campanha política para A ou para B. Nós temos momento de governar, temos momento de administrar, temos momento de disputar campanha. Nós temos momento para cada coisa.

Eu, agora, queria falar um pouco para vocês. Eu compreendo, eu compreendo porque eu vou a muitos lugares. Os companheiros vão com as suas pautas de reivindicação, com as suas demandas. É importante que levistem a sua camiseta, que levistem as bandeiras, que levistem a reivindicação. Agora, é importante que a gente também leve em conta o seguinte: o estado de Alagoas é um estado que, durante muito tempo, foi desprezado pelos governantes de Brasília. É importante. É importante a gente lembrar que já teve governador deste estado que renunciou lá em Brasília porque o Ministério da Fazenda negou os recursos que ele precisava. É importante a gente lembrar que, vira e mexe, este estado estava sem dinheiro sequer para pagar o salário dos funcionários. É importante a gente lembrar da situação difícil.

Eu estou dizendo isso porque, [em] uma das primeiras conversas que eu tive com o Governador, eu falei: Teo, acho que o governo federal, através do Tesouro Nacional, precisa tratar Alagoas diferente do que a gente trata outros



estados. Nós temos estados com mais dificuldades do que outros, então a gente não pode tratar as negociações das dívidas de Alagoas como a gente trata do estado de Pernambuco, como a gente trata do estado do Ceará, como a gente trata do estado de São Paulo. Porque alguns estados têm condições de pagar mais, outros não podem pagar, e nós não temos o direito de levar os estados à falência ou as cidades à falência, porque o governo federal não estará bem se o estado não estiver bem, o governo federal não estará bem se a cidade não estiver bem. Então, é preciso que haja uma parceria muito verdadeira entre governo federal, governo estadual e as prefeituras deste país. Que a gente não leve em conta o partido a que nós pertencemos na época de governar. Na época da campanha eu sei quem são meus adversários, mas na época de governar eu não tenho adversário porque nós precisamos governar para o povo brasileiro. Esse tem sido o sucesso do nosso governo: é não fazer discriminação, mas reconhecer também as dificuldades que cada pessoa tem. Por que sabem o que acontece? Eu já vi muita gente, pelo menos há 25 anos, eu tenho visto pessoas governando este estado em situações de total calamidade. Tem hora que é a Polícia Estadual que entra de greve, tem hora que é a Polícia Civil que entra de greve, tem hora que são os professores que entram de greve, porque a situação do estado é uma situação, eu diria, delicada.

Então, o que nós precisamos fazer é consertar este estado para que ele se transforme em um estado com receita própria, com autonomia e com capacidade de investimento, porque senão vai acontecer a vida inteira. Vocês vão eleger e no dia seguinte já estão culpando, elegem outro e no dia seguinte estão culpando, elegem outro e no dia seguinte estão culpando, porque a gente não discute o problema principal que é a recuperação econômica do estado. Esse é um dado. A segunda coisa, é que eu venho aqui inaugurar uma obra que deve ter custado no total uns R\$ 30 milhões, toda a orla. É uma obra que mexe com uma coisa que eu acho mais sensível. Quem já foi mais gordo,



como eu estou agora, e faz um regime e perde 10 quilos, quando a gente se olha no espelho a auto-estima vai lá para o céu. Vamos ser francos.

Ora, eu estou falando isso porque uma orla dessa, eu tenho certeza que quando um alagoano levanta de manhã para fazer a sua caminhada e ele vê essa beleza, ele fala graças a Deus alguém está olhando por mim, graças a Deus alguém está fazendo as coisas, mas não são só vocês de Alagoas. Imaginem um turista que venha do Rio Grande do Sul, imagine o turista que venha de Santa Catarina, de São Paulo, do Amazonas, que venha de qualquer outro lugar do Brasil. Ou imagine o turista que venha da Alemanha, que venha dos Estados Unidos, que venha do Canadá, ou seja, ninguém gosta de miséria, ninguém gosta de pobreza, ninguém gosta de sujeira. Às vezes, as coisas não são feitas por relaxo, as coisas não são feitas, às vezes, por falta de dinheiro. Mas quando a gente vem aqui e vê um lugar de as pessoas andarem dignamente, levantar de manhã para fazer a sua ginástica, e vocês saberem que lá no Canadá, lá na Alemanha, na Holanda tem alguém falando: “Mas Maceió é uma cidade extraordinariamente bonita, limpa”. É isso que dá orgulho para a gente.

Eu dizia sempre que o mundo não respeitava muito o Brasil, porque o Brasil tinha complexo de segunda classe. O Brasil tinha complexo de inferioridade. “Ah, um presidente brasileiro perto de um presidente americano, ele já andava de cabeça baixa”. Porque nós aprendemos, desde pequenos, que nós somos de segunda classe. Nós fomos colônia, durante quase 400 anos os portugueses mandaram aqui, depois que os portugueses foram embora começou a mandar todo mundo, depois vieram os americanos e nós aprendemos que nós éramos de segunda classe. “Então, tudo que era do exterior era melhor”.

Eu aprendi, em minha vida sindical, que não existe possibilidade de um ser humano, seja ele [homem] ou mulher, ser respeitado se ele não se respeitar. A condição fundamental para você ser respeitado é você, em primeiro



lugar, se respeitar. As pessoas têm que saber que você está conversando com ele em igualdade de condições. Não tem essa de país rico, país pobre. São dois chefes de Estado e têm que conversar em igualdade de condições. Nós temos direitos, nós temos deveres e, portanto, nós queremos respeito. E respeito é bom, a gente gosta de dar e gosta de receber.

Por isso, eu fico muito orgulhoso, porque eu passei vinte anos da minha vida – acho que até perdi o dedo nisso – carregando “Fora FMI”. Cansei de carregar faixa “Fora FMI”. Gritava, gritava. Quis Deus, quis Deus que foi exatamente no meu governo, para telefonar para o Presidente do FMI, que era um espanhol, e dizer para ele: eu quero que você venha ao Brasil porque eu quero devolver o dinheiro do FMI e não quero ficar dependente do FMI. E há 15 dias, tomamos a decisão de emprestar 10 bilhões para o FMI. Para quê? Para que emprestar? Porque tem uma crise econômica internacional, que abateu profundamente os países ricos, os Estados Unidos, a Alemanha, todos os países estão em uma situação extremamente delicada, e se os ricos estão mal, os pobres estão pior ainda. Então, nós emprestamos dinheiro ao FMI para que ele empreste dinheiro aos países mais pobres sem impor condicionalidades. Não tem essa de emprestar o dinheiro, e depois vir delegação do FMI dar palpite na economia. Empréstimo o dinheiro, faça contrato e deixe o governo gastar do jeito que o governo decidir, soberanamente.

Agora, qual é o paradoxo? O paradoxo é que essa crise agora é, pelo menos, 20 vezes ou 30 vezes maior do que a crise do final dos anos 90, que pegou o México, que pegou a Rússia, que pegou inclusive o Brasil. E desta vez, o Brasil – e posso dizer isso para vocês com orgulho, olhando para a imprensa, olhando para todo mundo – desta vez o Brasil e a China são os dois países mais preparados para enfrentar a crise neste mundo. Isso me orgulha profundamente.

No mês passado tivemos 136 mil empregos de carteira assinada. Nos Estados Unidos foram quase 700 mil pessoas que ficaram desempregadas no



mês de junho. Este mês vamos crescer outra vez, e quando chegar o mês que vem, para a desgraça de quem não quer que o Brasil dê certo, a nossa economia vai crescer acima de 4% e a gente vai voltar a gerar a quantidade de riqueza que este país precisa. É exatamente os sacrifícios que nós fizemos no começo do governo que estão permitindo que a gente colha agora. Não adianta alguém plantar um pé de jaca e não podar direitinho, não jogar água, que vai colher jaca boa, não adianta. Você vai colher uma frutinha “merrecrefe” [mequetrefe], ou seja, uma coisinha bem mixuruca. Agora, se você irrigar, tratar com carinho, você vai colher uma coisa boa.

Eu aprendi, companheiros, aprendi que a palavra governar deveria... é errada. Na verdade, nós não temos que governar, nós temos que cuidar, cuidar deste país, cuidar do nosso povo, cuidar da nossa água. Agora, Dilma, veja a responsabilidade que nós temos. Você viu a quantidade de elogios que o Cícero fez e que o Teo fez, a quantidade de agradecimentos. E agora sou eu que recebi os agradecimentos, que vou me colocar alguns problemas. Eu cheguei aqui de helicóptero e eu falei: eu quero ver se eu conheço a totalidade da obra. E fomos até lá à frente. E, quando eu chego lá, eu vejo em um lugar bonito uma favelinha pequena e uma favelinha maior. Ali, eu não sei nem como se chama.

Olhe, o que eu sei é que nós não podemos recuperar a orla que nós recuperamos e deixar duas ilhotzinhas de miséria expostas para todo mundo ver. Então, eu queria pedir a Sua Excelência, o prefeito, e a Sua Excelência, o governador, que preparassem um projeto, porque ou o Ministério das Cidades ou o Ministério do Geddel, que é rico... ou seja, para a gente disponibilizar alguns recursos, quem sabe, aproveitando o programa Minha Casa, Minha Vida para a gente poder desocupar. Não é tirar como antigamente, não, mandar a polícia tirar. Nada de polícia. É tratar as pessoas com respeito e colocar no lugar daqueles barracos uma casa digna, de alvenaria, para as pessoas morarem. São poucas casas, são poucas casas. Mas nada mudará se



depois de a gente fazer todo o discurso que nós fizemos aqui, daqui a um ano tiver aqueles barracos ainda lá, assim. E o que é importante notar – e o Cícero sabe disso, deve saber muito mais do que eu – é que aquele povo que mora ali deve trabalhar naqueles (incompreensível) fica lá na frente. Então, ali é o local de moradia e o local de trabalho deles. Então, muitas vezes, nós da classe média quando vamos comprar um peixe a gente só quer saber de pegar: “está seco?, está barato?”, e a gente nunca pergunta como é que vive o pescador que pescou aquele peixe. Nunca pergunta. É por isso que eu criei o Ministério da Pesca e eu tenho certeza de que todos os pescadores deste País que estão cadastrados estão recebendo salário-defeso. Na época da desova eles recebem um salário mínimo para poder garantir não precisar pescar. Nós estamos financiando rede, estamos financiando barco, da mesma forma que a gente financia um carro na cidade, a gente financia um barquinho para o companheiro poder pescar porque é o seu instrumento de trabalho.

Uma outra coisa Dilma, que é uma reivindicação nossa para nós mesmos, é o seguinte: o governo do estado deve ter ficado com quantas casas do programa Minha Casa, Minha Vida? 29 mil eu acho que é, 19 mil, 19 mil, ...19.622, a mulher do sabe tudo! Na verdade, eu acho que se o Obama conhecesse ela, o Obama falava: “ela é a cara”.

Bem, pois bem, então, são 19 mil casas. Aqui para Maceió, aqui para Maceió, nós temos apenas quatro mil casas, me parece, para quem ganha de zero a três, porque tem oito mil para o estado, mas para Maceió são quatro. Acontece, que tanto o Prefeito quanto o Governador me disseram que tem uma grande parte da população que precisa de casa, que ganha de zero a três. São R\$ 1.200,00 e pouco, R\$ 1.300,00. Então significa, companheira Dilma, que nós, e você como coordenadora do programa, vamos ter que fazer uma avaliação de algumas cidades que podem ter casas em excesso para que a gente faça uma redistribuição e a gente possa contemplar o estado de Alagoas e, sobretudo, a grande Maceió com um pouco mais de casas. E nós... como a



Dilma está acompanhando mensalmente esse Programa, a gente vai vendo quais as cidades que estão cadastrando, quais as cidades que estão atendendo àquilo que o governo necessita e, na medida em que for sobrando, a gente faz como o dinheiro do PAC: a gente faz transferência de um projeto para outro para que esse projeto possa ser executado. É, na verdade, um programa extraordinário, é o maior programa habitacional já pensado neste país. São 1 milhão de casas que nós queremos construir até 2010. É um desafio aos empresários brasileiros, é um desafio à Caixa Econômica Federal, é um desafio a todo mundo que já discutiu programa habitacional no nosso país.

Terceira coisa que eu quero dizer para vocês: olhem, este país entrou numa nova situação. O Brasil, hoje, é um país mais respeitado e nós, então, temos que ter consciência de que o Brasil tem que aproveitar este momento e fazer aquilo que não foi feito no último século. O Brasil perdeu muitas oportunidades, sobretudo na área da educação. Nós, hoje, temos que compreender que nenhum país do mundo será competitivo se a gente não colocar a educação em primeiro lugar neste país. Lógico que todo mundo tem que ter clareza que a gente não conserta erros de um século em dez anos, mas tem que ter um processo, tem que ter um começo. É como construir a escada da China, a Muralha da China. Se o chinês, o imperador que resolveu construir aquela Muralha, ele ficasse olhando o final e visse que era difícil e muito grande e não colocasse o primeiro tijolo, a Muralha não estava pronta. Então, para recuperar a educação, nós já fizemos algumas coisas que ainda não são tudo. Primeiro, começamos agora aumentando em um ano a idade para o ensino fundamental: as crianças vão começar a entrar com seis anos na escola. Isso é importante... É muito importante, Cícero, pelo seguinte: antigamente uma pessoa de posse média poderia pegar o seu filho e colocar em uma pré-escola. Uma outra pessoa mais pobre não poderia. Quando as duas crianças se encontravam na escola, parecia que uma era mais inteligente



do que a outra. Não era mais inteligente. É que uma já tinha tido oportunidade de ter a pré-escola. Já tinha contato com o lápis, com o quadro negro, com a borracha, com o papel, já estava alfabetizada, e o outro estava começando. Então, se dizia que um era burro e o outro era inteligente. Não. Os dois eram inteligentes, só que um tinha tido a oportunidade que o outro não teve. Por isso nós diminuímos para seis anos.

Nós resolvemos fazer as escolas técnicas que faltavam no Brasil. Também não dá para fazer tudo. Eu queria dar um dado para vocês, educadores, importante. Em 1903, o presidente Nilo Peçanha criou... Melhor, em 1909, ele criou a primeira escola técnica na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. De 1909 a 2003, portanto quase um século, foram feitas no Brasil 140 escolas técnicas. Em cem anos foram feitas 140. Em 1998, não sei de quem partiu a ideia, fizeram uma lei, mandaram uma lei para o Congresso Nacional, tirando a responsabilidade do governo federal com o ensino técnico profissional. E aí, tinha que fazer convênio com as prefeituras, com ONGs, com sindicatos. O dado concreto é que elas não puderam acontecer. Nós mandamos um outro projeto de lei, revogamos a lei que estava no Congresso Nacional, e até 2010, nós vamos fazer, além das 140, nós vamos fazer, em oito anos, uma vez e meia de tudo o que foi feito em um século, de escolas técnicas neste país. Vamos fazer 214 escolas técnicas profissionais e, só neste ano, nós estaremos inaugurando cem escolas técnicas neste país.

Aqui, a nossa Magnífica Reitora sabe do que nós estamos fazendo nas universidades. São 12 universidades federais novas, duas estão em projetos de lei no Congresso Nacional para serem votadas, portanto, são 14. Mas, vamos inaugurar 105 extensões universitárias neste país. Aqui, nós já inauguramos em Arapiraca, nós temos uma lá em Palmeira dos Índios, extensão universitária que ainda não está concluída. Eu disse para a reitora que hoje nós encontramos já aluno reclamando porque a escola, a universidade não está acabada. Mas ela vai ser acabada. E por que nós



estamos fazendo isso? Porque a partir de agora... Mas aí escola técnica... Delmiro Gouveia. Não, tem mais cidades que eu não sei o nome das cidades que tem.

Mas, sabe o que acontece? O que é importante é que nós estamos preparando o País para daqui a dez anos. Porque quando a nossa juventude, meninas e homens, tiverem acesso a uma educação de melhor nível, este país não vai ser apenas exportador de soja ou exportador de minério de ferro. Este país vai exportar inteligência, conhecimento, valor agregado, e vai ser muito melhor para o nosso país.

Por último, eu queria dizer que eu vi os companheiros aí com a camisa do pré-sal, essa amarelinha, está ali a turma do pré-sal. Vocês sabem que o pré-sal foi a grande descoberta de petróleo desse começo de século no mundo. E o Brasil teve a oportunidade de descobrir a seis mil metros de profundidade jazida de petróleo com possibilidades de uma reserva extraordinária de petróleo de qualidade. Porque o nosso petróleo hoje é 16 API, ou seja, um petróleo meio grosso, que você tem que misturar com petróleo fino para facilitar o refino. Esse petróleo que nós encontramos agora é de 32 API, portanto é um petróleo quase que gasolina pronta, quase que gasolina pronta. É um petróleo de fina qualidade.

Nós já começamos a explorar no poço de Tupi, no Rio de Janeiro, de forma experimental. Porque são dois mil metros de água, dois mil metros de rocha e dois mil metros da camada de sal para a gente chegar ao petróleo. O primeiro teste que nós fizemos... ver um japonês lá na ponta, porque quase chega no Japão a broca. Quase chega lá. Agora, esse petróleo... Nós estamos agora trabalhando a regulamentação da nova lei do petróleo. Esse petróleo, eu vou contar uma história para vocês. Como é que funciona no Brasil, hoje? Esse regime de concessão que nós temos, ou seja, uma empresa vem, participa de um leilão, ela ganha o leilão. O petróleo, lá no fundo do mar, custa em média, Dilma, de US\$ 5 a US\$ 15. Lá no fundo do mar ele custa, o barril, entre US\$5 e



US\$ 15. Lá no fundão. Quando ele chega na boca, ele custa uns 70 hoje. Ora, o que acontece? Do jeito que é hoje, a empresa nos paga uma média do valor dele lá embaixo, e quando chega lá em cima, é tudo da empresa, é tudo... E ela paga para nós uma bagatela de *royalties*.

Então, nós, agora, queremos mudar. Vamos mandar a discussão para o Congresso Nacional, e nós queremos que o petróleo seja nosso lá embaixo e seja nosso lá em cima, porque é quando ele está em cima que ele tem valor. E aí nós vamos fazer diferente. Nós queremos fazer essa discussão diferente. Nós queremos discutir qual é a parte que fica para nós. Nós somos donos do petróleo. Nós temos uma empresa de alto conhecimento tecnológico, que é a Petrobras. Então, nós temos a faca e o queijo, e como estamos com fome, vamos comer, vamos comer.

Nós queremos fazer um debate nacional, porque nós não queremos que o projeto seja do governo. Nós queremos que o projeto seja da sociedade brasileira e, para isso, nós estamos propondo criar um fundo. Um fundo para quê? É um fundo que a gente possa até abrigá-lo, para a gente fazer como na Noruega. É um fundo que a gente vai cuidar da pobreza deste país, da educação deste país e do investimento em ciência e tecnologia neste país, porque é isso que vai dar garantia para todos nós. E isso, nós estamos em fase final, para terminar o projeto que a Dilma e os ministros que participam vão me entregar, e depois nós vamos fazer uma discussão com o Congresso Nacional, com a sociedade e vamos votar. E vamos ver como é que se comportam aqueles que outro dia queriam privatizar a Petrobras. Vamos ver. Teve gente que chegou a falar: “Nós precisamos nos desfazer do último paquiderme brasileiro, que é a Petrobras”. Então, esse paquiderme agora é nosso, e nós vamos cuidar do paquiderme com um carinho extraordinário, como se fosse a coisa mais inteligente do mundo.

Por último, eu quero dizer aos companheiros de Maceió que eu venho aqui desde 1979. Eu tenho um companheiro aqui que é meu compadre, o



Adelmo, que era presidente do Sindicato dos Jornalistas de Alagoas nos anos 70, 1979, 1980. Depois eu vim aqui participar de greve de jornalistas no tempo em que o Freitas Neto era presidente do Sindicato dos Jornalistas. Agora, de todos esses anos que eu vim aqui, de todos esses anos, nunca, nem meu compadre Adelmo, nem meus adversários, me convidaram para molhar a minha canela fina nessa água deliciosa aqui de Maceió. Não é possível, não é possível. Eu nunca tomei um banho na... Nunca tomei um banho. O pessoal do PT e do Sindicato vive de reunião, reunião, reunião. Então, nunca me levaram para tomar um banho na praia. Eu não vou prometer agora que eu vou tomar banho, eu não vou prometer. Mas eu já falei para o Teo e vou falar para o Prefeito: quando eu deixar de ser Presidente da República, eu vou comprar um short novo, vou bronzear as canelas – porque nós, lá de São Paulo, temos as canelas brancas, lá do Sul do País – e vou lá no lugar que eu vi, que as pessoas ficam no meio do mar, sentadas em uma cadeira, tomando água de coco com outras coisas.

Mas, antes disso, eu tenho que vir aqui inaugurar muitas obras, porque a verdade é a seguinte, a verdade é a seguinte: o Nordeste, durante quase meio século, ficou fora do mapa brasileiro. O Nordeste só aparecia no mapa da miséria, da mortalidade infantil, da desnutrição, do analfabetismo e do êxodo rural. Eu tomei consciência, não por ser nordestino, mas porque conheço o Nordeste, de que é preciso incluir o Nordeste no mapa do Brasil. Não no mapa da doença, mas no mapa da saúde; não no mapa da ignorância, mas no mapa da pós-graduação, do mestrado, do doutorado, da pesquisa. Não no mapa do êxodo rural, mas no mapa dos trabalhadores rurais, incluídos, com crédito.

Então, nós colocamos no PAC para o Nordeste, até 2010, R\$ 132 bilhões. Eu quero que os pesquisadores pesquisem, estudem quem faz Economia. Em que época deste país um governo destinou, em quatro anos, 132 bilhões de investimento e de financiamento para o Nordeste brasileiro? E vamos fazer cada vez mais porque, na verdade, o que nós estamos fazendo



quando tiramos uma favela, é a gente consertar os desmandos dos governadores do passado, dos prefeitos do passado. Quando tem um barraco, se a gente conversa, a gente não deixa ele surgir, mas se a gente deixa juntar mil, a gente tem um problema social e aí tem vereador metido, tem prefeito metido, tem deputado metido, porque na época da eleição pode tudo e depois da eleição vem o problema para quem governa resolver.

E nós, Cícero, vamos ser a geração que começou a polir, a polir, definitivamente, o desmando gerencial deste país. Eu aprendi uma coisa sagrada: não tem nada mais barato, não tem nada mais fácil do que a gente cuidar do pobre. O que é difícil é cuidar do rico, o que é difícil. O pobre, o pobre, com R\$ 10, fica agradecido. O rico, com um bilhão, ainda faz campanha contra você. Então, é preciso a gente saber trabalhar corretamente. Eu sou um Presidente de todos. Banqueiro nunca ganhou dinheiro como no meu governo, empresário nunca ganhou dinheiro como no meu governo, nunca. Nunca ganharam tanto. Agora, eu sou de todos, mas todo mundo tem que saber, eu tenho prioridade para acabar com a miséria deste país e vou cuidar dos pobres deste país.

Um abraço. Parabéns e parabéns, Prefeito.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura da 12ª Marcha dos Prefeitos**

Brasília-DF, 15 de julho de 2009

Hoje eu prometo ser curto – não grosso – porque hoje toma posse o presidente da Embrapa e tem um “porquito” assado para eu comer. Dá uma olhada no tamanho deste discurso aqui. Dinheiro que é bom, ó... Discurso...

Eu queria, antes de falar com os prefeitos e as prefeitas, eu queria cumprimentar o companheiro Marco Maia. Vocês perceberam que ele está um pouco mais gordo, um pouco maior, porque ele está exercendo a presidência da Câmara de forma interina. Já não é apenas deputado federal de Canoas, é o presidente da Câmara.

Quero cumprimentar a minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Quero cumprimentar o meu querido companheiro José Múcio, da Secretaria de Relações Institucionais,

Companheiro Tarso Genro, da Justiça,

Companheiro Alfredo Nascimento, dos Transportes,

Companheiro José Henrique Paim, ministro da Educação interino,

Companheiro Patrus Ananias, do Desenvolvimento e Combate à Fome,

Cumprimentar o companheiro José Gomes Temporão, da Saúde,

O companheiro Edison Lobão, de Minas e Energia,

O companheiro Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão,

O companheiro Hélio Costa, das Comunicações,

O companheiro Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

O companheiro Carlos Minc, do Meio Ambiente,

O companheiro Orlando Silva, do Esporte,

O companheiro Luiz Barretto, do Turismo,



O companheiro Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional,
O companheiro Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,
O companheiro Marcio Fortes, das Cidades,
O companheiro Luiz Dulci, da Secretaria-Geral,
O companheiro José Antonio Dias Toffoli, da Advocacia-Geral da União,
O companheiro Daniel Vargas, interino da Secretaria de Assuntos Estratégicos,

O companheiro Edson Santos, da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. É Ministério, senão ele não poderia ter assumido a Secretaria. Só assumiu porque foi (incompreensível) da minha nominata, porque se fosse Secretaria ele não poderia sair de deputado.

O companheiro Gregolin, que acaba de ter a Secretaria da Pesca transformada em ministro [Ministério] da Pesca,

A nossa companheira Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,

O companheiro Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,

O nosso querido companheiro almirante Júlio Soares de Moura Neto, comandante da Marinha do Brasil,

Cumprimentar aqui os nossos senadores, nossos deputados federais que estão aqui,

Cumprimentar a nossa querida Maria Fernanda Ramos Coelho, a nossa presidente da Caixa Econômica Federal,

Cumprimentar o Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Cumprimentar o Paulo Ziulkoski, presidente da Confederação Nacional dos Municípios,

E cumprimentar o companheiro João Carlos Coser, prefeito de Vitória e presidente da Frente Nacional de Prefeitos,

Bem, eu queria dizer algumas coisas para vocês antes de entrar no



sacrilégio do meu discurso. Eu penso que eu já começo a ter saudade, porque o ano que vem será a minha última participação em uma Marcha dos Prefeitos e das Prefeitas deste país a Brasília. Digo isso porque todo mundo sabe que a minha trajetória política começou no movimento sindical, e eu tenho dito para vocês, ao longo dessas caravanas que eu tenho participado, que nenhum prefeito, e muito menos os líderes dos prefeitos, tem que ter qualquer preocupação, qualquer inibição em fazer reivindicação para o governo federal e para o presidente Lula. Porque se esses companheiros que representam vocês não fizerem as reivindicações que vocês almejam que eles façam, eles passarão, em vez de ser líderes de vocês, a ser pelegos e vocês não vão gostar de liderança que não reivindique aquilo que vocês querem reivindicar.

A segunda coisa importante é que também os prefeitos têm que ter consciência de que na humanidade não existe possibilidade de você conquistar uma coisa hoje e amanhã você querer a mesma coisa. Todas as vezes que você conquista uma coisa é uma motivação a mais para você reivindicar um pouco a mais no ano seguinte. É da natureza humana, é da natureza, eu diria, de um trabalhador comum de uma fábrica pequena, de um trabalhador de uma indústria sofisticada, ao prefeito. Afinal de contas, vocês têm que prestar contas às pessoas que elegeram vocês, e uma das coisas é dizer que estão reivindicando dinheiro para que o governo federal atenda e que o governo estadual atenda. Então, isso... é importante só vocês saberem que, da parte deste governo que está aqui não há nenhuma restrição pelo fato de um companheiro concordar ou não concordar, de um falar bem ou não falar bem, não existe isso. A relação entre dois entes federados não pode ser cheia de frescura, tem que ser cheia de verdade e cheia de razão para que a gente possa se dar bem.

Vocês, é a... Nessa sexta Marcha que eu participo, companheiro Coser e companheiro Paulo, eu sinto que há uma discrepância sempre no discurso do representante da Frente Nacional de Prefeitos, que representa a capital, e o do



companheiro da CNM, que representa o conjunto das cidades, mas, sobretudo, as menores cidades do País. O discurso é outro, a realidade é outra. Eu estou vendo aqui alguns prefeitos das capitais, estou vendo de Aracaju, estou vendo de Cuiabá, estou vendo de São Paulo, estou vendo de Tocantins, estou vendo de Porto Velho, ou seja, entre os prefeitos das capitais, por mais necessidades que eles passem eles têm, em nossa visão, quase que uma administração de nababo, se comparado às cidades pequenas. Então, o discurso é sempre um pouco diferente, não é? Você pega um prefeito como o Kassab, da cidade de São Paulo, ele vale por quantos estados da Federação? Então, mesmo quando ele tem prejuízo... é o cara que tinha mil e perdeu 100. Tudo bem, perdeu muito, mas ficou com 900. E agora, o cara que só tem 100 e perde os 100 todos? Esse está “desgramado”, esse está comendo pó pensando que é queijo ralado.

Bem, então eu acho que se a gente compreender essa nossa situação aqui, a gente vai perceber que aqui o que menos me interessa, já falei para vocês, é saber a que partido vocês pertencem. O que me interessa é que vocês sejam representantes dignos do povo que há seis meses foi à urna acreditando nas coisas que vocês falaram para ele e que vocês iam fazer por ele.

Acho, José Múcio e Paulo, que eu não vou ler em meu discurso as coisas que vocês já disseram, porque seria redundância e não é legal para quem está falando tão bem de vocês e foi tão bem recebido por vocês. Eu queria dizer uma coisa, companheiro Paulo Bernardo, Guido Mantega não está aqui, companheiro José Múcio, companheiros ministros, que muitas vezes os prefeitos têm razão, às vezes nas críticas contundentes que eles fazem a nós.

Nós tomamos as decisões com a maior boa vontade do mundo, anunciamos a decisão e, às vezes, as coisas não chegam na ponta com a pressa que a gente gostaria que chegassem. Às vezes demoram, às vezes demoram. Às vezes um presidente, um ministro, um deputado, sei lá, às vezes



a gente toma a decisão, anuncia, vamos dormir acreditando que nós fizemos aquilo acontecer, passam três meses e você vai ver, aquilo não chegou onde deveria chegar. Então, as pessoas começam num processo de desconfiança.

Nós precisamos é, ao anunciar a posição, as coisas rapidamente acontecerem. O ministro Geddel, que hoje está na Integração e, portanto, é responsável pela Defesa Civil, eu falo sem medo de errar: eu duvido que na história do Brasil, duvido que na história de 500 anos deste país, calamidades como as do final do ano passado e deste ano tiveram a resposta tão imediata como nós tivemos. Duvido. Agora, às vezes, às vezes nós somos obrigados, porque senão o Geddel será processado pelo Ministério Público, às vezes nós somos... necessário ter um papel. Às vezes nós somos obrigados a ter esse papel para poder fazer as coisas acontecerem.

Mas eu tenho dito para os ministros, eu tenho ligado até do exterior: Geddel, está chovendo lá não sei onde, Geddel, vai para lá. Temporão, no Amazonas está enchendo de água, você tem que ir lá visitar os municípios porque pode ter leptospirose, pode ter outras doenças, não sei o quê, vai para lá. Porque esse é o nosso papel, e às vezes delibera o dinheiro e ele não chega com a pressa que a gente quer que chegue. Esse é um problema, viu, Paulo, você que é do Planejamento, nós precisaríamos montar uma estrutura para ver se a gente consegue eliminar a quantidade de coisas, porque há sempre a compreensão de que alguém está enganando alguém, há sempre essa visão.

Eu, ontem, fui a Palmeira dos Índios. Eu fui inaugurar uma adutora, uma grande adutora. O Geddel estava comigo, o ministro do Turismo estava comigo. Mas só que a adutora foi feita num município e a água era para Palmeira dos Índios. Aí, eu chego na cidade, o prefeito me apresenta uma pauta de reivindicação que dava para fazer umas cinco adutoras, para compensar o fato de a adutora ter sido [feita] no município dele. E nós temos que levar em conta isso, porque como é que ele vai explicar para o seu povo,



lá, como é que você faz a adutora no município dele para levar água para outro, e ele não ganha nada? A não ser que Palmeira dos Índios deixe ele pescar uma tilápia, pelo menos, quando tiver tilápia lá.

Mas aí, Paulo, eu descobri em Palmeira dos Índios uma coisa mais grave. Você está lembrado da lei que foi aprovada no Congresso Nacional para ajudar a agricultura familiar, para negociar a dívida. Isso foi no ano passado, se não me falha a memória. Eu chego em Palmeira dos Índios e tem um monte de gente de chapéu na cabeça. Aí eu fui informado que aqueles companheiros eram os companheiros que estavam para falar comigo porque a lei que nós aprovamos não chegou neles ainda. E aí eu peguei depoimento.

Agora eu estou levando o Stuckinha com uma câmera, e eu gravo depoimento agora. Quando eu for sentar com você, vou mostrar o depoimento, mostrar o depoimento das pessoas. Por quê? E aí tem um depoimento engraçado. Uma mulher tinha tomado R\$ 4 mil, ela tem 12 hectares de terra, 12 hectares. Ela falou 40 braças, 90 braças. Aí eu pedi para traduzir braça e não sei das quantas, deu 12 hectares ou uma coisa parecida assim. Aí ela falou: “Eu devia... Peguei 4 milhões em 2005. Não, em 1995, quatro mil”. Eh se fossem 4 milhões, hein? Ela pegou R\$ 4 mil em 2005. Então ela foi chamada para negociar. Na negociação, a dívida dela ficou por 20. Ou seja, ela devia 4, não podia pagar, negociou e ficou devendo 20.

Então, eu vou sentar amanhã ou depois com o Guilherme, o ministro do Desenvolvimento Agrário, com o Gilson – não sei se está no Tesouro ou no Banco Central –, com o Banco do Brasil, porque eu tenho documentos e filmagem, e eles estão reivindicando uma comissão vir aqui para mostrar. Eu estou pedindo para que cada um conte a sua história, o que aconteceu na sua vida. Por que sabe o que acontece? Eu não sei também se é tudo.... se é tudo correto, mas a verdade é que se a gente fizer uma lei para negociar a dívida, e nessa lei a gente não tirar os penduricalhos, eu acho que sempre na negociação a pessoa vai pagar o dobro do que devia.



Então, eu acho que... Nós temos que aproveitar, e eu tenho uma ansiedade porque eu tenho mais um ano e quatro meses de mandato, um ano e cinco meses de mandato, e Deus queira que quem venha seja infinitamente melhor do que eu, mais competente do que eu, faça mais relação com vocês do que eu, mas eu acho que nós precisamos ir consolidando algumas coisas que nós já demos sinais que queremos fazer.

Por exemplo, o Pronasci é lei, o Bolsa Família é lei. Mas tem uma série de conquistas que vocês conquistaram nesses anos de caravana que, possivelmente, José Múcio, fosse o caso de a gente trabalhar, daqui para a frente, para consolidar parte dessas conquistas em lei, para a gente não tocar mais neste assunto a cada ano e passar um pouco para a frente. Eu acho que a gente deveria tentar consolidar isso, conversar com a Câmara, conversar com o Senado, e quando chegar o ano que vem, a gente pudesse sancionar aqui parte dessas conquistas transformadas em lei. Eu acho que isso é que iria ajudar os companheiros prefeitos e prefeitas a não ficarem sempre na angústia se quem vai entrar vai fazer, se vai continuar, porque essa é a angústia.

Eu estou no meio dos prefeitos, Cláudio, eu duvido que algum prefeito diga que ele foi destrutado por mim, por pertencer a outro partido político, eu duvido. Agora, nós sabemos que tem gente que é discriminada neste país. Nós sabemos que tem governador que não faz a mesma prática. Nós sabemos disso, porque eu também tenho informações aqui. Eu jamais... O Kassab pode ser a minha testemunha aqui. O companheiro de Cuiabá é prefeito do PSDB, ele pode ser a minha testemunha, se em algum momento eu deixei de dar um centavo para ele... Aliás, já fui conversar com ministro porque recebi informações de que estavam tirando dinheiro porque ele não era do governo, ele é do PSDB. Não existe isso, não existe isso. A nossa relação não pode ser perversa, ela não pode ser pequena. Mas nós sabemos que tem governador no Brasil que faz: "onde eu tiver amigos, tem recursos, onde eu não tiver, tem pão e água". Nós sabemos que ainda tem. Nós sabemos que teve gente que ficou



nervosa porque nós começamos a passar o dinheiro do transporte escolar diretamente para os prefeitos. Nós sabemos que tem.

Então, eu sei que os prefeitos têm consciência e, às vezes, a cisma: “Bom, quem vai vir vai continuar?” Então, eu acho bom a gente começar a trabalhar a consolidação disso em lei, viu, José Múcio; você, Padilha, que trabalha aí, juntar o pessoal e começar. Se nós já estamos dando, por que a preocupação de não fazer uma lei e garantir isso como conquista definitiva do pessoal?

Bem, eu quero terminar dizendo para vocês que daqui a um ano e meio quando eu deixar a Presidência, eu vou voltar a votar, morar, votar no município. Daí porque vocês estão lembrados do meu primeiro discurso. Eu sou municipalista porque eu nasci, vivi e vou morrer morando em um município, preocupado com a rua que eu moro, com a coleta de lixo, com a qualidade da saúde. E aí entra a questão da Emenda 29. O que não se diz aqui – e a gente não diz isso para não ficar – mas tem 17 governadores neste país que contribuem com menos de 6% da Emenda 29 na área da Saúde. Menos. Tem alguns que contribuem com menos de 6%, quando deveriam estar colocando 12.

Então, eu acho que também os prefeitos – e aí uma sugestão – os prefeitos têm que fazer uma marcha a Brasília e uma marcha para os estados. Para quê? Para que cada um de nós assuma a responsabilidade de cumprir as coisas legais, porque aí fica menos pesado para todo mundo. E eu sei, eu tenho consciência, Paulo e Coser, eu tenho consciência que quanto mais um prefeito melhorar a Saúde, mais gente das cidades vizinhas vem à Saúde dele. Às vezes o cidadão é um cara competente, entende bem, é um bom administrador, ele monta um esquema de saúde “porreta”, daqui a pouco vem dez de um, vinte de outro, trinta de outro, daqui a pouco até gente da capital está indo ao município porque é melhor o serviço. Então eu acho que essa Emenda 29 é séria.



Eu tenho uma mágoa e vou sair com ela do governo, que foi a queda da CPMF. Eu vou sair com essa mágoa porque era a chance que a gente tinha de melhorar a Saúde neste país. A mesquinhez política acabou com a CPMF. E eu não vi nenhum empresário diminuir 0,38% no custo do produto que ele fabricava e que vendia para o povo consumidor deste país. Mas a Saúde perdeu R\$ 24 bilhões, que era o dinheiro destinado ao PAC da Saúde.

E aí eu queria pedir aos prefeitos das capitais, aos prefeitos do interior: vocês sabem que a Saúde pesa cada vez mais nas costas de vocês. E quanto mais vocês melhorarem, mais vai pesar. E todo mundo sabe que cada vez mais está mais caro levar um médico para o interior, porque médico gosta mesmo é de trabalhar na capital. Para o interior fica mais difícil. Para a periferia fica mais difícil. Então, eu sei que fica cada vez mais caro. Às vezes o médico até merece ganhar mais, mas é incompatível com a possibilidade de pagamento do prefeito.

Então, é preciso que vocês compreendam – tem uma proposta que não é do governo, é de deputados e senadores, dentro da Câmara ou do Senado (incompreensível) que vocês precisam trabalhar para aprovar. Eu vou alertar vocês: melhorar a Saúde significa mais dinheiro e significa mais reivindicação sobre a Saúde. Então, é preciso que vocês saibam que sem dinheiro vocês poderão prometer durante a eleição, poderão atacar as pessoas que vocês vão suceder, que foram incompetentes, mas quando vocês tomarem posse, que tiverem acesso à contabilidade, vocês vão perceber que vão ter as mesmas dificuldades. Então, é preciso que haja mais arrecadação, e que pode ser aprovada, Coser e Paulo, uma verba só para a Saúde, só para a Saúde. Uma coisa que possa dar garantia de que a Saúde vai melhorar neste país.

A última coisa que eu queria pedir para vocês, prefeitos, é o seguinte: essa mudança do CAUC, essa mudança (incompreensível), é porque eu acho que nenhum prefeito deve ter dificuldade de fazer as obras que são prioritárias na sua cidade. Não tem coisa pior para um presidente, para um prefeito, para



um governador ou para alguém que tenha vergonha na cara, do que ver uma obra parada por atraso de dinheiro, por burocratização de uma instituição federal, pelo Tribunal de Contas, pelo Ministério Público. Vocês sabem que todo mundo é chamado de ladrão antes de provar ser ladrão. Depois, quando é provado que é inocente, não sai uma nota no jornal dizendo que a pessoa é inocente, e as pessoas vão ficando com medo.

No mais, meus companheiros e companheiras, esse negócio da Minha Casa, Minha Vida, nós vamos ajustando aos poucos. Agora foi colocado 1 bilhão, mas nós pegamos depoimentos já, que tem cidades que a quantidade de pessoas de 0 a 3 [salários mínimos] é maior, nós vamos tentando ver que tipo de ajuste a gente quer fazer. O que eu estou doido é para essas casas continuarem a serem feitas logo, para ver se a gente consegue fazer 1 milhão de casas em dois anos. Se a gente fizer 1 milhão de casas em dois anos significa que, nos próximos anos, este país nunca mais vai ficar fazendo 100 mil casas, 200 mil casas, ou seja, nós vamos mudar de patamar.

No mais, queridos companheiros e companheiras, que Deus dê forças a vocês para continuar reivindicando e muito mais força a mim para continuar a atendê-los.

Um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de anúncio de investimentos da General Motors do Brasil**

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 15 de julho de 2009

Eu quero cumprimentar a governadora Yeda Crusius,

Cumprimentar a Dilma,

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes, o Henrique Fontana, líder do governo; o Beto Albuquerque, vice-líder; o Cláudio Diaz; nosso Fernando Marroni; e o companheiro Vieira da Cunha,

Quero cumprimentar o presidente Jaime Ardila, presidente da GM do Brasil,

O nosso companheiro Aldemir Bendine, presidente do Banco do Brasil,

A Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

Nosso querido companheiro, amigo de tantos anos, José Carlos Pinheiro Neto, vice-presidente da GM do Brasil,

Luiz Moan, diretor de assuntos institucionais da GM,

E cumprimentar os demais membros da GM,

Secretários de Estado do Rio Grande do Sul e prefeitos que estão aqui presentes,

Eu termino, agora, uma reunião do G-8 na cidade de L'Aquila, na Itália, onde estavam presentes, primeiro o G-8, depois o G-8 mais G-5, depois o G-8 mais países africanos mais Austrália mais Indonésia, ou seja, no fundo, era uma reunião que envolvia as 20 maiores economias do mundo e é incomensurável o orgulho de ser brasileiro no momento em que a gente percebe que as nossas empresas no Brasil estão melhores do que suas matrizes nos países desenvolvidos. Eu estive com o Berlusconi, eu estive com a Angela Merkel, estive com o Sarkozy, estive com o Obama, e todos eles



boquiabertos com o resultado da indústria automobilística brasileira.

Eu dizia para o Ardila que a gente poderia estar melhor se não fosse a precipitação do setor no final do ano, possivelmente levada pelo pânico que foi criado durante os meses de outubro e novembro. Eu tive que ir para a televisão no dia 22 de dezembro fazer apologia do consumo para ver se convencias as pessoas que estavam com medo de consumir, fazer uma dívida, perder o seu emprego e não poder pagar. Eu fui dizer que, se elas não comprassem, elas iam perder o emprego mais rapidamente. Jamais imaginei fazer isso na vida, mas eu estava sentindo que havia um pânico na sociedade, e todo mundo estava entrando em compasso de espera. É como se um grupo de mulheres fosse a um baile e chegasse na porta, “bom, nós só vamos entrar se tiver homens para dançar”, ou um grupo de homens fosse para o baile, “só vamos entrar se tiver mulheres”, sem botar a cara para ver se tinha ou não.

Nós estávamos convencidos de que a crise tinha chegado por último no Brasil, antes da quebra do Lehman Brothers, não tem um especialista no Brasil, sabe, que não dizia que a crise chegaria no Brasil com efeito de no máximo 1% do PIB, se ela chegasse. Depois da queda da Lehman Brothers nós tivemos o agravamento com o desaparecimento do crédito total e geral. E foi tão grave que uma empresa como a Petrobras, que antes todo mundo ficava oferecendo dinheiro, não conseguia mais crédito em lugar nenhum do mundo e teve que vir nos bancos públicos brasileiros disputar espaço com as pequenas e médias empresas que tinham a preferência desses bancos.

Então, a gente dizia que o Brasil tinha entrado por último na crise, a gente dizia que o Brasil ia sair primeiro da crise. Porque nós acreditávamos naquilo que estava acontecendo no Brasil.

É importante lembrar que, como eu sou um homem de muita fé, nós lançamos um Programa de desenvolvimento do Brasil antes da crise. Ou seja, quando a crise chegou que todos os presidentes dos países do mundo estavam anunciando programas de investimentos, nós tínhamos começado o



PAC em janeiro de 2007, portanto, um ano e meio antes da crise nós tínhamos começado um Programa.

O que nós fizemos? Eu digo sempre que quem guarda tem, ou seja, se você for cuidadoso e souber fazer a sua poupança adequadamente, na hora da dificuldade você tem a disponibilidade. Como nós fizemos as coisas certas no ano de 2003, e todo mundo sabe que nós fizemos o maior ajuste fiscal que alguém já teve coragem de fazer – o de 2003, senão a gente não sobreviveria – e fizemos um superávit de 4,25, vamos lembrar dos meus companheiros, quantas críticas eu recebi porque eu aumentei o superávit para 4,25. A gente tinha clareza de que o Brasil precisava conquistar uma palavra chave no mundo dos negócios, no mundo do investimento, era credibilidade, sobretudo para uma pessoa da minha origem, da base social que eu vim para presidente, se a gente não conquistasse a credibilidade a gente não teria conseguido dar o passo seguinte, porque a encrenca começaria no primeiro passo.

Pois bem, quando veio a crise nós dizíamos que estávamos numa situação boa e que nós iríamos sair da crise o mais rapidamente.

Os números da indústria automobilística, obviamente que não valem para todo o setor industrial brasileiro. Mas os números da indústria automobilística, pela importância que a cadeia da indústria automobilística tem no PIB industrial, mais ou menos 24%, é um sinal extraordinário.

Vamos ver aqui alguns números: só falando da GM aqui, ou seja, ela bateu o recorde mensal, obviamente estou falando de 84 anos aqui, mas de todo o tempo dela aqui no Brasil mesmo nos bons melhores momentos das últimas décadas ela vendeu 58.646 veículos. É recorde mensal.

Os números representam um aumento de 20% em relação ao mês anterior e de 12,5% em comparação a junho do ano passado, que foi um ano de ouro. Vejam... Vamos pegar a história aqui, para a gente ver. Em junho do ano passado, eu reuni a equipe econômica duas vezes e a discussão nossa era como desativar o aquecimento da economia que está crescendo demais.



Era preciso colocar um freio no crescimento da economia, porque estava se vendendo muito e a inflação podia dar sinais de volta. Isso foi em junho. Quando chega em setembro, a crise desativou, de forma exagerada, aquilo que a gente queria desativar de forma tranquila e pacífica. Também em junho – este é um dado importante – foi ultrapassada, pela primeira vez, a barreira dos 300 mil veículos vendidos no Brasil.

A Federação Nacional da Distribuição de Veículos anunciou que as vendas de veículos no País somaram 300.174 unidades em junho. Trata-se de um acréscimo de 21,54% sobre maio e de 17,3% sobre junho de 2008, que foi um ano excepcional. O cenário supera o de 2008, até então considerado o melhor da história. A média de vendas diárias, no primeiro semestre de 2009, cresceu 14% em relação ao mesmo período no ano passado. Com desempenho recorde no acúmulo de seis meses e perspectiva de superar o resultado de 2008, as montadoras preparam contratações e várias empresas já estão fazendo hora extra aos sábados. Na General mesmo, foram negociadas horas extras aos sábados e já vem sendo adotado por outras empresas do setor. Vocês sabem que outras empresas estão adotando.

Por ora, a expectativa da Fenabrave é de que as vendas de automóveis comerciais (incompreensível) 2009, alcancem 2.783.466 unidades. Isso representa um crescimento de 4,20% sobre o total das vendas realizadas em 2008. Considerando também caminhões, ônibus e motos, a indústria automobilística brasileira deve fechar o ano com 4.895.143 veículos vendidos, uma alta de 3,13% sobre 2008.

Estes números aqui são apenas para os deputados terem, para fazer discurso lá na Câmara daqui a pouco. Mas, o fato concreto, companheiros, é este. Olhem, eu posso assegurar para vocês, primeiro... Estava ouvindo a tua fala ali e estava ouvindo antes o nosso presidente da GM... Fica provado que banco público não é ruim como alguns diziam nos últimos anos. Ficou provado que um banco público bem gerenciado é uma obra-prima na hora em que falta



dinheiro no mercado, porque uma das vantagens comparativas do Brasil com os países desenvolvidos... A primeira é que os nossos bancos não estavam envolvidos no *subprime*, e a segunda é que nós tínhamos bancos públicos muito sólidos, desde o BNDES, com o aporte de R\$ 100 bilhões que nós fizemos, a mais, até a decisão nossa de fortalecer a participação da Caixa Econômica e do Banco do Brasil, e de fazer com que o Banco do Brasil e a Caixa Econômica comprassem carteiras de bancos menores, de fazer com que o Banco do Brasil comprasse a Nossa Caixa, em São Paulo, comprasse 50% do Banco Votorantim, em São Paulo.

Porque para nós, começou a ser o crédito o principal problema. Um sistema capitalista não funciona sem capital, e se o capital está desaparecido, como é que a gente vai fazer? Graças a Deus, a gente tinha alguns bancos públicos nos estados e tínhamos BNDES, Banco do Brasil e Caixa Econômica. Eu espero que, daqui para a frente, ninguém nunca mais fale mal de banco público. Aliás, na conversa que eu tive com o Obama, eu disse que o problema dos Estados Unidos é que eles não tinham um sistema sólido, com alguns bancos públicos importantes... Eu tenho certeza que se, na época, os americanos soubessem o que iria acontecer no sistema financeiro depois da quebra do *Lehman Brothers*, eles teriam salvado o *Lehman Brothers*. É que eles não tinham certeza da gravidade e do medo que [se] criou no mundo inteiro.

Bem, dito isso, eu queria dizer, Yeda, companheiros prefeitos, secretários e GM, a alegria dessa confiança no Brasil, a alegria de a Governadora ter a disposição de negociar os limites do possível para que o seu estado volte a crescer e volte a investir. Da parte do governo federal... Eu tenho conversado muito com vocês e tenho dito o seguinte: não há nenhuma razão para ter qualquer desconfiança de qualquer coisa neste país. Este país aprendeu, definitivamente, que por mais dura que seja uma verdade, ela é melhor do que 50 mentiras contadas. Sobretudo na parte econômica, não há



como mentir, porque o resultado é incontrolável, porque você pode mentir por pouco tempo. Vejam que nós adquirimos condições – e eu disse para vocês na última reunião do grupo de conselhos (incompreensível). Nós estamos desonerando a indústria, os produtos. Agora, é preciso que a gente facilite para que o povo possa comprar carro. Por que qual é a lógica? O carro continua sendo, depois da mulher ou depois do homem, a paixão do ser humano. Ou seja, este é um dado concreto: o carro é uma paixão. Quem já tem, quer trocar todo ano, e quem não tem, quer ter o primeiro. Às vezes o cidadão pensa em ter o primeiro carro antes de ter a primeira mulher, porque ele começa a querer ter carro com 14 anos, com 15 anos de idade, com 16 anos de idade. Então, vejam, é uma paixão. Agora, ele só vai poder comprar o carro se as prestações forem compatíveis com o seu contracheque. Se não, ele vai se contentar em ficar olhando na rua o carro passar. Quantos moleques de dez anos, neste país, sabem a marca de todos os carros, sabem a marca de todos os caminhões? Porque é uma paixão.

Então, se houver essa compreensão entre os entes federados do Brasil mais os empresários, de que nós juntos poderemos facilitar com que o povo tenha acesso a esse bem... Agora mesmo, quando nós desoneramos máquina de lavar, fogão, o que tem acontecido? A máquina de lavar cresceu as vendas 30%. Por que cresceu? Porque a máquina de lavar é um dos itens da independência da mulher, e é um dos jeitos que se tem de fazer os homens também lavarem roupa. É pegar a roupa dele e jogar.

Então, vejam, nós... Obviamente que não dá para a gente fazer isso de forma aleatória, mas se a gente for pegando setor por setor, tentando estruturar, nós vamos fazer, porque é assim que tem que ser feito. Vocês sabem da nossa preocupação com caminhões e com ônibus, e que queremos dar um jeito... Se nós tivemos que dar um jeito em motocicleta, se nós tivemos que dar um jeito no financiamento de barcos, agora, se nós vamos anunciar aí, financiamento de ônibus escolar, nós temos que renovar a frota de caminhões.



E eu parei com aquela bobagem de ficar preocupado: quem é que vai ficar com o caminhão velho? Vai ficar com o caminhão velho quem só tiver dinheiro para comprar caminhão velho, mas nós temos que dar oportunidade para que quem quiser um novo, possa comprar um novo. Nós diminuimos os juros de 13,3% ao ano para 4,5% ao ano; aumentamos para 96%... 96 meses o financiamento. Por quê? Porque nós queremos que o motorista autônomo, que está carregando 70% das coisas que nós usamos neste país, por estrada, tenha um carro novo, que vai ser mais tranquilo para ele, vai dar mais rentabilidade... Criamos o fundo de aval...

Então, nós aprendemos, também, a viver em um mundo em que a gente não precisa ter desconfiança de ninguém. Primeiro, porque o Brasil não quer voltar atrás. Depois, todo mundo sabe que o País não pode estar bem sem os estados estarem bem. Os estados não podem estar bem sem as cidades estarem bem. Então, no fundo, no fundo, nós estamos em um grande transatlântico: ou todo mundo rema junto ou, na hora em que ele afundar, é como o Titanic, salvam-se poucos.

E nós achamos que o Brasil entrou em uma fase primorosa de se transformar em uma grande economia. Se a gente continuar nesse ritmo, eu não tenho dúvida de que nos próximos dez anos nós seremos a quinta economia do mundo, e eu penso que o Brasil tem condições para isso, sobretudo se o Brasil for ousado. Nós temos um mercado na América do Sul, que nós ainda trabalhamos aquém das nossas possibilidades e temos um mercado africano que nós não estamos levando muito a sério. E queria que a indústria automobilística pensasse nisso, porque são mercados de quase 800 milhões de habitantes, são mercados que estão consolidando a democracia. Nós temos trabalhado junto com outros governos para tentar construir projetos entre Brasil e Estados Unidos, entre Brasil e Alemanha, entre Brasil e França, para construir coisas nesses países desenvolvidos.

Todo mundo está consciente, e eu disse na reunião do G-8: na hora em



que os países que habitualmente consumiam diminuam o seu consumo, nós temos que arrumar novos consumidores para comprar os produtos sofisticados que os países ricos fazem. Só tem um jeito: é a gente criar esses novos consumidores nos países que têm possibilidade. E o continente africano é uma extraordinária oportunidade, como nós todos rezamos para a China continuar crescendo, para a Índia continuar crescendo.

O dado concreto é que ouvi do presidente Obama que os Estados Unidos não vão voltar a ser os consumidores que eram antes. Não vão e não podem porque o povo está muito endividado. Então, vamos aproveitar o que nós temos de bom. Temos mercado, temos capacidade de produção, temos capacidade de consumo e temos um leque muito grande ainda para a gente fazer as nossas ações.

Por isso, meus parabéns, Governadora do estado. Meus parabéns, Prefeito de Gravataí. Meus parabéns à GM por essa confiança. Eu espero que, nesses próximos dias, nós recebamos aqui outras empresas automobilísticas anunciando a mesma coisa. Quando a empresa anuncia uma crise, manda trabalhador embora e, três meses depois, a empresa começa a chamar horas extras, significa que ela está acreditando no futuro e está percebendo que ela foi precipitada no mês de dezembro.

Eu acho que é compreensível o clima de pânico que se instalou no mundo, no mundo, e eu penso que nós não superamos totalmente. Não vamos, também, ser conformistas e achar que está tudo resolvido. A questão do crédito ainda tem tendências sérias, o *spread* ainda está alto e nós vamos tratar de ir construindo as coisas para melhorar a situação deste país.

Parabéns e boa sorte. Eu espero que a gente possa, daqui a alguns anos, ser os compradores de um desses 380 mil carros novos que vocês vão produzir com design brasileiro.

Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o almoço de transmissão de cargo ao novo Diretor-Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa

Brasília-DF, 15 de julho de 2009

Gilberto Carvalho poderia trazer um pedacinho do churrasco e colocar aqui à frente para despertar o apetite e eu falar pouco. Bem, eu realmente vou falar pouco, não vou precisar de discurso, não vou nem utilizar a nominata para falar das pessoas que estão aqui, porque o Reinhold já falou, porque o Sílvio já falou. Uma crítica à minha assessoria, uma crítica carinhosa: eu já cansei de pedir, pelo amor de Deus, quando vier à frente que tiver um ato em um salão fechado, coloque um retorno ali para a gente ouvir. Estávamos eu, a Dilma e a Marisa nos matando para ouvir o que o Pedro Paulo, o que o Reinhold e o que o Sílvio falaram, porque a gente não conseguiu ouvir. Uma caixinha de retorno aqui, para a gente não sofrer tanto e aprender um pouco.

Olhe, eu vou ser muito breve. Primeiro, porque eu realmente sou um homem de sorte, Reinhold, sou um homem de sorte por ter tido o Roberto Rodrigues como ministro da Agricultura, e é engraçado porque eu não conhecia o Roberto Rodrigues. Eu constituí um grupo de trabalho para discutir a agricultura brasileira e, sem conhecer o Roberto, ele foi a um grupo de trabalho. E por conta disso, com duas reuniões, ele virou ministro da Agricultura. E tive a segunda sorte, Reinhold, de ter você como ministro da Agricultura, porque antes de qualquer coisa você demonstrou ser um profissional da área e um profissional do Estado brasileiro. E isso, não existem muitos pelo Brasil afora. Você encontra pouca gente com a característica da responsabilidade de (incompreensível).

E tive muita sorte, primeiro [porque] teve o Clayton na presidência da Embrapa, depois o Sílvio. E uma coisa engraçada: quando o Sílvio me foi



indicado, eu fui alertado inclusive por alguns companheiros meus da Comissão de Agricultura, lá na Câmara dos Deputados, de que eu não deveria trazer o Sílvio para a Embrapa porque o Sílvio era um homem de direita e era um homem do agronegócio. Essas foram as acusações que fizeram contra o Sílvio. Eu pedi para o Roberto Rodrigues levar o Sílvio para eu conhecer, afinal de contas estavam me vendendo o cara como inimigo de classe. “Eu quero conhecer”. E eu vi o Sílvio e gostei do Sílvio, porque minha mãe também era analfabeta, mas tinha uma sabedoria de dizer: ...a gente conhece... um ser humano conhece o outro é olhando no olho. Não é a quantidade de diplomas só. É olhando no olho, para saber se a pessoa passa sinceridade.

E para saber se a minha convicção estava certa, se a minha intuição, eu liguei para uma pessoa que eu nem sabia que era amiga do Sílvio, mas que tinha sido reitor na Universidade Federal de São Carlos. Eu falei: no mínimo, ele deve conhecer o Sílvio. Aí liguei para esse amigo meu e falei: escuta aqui, ô fulano. Olha, o Roberto Rodrigues me trouxe aqui o Sílvio Crestana para ser presidente da Embrapa, e algumas outras pessoas me disseram que ele é um homem de direita, conservador, que só defende o agronegócio, eu quero ouvir a tua opinião. Ele falou para mim: “Olha, Presidente, você pode indicar esse homem porque eu o conheço e eu acho que ele vai dar certo na Embrapa”.

Portanto, eu concluí que não é possível um ser humano ser completo se ele ainda tiver, na sua alma, um resto de preconceito. Seja uma célula de preconceito que um ser humano tenha, ele ainda não consegue ser uma pessoa totalmente feliz. Eu aprendi a vencer esses preconceitos no dia-a-dia da prática da sobrevivência da gente. Não adianta uma pessoa não gostar de outra e dizer “olha, fulano não presta”. Eu não conheço. Eu preciso conhecer. Ele pode não prestar para você, mas pode ser ótimo para mim. Não é isso? Como é que a gente se casa? Como é que a gente se casa? Pode ser que alguém fale: “Mas a Marisa não é legal”. Mas para mim é, e assim vale para todos nós.



O que eu queria da Embrapa, no fundo, no fundo? Eu queria da Embrapa alguém que fizesse o bem para a Embrapa. A Embrapa – e hoje eu tenho mais clareza disso – é tão querida e tão respeitada no mundo, que ninguém que pertença a qualquer partido político, por mais importante que seja, ninguém tem o direito de manipular a Embrapa por interesses partidários ou por interesses eminentemente ideológicos.

Outro dia vieram me criticar porque em um ato da Embrapa – acho que foi no lançamento do PAC, Sílvia – eu citei que a Embrapa tinha sido criada no governo Médici. Se você lembrar o presidente Médici, você vai ver que tem coisas muito duras no campo da política. Mas eu achei estranho. Como é que um homem que era tão duro na política teve um assessor, não sei se na época era o Cirne Lima, não sei quem era, que disse para ele: “crie a Embrapa”, e criou a Embrapa. Veja que o (incompreensível) pode produzir coisas ruins, mas pode produzir uma coisa fantástica como a Embrapa, e que deve ser reconhecida publicamente. E as pessoas não gostam que a gente reconheça quem criou isso.

A Embrapa é hoje uma coisa extraordinária. Eu disse ao Sílvia e já disse ao companheiro Pedro o seguinte: olhe, o que eu quero de vocês? Eu quero de vocês que a Embrapa continue sendo, por todo o sempre, um centro de excelência, de respeitabilidade e quase intocável, do ponto de vista da seriedade de seus profissionais. Nós temos uma dívida enorme, ainda, com algumas regiões do País e que nós temos que cumprir. Nós temos uma dívida enorme com setores da agricultura familiar que nós precisamos ajudar a cumprir, porque quanto mais eles tiverem acesso à tecnologia, mais eles vão ganhar dinheiro e vão ficar maiores produtores. Não pensem que as pessoas só têm dez hectares porque só querem ter dez hectares. É porque eles não estão preparados para produzir bem. (incompreensível) comprar mais cinco hectares, mais seis hectares. As pessoas têm vontade de crescer na vida, ninguém quer regredir na vida, então...



E agora a minha paixão é tentar fazer com que a Embrapa adentre a América do Sul, a América Central e a África. Eu fico imaginando se a Embrapa conseguir produzir na savana africana a revolução que produziu no Centro-Oeste brasileiro e no Brasil, o que não estariam falando da Embrapa daqui a 20 ou 30 anos. E, para isso, nós temos que começar e, para começar... Nós já começamos. A Embrapa já está na cidade de Acra, em Gana, já pesquisou mais de 19 países indo a campo, e vai pesquisar mais países.

Eu já falei com o Reinhold Stephanes, nós vamos ter que chamar os companheiros da Embrapa para eles apresentarem o relatório, porque agora eu vou dar um exemplo para vocês: o Japão quer construir com o Brasil uma parceria para fazer a revolução que eles ajudaram a fazer no Brasil na década de 60 e 70, em Moçambique. Certamente, ele está pensando em consumir os produtos que vai produzir em Moçambique. Para nós é ótimo, para nós o que importa é que Moçambique cresça, se desenvolva e possa ser um grande exportador de alimentos para o Japão.

O presidente Obama está disposto a construir parceria com o Brasil para investir em terceiros países. A França está disposta a trabalhar com o Brasil para que a gente possa construir projetos conjuntos para investir em outros países. Isso é a Embrapa, meu caro, e eu quero é que as pesquisas da Embrapa sejam razão de convencimento que eu utilize para dizer para ele: olhem, vocês coloquem o dinheiro, nós colocamos a tecnologia e vamos ver se a gente liberta o continente africano de atravessar mais um século sendo o continente mãe da humanidade e, ao mesmo tempo, o continente mais pobre do Planeta. Então, eu acho que isso é que nós precisamos fazer.

Então, aqui minhas palavras, Silvio, são de agradecimento, porque você é uma figura impressionante como técnico, mas o que você tem de mais forte é a sua alma. Eu digo sempre que ninguém consegue fazer nada só por ter uma grande formação, por ter uma grande inteligência, se a pessoa não tiver alma e não tiver coração. As pessoas têm que ser dotadas de sensibilidade.



Eu, por exemplo, durante esses tempos do Sílvio nós tivemos cinco acordos com a Embrapa, nenhuma greve. Não é... Todo mundo sabe aqui que eu... se tem uma pessoa no Brasil que não pode reclamar de greve sou eu. Não posso reclamar. Mas vejam, na hora em que você estabelece uma política de conversação, na hora em que as pessoas começam a perceber que o governo está querendo fazer as coisas corretas, na hora em que as pessoas percebem que o governo está dando aquilo que pode dar e que a direção técnica da Embrapa está fazendo o possível, a gente conquista a confiança e, com a confiança, a gente consegue produzir coisas extraordinárias.

Então, Sílvio, eu sou só agradecimento a você. Espero que você continue meu amigo, espero que... Porque depois, quando sai, também esquece. Eu só vou ser presidente um ano e meio. Eu quero ver se quando eu for a São Carlos você vai continuar sendo meu amigo. Então, meus agradecimentos, Sílvio. Eu acho que o Brasil vai agradecer o tempo que você foi presidente da nossa querida Embrapa.

Ao companheiro Pedro Paulo, eu ainda não posso elogiá-lo porque... Mas tem um ingrediente: ele é especialista em feijão. Como eu acho que o feijão é a comida... Pedro Arraes. Como eu acho... Primeiro, ele tem um nome que me agrada, não é, Ana? É um nome que me agrada e certamente agrada à deputada Ana Arraes. Mas, veja, eu fui procurar as qualidades. Eu não queria saber quantas faculdades você fez, quantos mestrados você fez, mas eu vi uma coisa. O cara é especialista em feijão e especialista em arroz, também. Ora, se o cara é especialista em feijão e arroz, o que eu quero mais dele, se são exatamente o feijão e o arroz o prato mais gostoso de 99% dos brasileiros, ainda se tiver um ovo caipira frito, para a gente misturar tudo? Então, Pedro... eu só disse ao Pedro uma coisa: eu queria conhecê-lo... Quando a equipe de busca me apresentou o nome dele, eu disse (incompreensível) eu quero conhecê-lo para ver se tem uma interação química entre nós. Tem gente que pensa que esse negócio de química é só sexo. Não é não. É amizade, é



interação de companheiro. E ele tem a cara boa, ele vai longe. A única coisa que eu disse ao Pedro foi o seguinte: Pedro, olhe, acabou aquela história de a gente, por causa de 30 milhões, 40 milhões, 50 milhões, a gente deixar de fazer alguma coisa porque não tem dinheiro. A verdade é que não existe isso. É preciso, Pedro, ter um projeto, ter um projeto consistente. Quando eu pedi para o Sílvio apresentar, eu falei para o Sílvio: Sílvio, é possível você construir um PAC da Embrapa para mim? “É”. Com poucos dias, em uma viagem de avião, ele me deu o primeiro esboço. Mais uns dias, entregou o projeto. E com mais uns dias, estava aprovado o PAC, por unanimidade. E nem a Dilma tem resistência, nem a Dilma tem resistência. Na verdade, é o projeto que dá consistência às coisas, não é o discurso, de o cara falar “preciso de mais 50 ou de mais 100”, é o projeto.

Então, Pedro, eu vou te dizer uma coisa, querido. Olhe, primeiro, me tenha como parceiro, me tenha como parceiro. Se o Reinholds ficar te enrolando e não resolver, dizer que não pode, você fala diretamente com o presidente da República, que a gente resolve. Mas eu acho que o Stephanes gosta tanto ou mais da Embrapa do que todos nós que estamos aqui, porque ele prima pela seriedade e pela objetividade.

De forma que eu quero agradecer. Agradecer ao Sílvio, agradecer ao Clayton, agradecer ao Reinhold Stephanes. E a você ainda não vou agradecer, mas vou te desejar toda a sorte do mundo, meu caro. Saiba que você não tem no Presidente, na Casa Civil, no Planejamento, na Fazenda, na Agricultura, adversários para os grandes projetos da Embrapa. Você tem aliados e não haverá limite para a gente ousar, para a gente garantir que a Embrapa vai continuar sendo referência na agricultura tropical do mundo.

Um abraço e boa sorte, meu querido.

(\$211 A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante o 51º Congresso Nacional da UNE (Conune) e 1º Encontro Nacional de estudantes do ProUni

Brasília-DF, 16 de julho de 2009

Meus queridos companheiros e companheiras participantes... Vamos... Vocês vieram aqui para trabalhar ou para gritar?

Meus queridos companheiros e companheiras estudantes, participantes deste Congresso da UNE,

Meu querido Marco Maia, presidente em exercício da Câmara dos Deputados,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro José Henrique Paim, ministro interino da Educação,

Meu querido companheiro Alfredo Manevy, interino da Cultura,

Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia,

Orlando Silva, dos Esportes,

Luiz Eduardo Barretto, do Turismo,

Luiz Dulci, da Secretaria Geral da Presidência da República,

Edson Santos, ministro da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Nosso querido companheiro Gregolin, ministro da Pesca,

Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,

Companheiro João Pedro, senador da República,

Deputados federais, nosso companheiro Aldo Rebelo, nosso companheiro Chico Lopes, nosso companheiro Fernando Marroni, Íris de



Araújo, Jô Moraes, Manuela D'ávila, Paulo Henrique Lustosa e o nosso companheiro Pedro Wilson,

Meu caro Magnífico Reitor, José Geraldo de Sousa, reitor da Universidade de Brasília, em nome de quem cumprimento os demais reitores presentes neste Encontro,

Nosso querido companheiro Carlos Alberto Caser, presidente em exercício da Fundação de Economia [Fundação dos Economiários Federais], que vai ajudar a financiar a reconstrução da UNE,

Nossa querida companheira Lúcia, presidente da União Nacional dos Estudantes,

Meu querido companheiro Ismael Cardoso, presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas,

Nosso querido companheiro Fernando Moraes, presidente da Federação Única dos Petroleiros, que está aqui presente,

O nosso querido companheiro Artur, que chegou atrasado e, portanto, não está na minha nominata, presidente da CUT,

Nossos queridos companheiros estudantes,

Falaram aqui Débora Pereira e Antônio Ananias por meio de quem eu quero cumprimentar a todos os companheiros do ProUni que estão aqui presentes.

Eu, na verdade, abri mão do meu tempo, do meu discurso aqui, porque acabei de receber um telefonema da dona Marisa, para eu não esquecer que eu tenho um almoço com o presidente da Embrapa, portanto eu tenho que ir para casa logo, por isso eu vou falar pouco, abrir mão do meu discurso.

Mas, eu queria Lúcia, dizer a você e aos companheiros da UNE e aos companheiros da Ubes, os meus agradecimentos e ao mesmo tempo o meu reconhecimento pelo papel extraordinário que vocês estão cumprindo como representantes de entidades que representam os estudantes brasileiros.



Há uma diferença fundamental entre as pessoas que são líderes e exercem a liderança e as pessoas que têm o cargo, que não são líderes coisa nenhuma e por isso têm vergonha do que fazem. Houve um tempo em que algumas pessoas não encostavam perto de quem estava no governo, com medo de que aquilo poderia parecer que ele seria cooptado. Então a pessoa... eu não digo isso falando dos outros, não. Eu digo isso porque eu fui dirigente sindical, e muitas vezes a gente fazia proposta pedindo a Deus para os empresários não aceitarem porque se aceitassem a gente não sabia como explicar: aceitou, então, eu pedi pouco, pelo amor de Deus.

Eu vivi esse tempo e eu sei que muita gente aqui viveu isso: vamos pedir o impossível para que a gente mantenha o discurso radical, e o que aconteceu? Eu estou vendo aqui os outros companheiros, mas estou vendo o companheiro Pedro, ali no cantinho sentado, e eu lembro o quanto foi importante a gente construir na área da Educação o que a gente está colhendo. Porque isso é um plantio, isso não acontece como em um passe de mágica: eu quero e eu faço! Isso acontece na medida em que você decide querer e você constrói coletivamente o fazer. E nós fizemos isso.

Eu queria lembrar, inicialmente, várias conversas que eu tive com o Pedro. Aliás, eu já tinha com o Orlando, eu já tinha com o nosso companheiro e, antes de vocês na UNE, o Lindemberg. Eu tinha uma vontade que a UNE não representasse apenas os estudantes das universidades públicas. Eu tinha uma vontade que a UNE sentisse o drama das pessoas que, por não poderem entrar em uma universidade pública, iam para as escolas particulares pagar, às vezes, o que faltava para comer dentro de casa, para estudar. E não era culpa de ninguém, a não ser de sucessivos governos que, ao longo dos anos, priorizaram a irresponsabilidade com a educação para que ela fosse privatizada. Não é à toa que o estado mais rico da Federação tem 82% dos universitários em escolas particulares, o estado mais rico. E a média nacional chega mais ou menos a 65% em todo o Brasil. Ora, e nós sabemos que no



mundo inteiro há uma compatibilização disso.

Mas quando a gente propôs a criação do ProUni, e foi uma ideia genial do nosso companheiro Fernando Haddad, e que houve algumas resistências iniciais do discurso fácil... “O governo está passando dinheiro para escola particular”. Foi nesse momento que os companheiros da direção da UNE, naquele momento, disseram: “Olha, nós queremos participar e queremos ajudar a construir essa formação”. Porque muito mais do que a gente ficar discutindo se a gente está abrindo mão de imposto para criar uma bolsa de estudos, os companheiros começaram a se preocupar em quantos alunos e quantos brasileiros da periferia vão ter acesso ao banco de uma escola na universidade, coisa que não tinham há muito tempo.

Porque a vida do pobre neste país, a vida do pobre... Você tem a classe média que faz sacrifício e ainda consegue pagar. Mas você tem a parte mais pobre, em que as pessoas faziam o vestibular, passavam nas escolas particulares, e em fevereiro desistiam, porque era incompatível a renda familiar com a mensalidade que tinham que pagar.

Então eu sou agradecido à compreensão que vocês tiveram e vocês hoje estão colhendo aquilo que vocês plantaram. Porque não há momento na história deste país em que a UNE pode ir à porta das universidades particulares discutir os problemas, não apenas do ProUni, mas daqueles estudantes que pagam, e só pagam porque não tem escola pública suficiente para que todos possam estudar.

Eu acho que é uma conquista da UNE e, quem sabe, Lúcia, a gente não tenha a dimensão de medi-la agora, mas eu não sei quantos presidentes da UNE tiveram a chance que vocês tiveram, de ir na porta de escolas particulares discutir a nossa tão querida União Nacional dos Estudantes.

A segunda coisa importante foi o Reuni. Eu andava incomodado, andava incomodado porque eu não me conformava que uma universidade tivesse, no Brasil, a média de alunos por professor, 12 alunos. E a gente não queria nada.



A gente só queria, mais ou menos, equiparar ao nível da França, 18 alunos por professor. Era uma média que eu achava que era plenamente possível alcançar. Eis que, quando nós propusemos isso, os de sempre começaram a dizer que a gente estava popularizando demais a universidade. “Onde já viu colocar 12, 18 alunos por professor?” Que ia avacalhar ou reduzir a qualidade do ensino. Houve várias reitorias quebradas, várias reitorias. Não pensem que a luta foi fácil e, outra vez, eu quero dizer que a UNE jogou um papel extraordinário de uma entidade de caráter político, que não teve coragem [que teve a coragem] de dizer: “Essa bandeira é uma bandeira que nós, que somos estudantes e que somos líderes, não temos medo de defender”.

E o resultado, qual é? O resultado é que, em pouco tempo, a gente saiu de 114 mil alunos que renovavam as vagas nas universidades por ano – isso é uma média histórica – para 224 mil, depois do ProUni, e no ano que vem serão 350 mil jovens a mais. E eu posso dizer para vocês, posso dizer para você, Peta, companheira Lúcia, que essa vocês podem dizer que foi uma conquista da UNE. Porque se vocês tivessem dito não para nós, certamente nós não iríamos afrontá-los por conta da nossa relação histórica. Não iríamos afrontá-los. Então, acho que vocês foram extraordinários nesse comportamento. E também o companheiro da Ubes, os companheiros da Ubes também tiveram um papel importante.

Agora, vamos ver o que aconteceu entre nós? A primeira coisa que nós tomamos como decisão no governo foi não utilizar a palavra gasto com Educação. Porque quando a gente vai discutir o orçamento da Educação, deve ser a mesma coisa para discutir o orçamento familiar, a mesma coisa para discutir o orçamento de uma entidade. Você tem dez fontes que você precisa distribuir, você tem um montante que você arrecada e você tem que distribuir para cada área uma quantia equivalente àquela que o companheiro pensa que vale ou àquela que ele vale mesmo. E nem sempre você pode contentar todo mundo.



Então, quando chega em uma discussão orçamentária, o Ministério tal tem o mesmo valor do Ministério da Educação, o Ministério tal tem o mesmo valor do Ministério da Saúde. Na hora em que o ministro senta à mesa, é como a gente dentro da casa da gente. Não sei quem tem muitos irmãos aqui, mas ninguém aceita que o pai dê R\$ 11,00 para um porque vai para tal lugar e tente convencer o outro a pegar só R\$ 5,00 porque vai ficar em casa. Todo mundo quer os R\$ 11,00. Então, a primeira definição que nós tivemos era que em Educação neste país não utilizaríamos no orçamento mais a palavra gasto, iríamos utilizar a palavra investimento. Estava proibido qualquer ministro utilizar a palavra gasto com Educação.

Bem, não pensem que foi fácil porque é uma coisa cultural, estava arraigado em nossa massa encefálica falar gasto, porque tudo era gasto. Bem, e aí vocês sabem o que aconteceu: de pouco em pouco, de pouco em pouco, de pouco em pouco, nós criamos o Fundeb, criamos o Plano de Desenvolvimento da Educação. E o que me dá alegria hoje, companheiros, que é motivo de orgulho? Não é o primeiro Presidente da República que veio a um congresso da UNE, aqui no Brasil. É o primeiro Presidente da República que tem coragem de se reunir com os reitores brasileiros, coisa que nenhum, nenhum Presidente da República teve coragem de se reunir com os reitores. E nós, todo ano, fazemos reunião. Esse dedo que falta não foi mordida de nenhum reitor. Isso aqui foi na fábrica, na Metalúrgica Independência, em 1964. Portanto, todo ano nós nos reunimos e nunca aconteceu nada comigo e muito menos com eles.

Ora, habitua-se a chamar de sectário e radical quem faz a pauta de reivindicação e não se chama de intransigente e radical quem não quer sequer discutir a pauta de reivindicação. É uma inversão de valores. Ora, eu vim aqui e a Lúcia fez o seu discurso como se eu não estivesse aqui e ela fez mais forte ainda porque sabe que eu estava aqui. Essa relação civilizada, democrática, ninguém tem que ser dependente de ninguém. Eu sou amigo de vocês e vocês



meus amigos. Vocês são uma entidade com autonomia, na hora que vocês não concordarem é para dizer na minha cara: não concordo, sou contra e vou para a rua fazer passeata. Não tem nenhum problema.

E na hora que vocês fizerem uma reivindicação que eu não possa atender, eu vou dizer: eu não posso atender, não tenho como atender, façam o que vocês quiserem. Se não houver essa relação e a gente construir uma relação mentirosa entre o movimento e o Estado a gente passa a não contribuir para o aprimoramento civilizatório das instituições políticas deste País. E o mesmo vale para a CUT, o mesmo vale para qualquer entidade, e eu acho que essa relação é a grande conquista nossa. É a mudança de paradigma na relação entre o Estado e sociedade, entre Estado.

Eu lembro quando o Paulinho Vannuchi pediu para eu fazer um decreto convidando a Conferência Nacional GLTB. Eu fiz o decreto e aí começou a pressão em cima de mim: você não vai, você toma cuidado, você, olha, tem muita gente lá, que você não pode ir lá, que podem te agarrar, podem tirar uma foto. Eu achei um absurdo eu vir ao encontro e o que que eu vi ali? Eu vi homens e mulheres, brasileiras e brasileiros, fazendo o mesmo discurso que qualquer um de nós faz em qualquer lugar do mundo. Porque na hora de pagar imposto de renda ou de votar ninguém tem preconceito neste País, ninguém trata ninguém de forma secundarizada.

Bem, vocês sabem o número que o Dulci disse. Eu já participei de 60 conferências nacionais aqui, 60. E a gente não ouve apenas coisas boas, a gente ouve a verdade, e são nessas conferências que a gente aprende que nem tudo que permeia o gabinete de um Presidente é a pura verdade que acontece neste País. É a pura verdade. Então, eu agora estou andando com uma... O meu companheiro Stuckert anda com uma máquina, alguém fez uma reivindicação, gravo, que é para chegar e cobrar das pessoas. Porque muitas vezes, aqui, a gente aprova as coisas, decide em uma reunião com dez ministros e, três meses depois, quando eu penso que vou ser convidado para



participar da festa, a coisa nem aconteceu ainda. Porque entre o governo e a estrutura funcional você tem códigos, você tem estatuto, você tem comando, tem normatização: eu só posso isso, só posso aquilo, só posso aquilo. Se tiver no código, dizer sim ou dizer não, se aparecer uma coisa nova, a pessoa fala: “Não posso fazer”. Então, isso foi um processo evolutivo, para a gente chegar aonde nós chegamos, extraordinário.

Veja, escola técnica. Quem é deputado sabe que em 1998 foi mandada uma lei para o Congresso Nacional, tirando do governo federal a responsabilidade de o governo federal cuidar do ensino técnico profissional. Uma lei. Nós tivemos que revogar essa lei. Eu vou dar um dado para vocês, jovens, para que vocês cobrem dos outros que vierem depois. Cobrem, porque eu acho que a obrigação nossa é elevar o paradigma: quem vier depois de nós vai fazer mais. Esse é o meu sonho. Deus queira que o próximo presidente da República do Brasil possa dizer: “O Lula só fez isso. Eu fiz isso, isso e isso”. Quem sabe aqui... Eu sou daqueles, Aldo, que acho que quem mais ganhou com a Revolução de 1917 não foi quem fez a revolução. Quem mais ganhou foi a Europa Ocidental que, com medo do Comunismo, criou o Estado de bem-estar social, rapidinho, em toda a Europa Ocidental.

E, se quem vier... Se todo o mal que eu fiz para o País foi permitir que venha alguém para fazer mais do que eu fiz, eu já morrerei feliz, muito feliz. Por quê? Porque nós estamos fazendo, além das 12 universidades novas – algumas já inauguradas – tem quatro no Congresso Nacional, quatro. Uma universidade para a América Latina, com currículo latino-americano, com professor latino-americano, para que a gente possa fazer com que a América deixe de ser apenas discurso, mas seja uma realização, com estudantes de todos os países, com professores de todos os países. A história será a história da América Latina.

Outra é uma afrodescendente, que é o meu sonho. Está no Congresso Nacional. Eu falei para o Maia agora: eu pensei que quando eu mandasse um



projeto para criar universidade, em três horas estava votado. Não, demora até três anos. Mas vai ser feita na cidade de Redenção, no Ceará, onde começou o primeiro processo, o primeiro processo de libertação dos escravos. Vai ser ali. A ideia nossa é a universidade ter metade de africanos e metade de brasileiros, formar engenheiro agrônomo, formar médico, formar enfermeira, para ver se a gente ajuda a África, e é essa a forma de a gente pagar a África. Não há como a gente pagar em dinheiro o que o mundo que escravizou fez com a África. Nós temos que pagar é em solidariedade. Eu já fui à Ilha Gorée, no Senegal, pedir desculpas pelos 300 anos de escravidão e dizer que eu não podia pagar em dinheiro, mas a gente tem que pagar é em gesto de compreensão e de solidariedade ao povo africano que dedicou gerações e gerações ao enriquecimento de outros países.

Bem, nós, agora... Eu vou dar esses números, também, para vocês porque é uma outra coisa nova que está acontecendo no Brasil. Aonde eu chego hoje, no Brasil, as pessoas estão reivindicando o quê? Uma escola técnica ou uma extensão universitária. Tem coisa mais bonita do que isso? Tem coisa mais extraordinária, para um presidente da República do que ver uma menina e um menino do ProUni fazendo uma pauta de reivindicação? Se a gente não tivesse conseguido que esses meninos entrassem em uma universidade, possivelmente, quem estivesse preocupado com eles agora era o Tarso Genro, porque seria um problema de Segurança. Falta de perspectiva, falta de oportunidade leva qualquer um ao desespero, até ao suicídio. E nós estamos cuidando disso para dar oportunidade.

Vocês sabem que o Brasil tem muito preconceito. O preconceito contra os negros é tão grande, que tem gente que (incompreensível) com raiva, contra as cotas. Aqui eu não sei se está a nossa querida Nilcéa, que foi a reitora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a primeira a instituir a cota para negros no Rio de Janeiro. Ora, nós não temos que ter vergonha. Nós não estamos querendo que um negro tire o lugar de um branco, não. Somos todos



irmãos. O que nós queremos é dar uma oportunidade para quem teve menos oportunidade na história deste país. Apenas isso. Não queremos prejudicar ninguém. É apenas tentar fazer um reparo, fazer um reparo, um pequeno reparo, porque com as 104 extensões universitárias que estamos fazendo, daqui a dez anos essas extensões universitárias já estarão transformadas em faculdade, em vez de 8 cursos, 9 cursos, terão 25, 30 cursos, e nós estaremos resolvendo parte do nosso problema. Ou seja, nós estamos, eu diria... nós estamos tirando a universidade das capitais e levando para o interior. A Lúcia deve ter sentido a alegria da molecada na caravana que vocês fizeram. É outro mundo, é outra coisa o que está acontecendo no Brasil. É um processo lento, mas eu fico feliz porque... um dia eu fui a Cuba e, conversando com o Fidel, eu falei: Mas, Fidel, mas tem tantos problemas ainda em Cuba. Ele falou: “Lula, isso é um processo”. Ora, se é um processo de 59 até agora, imaginem nós que só começamos em 2003. Nós temos tempo para fazer esse processo dar... e é um processo mesmo, vai uma geração e meia, duas gerações, para a gente fazer a transformação.

Eu vou contar uma história para vocês. Eu fui esses dias a Congonhinhas, no Paraná. Tem alguém do Paraná aqui? Eu fui a Congonhinhas, no Paraná, inaugurar a casa de [nº] 2 milhões do Luz para Todos. Inaugurar a casa de [nº] 2 milhões do Luz para Todos significa que nós já atendemos 10 milhões de pessoas com o Luz para Todos. Vocês sabem que chegar a luz na casa de uma pessoa que viveu a vida inteira com um candeeiro é você fazer uma revolução e colocar a pessoa na máquina do tempo, trazer do século XVIII para o século XXI em um passe de mágica. Eu fui à casa de um cara e fiz... que viu pela primeira vez na televisão um jogo do Brasil. Vocês não imaginam a alegria. Para nós que temos televisão, uma no quarto, uma no banheiro, uma na sala, nós não ligamos para isso. Mas imaginem um coitado, que passou 50 anos com um candeeiro, pela primeira vez ver a Seleção brasileira jogar. E sabem o que significou a luz chegar na casa do cara?



Dessas 10 milhões de ligações, ou desses 2 milhões de casas, 83% compraram televisor, 79% compraram geladeira, 47% compraram aparelho de som. Ou seja, foram 1,570 milhão televisores, 1,492 milhão geladeiras e 894 aparelhos de som, por conta de chegar a luz na casa deles.

Eu fui à Bahia, em uma casa, apagar [acender], e deixaram a casa escura até eu chegar, às 7 horas da noite. E tinham lá duas mulheres, mães solteiras, cada uma com três filhos, com uma lata de refrigerante – não vou dizer o nome para não fazer *merchandising* – cheia de querosene, com um pavio. Era mais escuro do que... era quase noite, as pessoas não enxergavam nada. Aí, quando eu cheguei, peguei o dedo da mulher, coloquei na tomada e apertei, e acendeu a luz, é como se Deus tivesse feito aquela luz acontecer ali. Minha tia correu quando o Arraes ligou a luz. O Arraes apertou o botão e minha tia saiu correndo porque, 50 anos, com um fogão de uma boca só, com um candeeiro, achou que o mundo tinha acabado. Mas qual foi a frase feliz para uma mulher dizer: “é a primeira vez que eu vejo (inaudível)”. Essas coisas não têm valor, essas coisas não têm valor.

Bem, vocês sabem que de vez em quando nós temos adversários. Eu me lembro que quando nós criamos o Bolsa Família, alguém falava: “isso é populismo, isso é assistencialismo”. Pode ser, porque no fundo, no fundo, não passa de dar assistência a uma pessoa. Agora, para mim, que posso tomar cerveja em um boteco e dar R\$ 50 de gorjeta, isso não tem nenhum valor. Agora, imaginem uma mãe pobre que dizia assim: “eu, antes do Bolsa Família, comprava um lápis e partia no meio para dar metade para cada neto”. E ela dizia: “Hoje eu compro uma caixa para cada neto”. Ora, quem nasceu sem precisar disso, não sente. Agora, quem nunca teve isso e tem acesso, é tanto quanto uma revolução e é mais importante porque a revolução, a gente não sabe o que vai fazer depois. Esse negócio, a pessoa vê concretamente. As pessoas ricas não têm noção do que uma pessoa pobre faz com R\$ 80 em um supermercado, não têm noção. Para eles, não valem nada. E não valem



mesmo, para quem ganha 10 mil, 15 mil, 20 mil, 30 mil, 40 mil, R\$ 80 não são nada. Agora, dê na mão de uma senhora que tenha três ou quatro filhos, para ver o que ela é capaz de fazer, para ver o milagre que ela consegue fazer com a multiplicação dos centavos.

Então, esse momento que nós estamos vivendo é um momento que não é uma conquista do governo, não é uma conquista do governo. É uma conquista da compreensão que vocês têm do momento histórico. Esse negócio dos corpos dos desaparecidos, Lúcia, que você falou aqui, não pense que para a gente chegar onde chegamos hoje é um processo fácil. Nós temos que construir as coisas. Tem um acúmulo de força que é preciso ser construído, senão a caminhada para no meio do caminho. E nós não queríamos parar nada no meio do caminho. Hoje nós temos uma Constituição, a Dilma está preparando um decreto, e eu vou publicar o decreto com o nome da comissão, com participação de familiares, para irem lá e ver o que pode ser feito, porque nós achamos que é uma prestação de contas que o Estado brasileiro tem que fazer ao próprio povo brasileiro, para que a história não fique com uma página rasgada e que a gente não saiba o que aconteceu. Mas isso tudo é um processo em construção, não é uma coisa que a gente consegue fazer da hora para o dia.

Então, Lúcia, de coração, meus companheiros e companheiras de coração, vocês não sabem a alegria que eu estou de estar aqui junto com vocês vendo acontecer... só não conseguimos colocar a nossa mão no gesso porque, como os que falaram antes de mim falaram mais do que eu, o gesso endureceu e não ficaram os nossos dedos. De qualquer forma, se a gente chamar uma perita qualificada, a nossa impressão digital estará lá, pode utilizar para qualquer coisa que quiser.

Mas eu não queria deixar de falar da principal reivindicação que vocês fizeram, da questão do ensino público e gratuito para todo mundo. Duas coisas: primeiro, as reivindicações do ProUni. Eu acho que este ano nós tivemos a



primeira geração de formandos do ProUni. Agora, nós já temos como fazer uma aferição das coisas que andaram bem, que não andaram bem, que andaram mais ou menos, para a gente poder consertar e começar o ano que vem melhor. Mas a questão do ensino para todo mundo: o pré-sal está ali. A companheira Dilma, definitivamente, se comprometeu que dentro de dez dias ela e os ministros vão me apresentar o novo marco regulatório. E aí eu quero fazer um debate, quero mandar isso para o Congresso e debater, porque eu não quero que seja um projeto meu, tem que ser um projeto da sociedade brasileira, para que ninguém, nunca mais, tente privatizar esse patrimônio nacional que é a Petrobras. Mas eu pedi para os companheiros da comissão que nós vamos criar um fundo com uma parte do dinheiro do pré-sal. Esse fundo tem três destinos fundamentais. Um deles é a Educação. Nós temos que recuperar o atraso educacional a que este país foi submetido desde que foi descoberto. Um outro [destino] dele será para combater a pobreza nos locais mais pobres deste país, para a gente elevar o padrão de vida do povo brasileiro. E um outro será para investir em ciência e tecnologia, porque o Brasil não pode deixar de compreender que são investimentos dessa magnitude que vão permitir ao Brasil dar um salto de qualidade.

E vocês têm que ter orgulho. Vocês, estudantes brasileiros, não têm que ter vergonha não, porque este país, este ano, passou a Rússia e a Holanda em produção de artigos científicos em revistas especializadas, porque nós tivemos coragem de fazer, com a participação dos estudantes brasileiros, o primeiro programa de ciência e tecnologia que não é do ministro e que não é do governo, é da sociedade. E a sociedade aprovou R\$ 41 bilhões, até 2010, para investimento em ciência e tecnologia.

Então, eu saio daqui dizendo para vocês o seguinte: valeu a pena vocês acreditarem que era possível protestar e construir. Valeu a pena vocês assumirem a responsabilidade de dizer: “Nós somos uma entidade que protestamos quando necessário, fazemos passeata quando necessário”, mas



tiveram a coragem de me propor a reconstrução do projeto Rondon e fazer as pessoas viajarem por este país conhecendo os seus irmãos que, muitas vezes, nunca conseguem chegar perto da gente.

A todos vocês, que Deus permita que nesse dia que vocês vão ficar aqui, a sabedoria passe pela mente de vocês tudo aquilo que ainda falta fazer porque, certamente, vai precisar de mais alguns governos ou, quem sabe, muitos, para que a gente possa transformar o nosso país em um país justo, em um país solidário, em um país em que os estudantes não irão reivindicar apenas mais carteiras ou bancos na escola, mas vão discutir a qualidade e o futuro deste país.

Muito obrigado, gente. Que Deus abençoe cada um de vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da adequação de capacidade da rodovia BR-
230/PB**

Campina Grande-PB, 28 de julho de 2009

Meus queridos companheiros da Paraíba,
Meu caro companheiro governador do estado, José Maranhão,
Meus caros companheiros ministros Alfredo Nascimento, dos
Transportes, e Fernando Haddad, da Educação,

Meu caro companheiro Luciano Cartaxo, vice-governador da Paraíba,

Meu caro Roberto Cavalcanti, senador da República,

Deputados federais Armando Abílio e Jô Moraes. A Jô Moraes, para os
companheiros aqui saberem, ela é deputada federal por Minas Gerais, mas
companheira do PCdoB, grande companheira nossa. E para mim é novidade
saber que ela é mineira, porque eu sempre achei que ela... que ela era
paraibana, eu sempre achei que ela fosse mineira. Ela (incompreensível) de
Cabedelo porque ela queria um pouquinho d'água para tomar um banho,
porque em Minas Gerais não tem mar, então ela veio para cá.

Meus caros companheiros deputado Major Fábio, deputado Manoel
Júnior, deputado Marcondes Gadelha, deputado Wilson Santiago,

Meu caro companheiro Pagot, diretor-geral do DNIT,

Meu caro companheiro Veneziano Vital, prefeito de Campina Grande,

Meu caro Claudino César Freire, prefeito de Gurinhém,

Meu caro Expedito Leite da Silva, superintendente do DNIT na Paraíba,

Meu caro Sérgio Tomaz, inspetor da Polícia Rodoviária Federal da
Paraíba,

Meu caro Solon Alves Diniz, superintendente do DER da Paraíba,

Companheiros deputados estaduais,



Vereadores,
Secretários dos estados,
Meus amigos,
Minhas amigas,

Bem, deixa eu cumprimentar aqui a prefeita Clarice, de Pedras de Fogo; a prefeita Magna Gerbasi, de Rio Tinto; o prefeito João Madruga, de Mataraca. Mataraca, Mataraca... Então, escreveram errado aqui para mim.

Meus companheiros prefeito Claudino, de Gurinhém; prefeita Marcilene, de São Miguel de Taipu; prefeito Adal, de Salgado de São Félix; prefeita Dida, de Itabaiana; prefeito Eduardo, de Mamanguape; e prefeito Marcus Odilon, de Santa Rita. Eu estou impressionado como é que na (incompreensível) da Paraíba, dizem que é terra de mulher macho, tem muito mais mulher do que homem prefeito aqui nesta região. Olhe, ô gente, não colocaram a minha querida companheira de Pombal aqui... um abraço para a nossa prefeita de Pombal.

Olhe, eu falei para o José Maranhão que nós temos que ter cuidado porque para a gente vir poder fazer esta inauguração, a gente teve que trancar várias partes da pista aí e eu vi um tanto de caminhão parado ali, é capaz de a gente perder mais voto do que ganhar voto aqui. Como eu não sou candidato, então eu não tenho mais problema de voto.

Mas é importante vir aqui porque esta é uma rodovia extremamente importante para o País. Saber que uma rodovia que nasce aqui em Cabedelo vai até o estado do Amazonas é um privilégio realmente, é um privilégio...é uma estrada de mais de quatro mil quilômetros. E quando a gente vem duplicar este trecho importante dessa rodovia, este trecho que eu cansei de passar aqui nos anos 80, na fundação do PT, na fundação da CUT... era uma pistazinha que para um carro passar o outro tinha que parar... aqui morreu muita gente. Inclusive, Maranhão, a mulher do meu companheiro Marco Aurélio, ela morreu



aqui nesta estrada indo visitar, indo visitar a Margarida Alves, indo a um ato da Margarida Alves quando ela foi assassinada em Lagoa Grande.

Então, quando a gente vem aqui completar a fase final da inauguração de uma estrada que pega o trecho mais importante do estado da Paraíba, envolvendo João Pessoa e Campina Grande, eu não poderia deixar de vir aqui. Não poderia deixar porque um governante governa também por símbolos, com atitudes, com gestos, e a gente precisa fazer com que as coisas boas que acontecem neste País, que a gente participe, porque senão a gente só vê as coisas ruins sendo noticiadas todo santo dia. Então, é preciso a gente vir de corpo presente para dizer ao povo da Paraíba que, finalmente, o povo de Campina Grande vai poder ir tomar um belo banho de mar em João Pessoa, em uma estrada totalmente duplicada. Ainda assim, é importante que os companheiros saibam que, se beber, não dirija. Se beber, não pegue estrada. Porque o cidadão bom vê esta faixa do meio, mas o cidadão meio, meio, “esbilhotado”, vai pensar que é a mesma coisa e vai fazer ziguezague. Então, é importante não beber. E o pessoal de João Pessoa vai poder vir a Campina Grande para fazer compras, vai poder... Porque o povo de Campina Grande não é mole. Eles acham que Campina Grande é mais importante do que João Pessoa. Não é verdade, Veneziano? É verdade. É uma disputa... É que nem Garanhuns e Recife. A gente não sabe qual é maior.

Mas eu queria dizer para vocês que o que está acontecendo no Brasil, hoje, é uma coisa que não pode parar. O Brasil passou muito tempo, muito tempo, em que a gente vivia uma crise atrás de crise e a gente não via o Brasil melhorar. As coisas estavam sempre piorando. Quando a gente pensava que ia melhorar, a coisa piorava. Nós dizíamos, há pouco tempo: essa crise internacional... que essa crise causou muito problema na Europa e nos Estados Unidos. Essa crise causou muitos problemas nos países, também, pobres do mundo. Eu dizia textualmente: essa crise vai chegar por último no Brasil e essa crise vai sair primeiro do Brasil.



Hoje, como presidente da República, eu posso dizer para vocês: quem apostou que a crise ia fazer este país dar um passo para trás, quebrou a cara, porque todos os indicadores sociais estão mostrando que este país já venceu a maior dificuldade da crise. Essa crise não fez com que nós tirássemos um centavo das políticas sociais. Pelo contrário, quem trabalha na agricultura sabe que nós aumentamos, agora, de R\$ 12 bilhões para R\$ 15 bilhões o Plano Safra para a Agricultura Familiar. O Fernando Haddad não deixou de comprar um tijolo para uma escola, por conta dessa crise. Não deixamos de contratar um professor.

Agora, eu queria pedir para os deputados, para os senadores e para o povo: prestem atenção, porque nós estamos fazendo muita escola, universidades e escolas técnicas. E para ter escola, tem que ter gente para trabalhar na administração e tem que ter professores e professoras. E nós estamos com muitos pedidos de aprovação de lei para fazer concurso e a oposição não quer deixar passar as vagas que nós estamos querendo contratar. Se não aprovar, daqui a pouco a gente tem escola pronta, aluno matriculado, e a gente não tem professores porque a oposição não tem interesse em que este país possa melhorar.

É importante vocês fiquem atentos porque só extensão universitária, levando campi para cidade do interior, são 105. Só universidade nova são 12, mais quatro que estão para ser votadas no Congresso Nacional. E nós sabemos perfeitamente bem que se a gente quiser tirar o Nordeste do empobrecimento em que ele foi jogado há séculos, a gente tem que investir na Educação, na formação profissional dos nossos jovens, para que este país possa dar um salto de qualidade. Eu, a partir de agora, vou começar a viajar mais o Brasil, porque nós temos muitas obras para inaugurar. A partir de agora, muitas obras do PAC vão ser inauguradas e eu vou começar a viajar o Brasil e todo o Nordeste.



Só para vocês terem ideia, só no Rio Grande do Norte nós temos sete escolas prontas para inaugurar, escolas técnicas. Agora eu vou sair com o Veneziano e vamos parar num lugarzinho específico que tem aí, que tem uma creche, que é dinheiro do governo federal dado para os prefeitos fazerem uma creche. Nós estamos fazendo 500 por ano, para garantir que as mulheres trabalhadoras possam sair para trabalhar e ter onde deixar o seu filho, para que ele possa ser cuidado com muito carinho.

Meu querido companheiro Zé Maranhão. O Zé Maranhão é muito esperto. Você veja que eu venho aqui inaugurar uma obra e ele já conseguiu tirar do meu ministro dos Transportes outra obra. Eu, Veneziano, quero que você tome cuidado, porque esse negócio de fazer uma ligação daqui até Caruaru, a guerra de quem tem o melhor São João vai aumentar. Porque Campina Grande acha que tem o maior São João do Brasil. Caruaru acha que Campina Grande não chega perto de Caruaru. Agora, até a Bahia inventou que faz o melhor São João do Brasil. Eu me comprometi com o Veneziano, no ano que vem eu vou vir no São João aqui. Estou preparando as canelas, as canelinhas estão finas, mas estão azeitadas. Eu quero ver quem de vocês vai aguentar dançar um forró comigo no meio da praça ali, Veneziano, no meio da praça.

Mas, companheiros, afora a brincadeira, eu queria dizer para vocês o seguinte: o Brasil está vivendo um momento muito excepcional da sua vida. Acabou aquele tempo em que a inflação matava o trabalhador brasileiro. Acabou aquele tempo em que os Estados Unidos espirravam e a gente pegava pneumonia. Acabou aquele tempo em que tinha uma crise na Rússia, o Brasil afundava. Acabou, acabou. Este país aprendeu a se respeitar, este país virou um país grande, e este país só tem que melhorar.

Eu até pedi... quero fazer um apelo para os prefeitos aqui. Acho que todos os prefeitos deveriam fazer reuniões com os sindicatos de trabalhadores rurais, chamar os trabalhadores rurais para as reuniões, porque a gente coloca



dinheiro no Banco do Brasil para emprestar para o agricultor, e o pessoal do Nordeste ainda pega pouco dinheiro no Banco. É importante a gente orientar os trabalhadores, e nós colocamos R\$ 15 bilhões no Pronaf. Se os trabalhadores não forem orientados, eles não saberão como ir ao Banco pegar dinheiro. Nós colocamos R\$ 25 bilhões para financiar 60 mil trabalhadores para a agricultura familiar.

Mas aí, eu queria pedir que os prefeitos – já falei com o José Maranhão – façam uma reunião com a Federação dos Trabalhadores, façam uma reunião com os sindicatos para orientá-los, porque o que é mais triste para o governo é a gente colocar dinheiro e, no final do ano, o banco não ter aplicado o dinheiro porque os trabalhadores que estão necessitados não têm informação adequada para pegar esse dinheiro. É muito dinheiro, e posso dizer para vocês que, se precisar, tem mais.

A gente não pode esquecer que a agricultura familiar é responsável por 70% da produção dos alimentos, no Brasil. Tudo o que nós comemos na mesa, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e da Paraíba é produzido pela agricultura familiar. Portanto, nós temos que incentivar o agricultor familiar. O nosso programa de compras de alimentos... Ou seja, nós temos a responsabilidade de não permitir que o pequeno produtor, que produz a sua macaxeira, que produz o seu feijão, que produz o seu milho, depois passe fome porque não tem onde vender esse produto, porque o mercado ofereceu um preço muito baixo.

O governo vai garantir de comprar esse produto, sobretudo aqueles que produzem leite. Hoje nós compramos até 2.500 litros de leite por região, vai aumentar para 4 mil litros de leite agora. Esse é um programa importante, para garantir que uma pessoa que tenha uma vaquinha, duas vaquinhas, três vaquinhas não fique indo na feira para vender o seu leite, aí não consegue vender, o leite azeda e ela perde tudo. Ou seja, nós queremos garantir que esse pequeno produtor possa vender o leite e, para isso, o governo está



comprando, para a gente dar para as pessoas mais pobres. Não é possível, de um lado você ter pessoas passando fome e, de outro lado, você ter leite sendo jogado fora.

Por isso, meu querido companheiro José Maranhão, eu fico feliz com o andamento das obras do PAC porque hoje, no Brasil, se eu contar para vocês a dificuldade de você fazer uma obra... Olha, você começa a fazer uma obra, aí você tem que fazer o projeto. Quando você faz o projeto, você vai pedir o Rima junto ao Ibama. Aí, tem uma quantidade de exigências que demoram um mês. Não é culpa do Ibama, não, é culpa da lei. Aí demora muito tempo. Aí, quando você consegue resolver o problema, você pega a licença prévia; depois da licença prévia, você pega a licença de instalação; depois da licença de instalação, você pega a licença para começo da obra. Quando tudo parece que está bom, tudo parece que está bom, o Tribunal de Contas vem e diz que tem uma coisa errada. Aí, quando a gente resolve no Tribunal de Contas, quando parece que tudo está bom, o Ministério Público entra com um processo. Quando parece que tudo está bom, a empresa que perdeu a licitação entra com um processo e, às vezes, uma obra demora dois anos para começar, dois anos e meio para começar. E as pessoas não levam em conta o prejuízo que o País tem, com essa paralisação. As pessoas não levam em conta. Não pensem que é fácil a gente fazer uma obra neste país, não. Tem mais gente para ser contra do que gente para ser favorável, tem muito mais gente.

Ou seja, por isso que eu acho que agora que nós encontramos o caminho da roça, agora que nós conseguimos ver onde é que as coisas têm que andar para a gente não ter problema, é que nós vamos começar, agora, a inaugurar muitas obras do PAC. Eu trabalho com a ideia de que o Nordeste brasileiro, nos próximos dez ou 15 anos, será motivo de orgulho, porque até agora, lá para as bandas de onde eu moro, as pessoas vêm nordestino apenas como um exportador de miseráveis para a região rica do País. Eu acho que, do jeito que está o Nordeste...



Só na Paraíba, o PAC tem 9 bilhões e meio. No Nordeste inteiro, são mais de 132 bilhões de dinheiro de obras do PAC. Eu penso que daqui a uns dez anos a gente vai poder vir aqui na Paraíba, em Pernambuco, no Ceará, no Rio Grande do Norte, e a gente não vai ver diferença entre os estados do Nordeste, os estados do Norte e os estados do Sul do País.

Nós precisamos trabalhar para elevar o nível de desenvolvimento do Nordeste brasileiro, e o nível de desenvolvimento do Nordeste brasileiro está umbilicalmente ligado a duas coisas: muito investimento em infraestrutura – estradas, pontes, ferrovias, hidrovias – e, ao mesmo tempo, muitos investimentos na coisa mais sagrada, que é Educação. Melhorar o ensino fundamental, melhorar o segundo grau e muitas escolas técnicas. E, para isso, nós tivemos a coragem de aprovar o piso dos professores, no ano passado, no Congresso Nacional, que não é muito ainda. Eu não acho que R\$ 950 seja muito para uma professora entrar em uma sala de aula e cuidar de 40 crianças, de 30 crianças, de 45 crianças. Não é muito, mas nós já demos um passo, porque tinha estado pagando 400, e a cidade pagando R\$ 300. Agora todo mundo vai ter que pagar, no mínimo, 950. É uma conquista. Quem sabe, daqui a algum tempo, a gente aumente um pouco mais, até que a gente volte a respeitar as professoras brasileiras, porque a profissão foi penalizada durante muito tempo, por muitos governos. As pessoas querem educação de qualidade, as pessoas querem que a professora seja dedicada, mas na hora de pagar salário, as pessoas não lembram que a professora também tem filhos, tem casa e precisa viver dignamente, e ganhar um salário para viver decentemente.

No mais, meus companheiros e companheiras, antes que eu perca mais votos dos caminhoneiros, um abraço e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração do campus Campina Grande do Instituto
Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifet) da Paraíba**

Campina Grande-PB, 28 de julho de 2009

Eu quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Maranhão,
governador do estado da Paraíba,

Quero cumprimentar os ministros Fernando Haddad, da Educação, e
Alfredo Nascimento, dos Transportes,

Quero cumprimentar o nosso vice, Luciano Cartaxo, vice-governador da
Paraíba,

Quero cumprimentar o senador Roberto Cavalcanti,

A deputada federal mineira, nascida na Paraíba, Jô Moraes,

Quero cumprimentar os deputados federais Armando Abílio, Luiz Couto,
Manoel Junior, Major Fábio, Marcondes Gadelha, Vital do Rêgo Filho, Wilson
Santiago e Wilson Braga,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Veneziano Vital,
prefeito de Campina Grande,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Ricardo Vieira
Coutinho, prefeito de João Pessoa,

Quero cumprimentar o companheiro Nelson Gomes Filho, presidente da
Câmara de Vereadores de Campina Grande,

Quero cumprimentar o magnífico reitor da Universidade Federal da
Paraíba, João Batista de Oliveira Silva,

Quero cumprimentar o companheiro Cícero Nicácio do Nascimento,
diretor do campus Campina Grande do Instituto Federal da Paraíba,

Quero cumprimentar os nossos queridos estudantes aqui, que falaram,
Michel, Tainá e Brenda, por meio dos quais cumprimento todos os alunos do



Instituto,

Quero cumprimentar os secretários aqui presentes,

Quero cumprimentar os funcionários do Instituto e professores,

Funcionários,

Vocês viram que eu joguei fora o meu discurso, porque o meu discurso já foi falado pelo José Maranhão, pelo Veneziano, pelo Fernando Haddad, pelo Reitor e pelo estudante. Eu apenas queria dizer para vocês algumas palavras do que eu estou sentindo neste momento. Não seria possível nós estarmos vivendo o momento que estamos vivendo no Brasil, se nós não acreditássemos em nós mesmos.

Durante muito tempo este país foi dirigido por um tipo de gente que tinha a mentalidade colonizada, pessoas que se achavam inferiores, pessoas que achavam que o destino do Brasil era eternamente ser um país subordinado aos países ricos, que nós não tínhamos que ter projeto de nação soberana e que nós tínhamos apenas que ver o que o mundo rico fazia, para que a gente pudesse ficar com as migalhas.

Na verdade, durante muito tempo se criou a concepção de que nós éramos como se fôssemos de segunda classe: aos outros, tudo; para nós, a sobra.

É por isso que este país não investiu em Educação quando deveria ter investido. Quando todos os países, que hoje são desenvolvidos, investiram em Educação, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, nós não fizemos o dever de casa. Então, nós somos um país de 190 milhões de habitantes, 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, 27 estados, e nós tínhamos apenas 54 universidades federais, 55 universidades estaduais. Você vai olhar a história do Brasil desde 1808, como disse o ministro Fernando Haddad, e você tem presidentes que, em quatro anos, fizeram uma. Mas tem muitos presidentes que, em quatro anos, não fizeram nenhuma. Tem outros presidentes que



conseguiram apenas aprovar algumas no Congresso Nacional, mas não conseguiram executar. E o presidente que mais conseguiu fazer foi Juscelino Kubitschek que, na época, parece que fez dez universidades no seu mandato.

A pergunta que eu me faço todos os dias... Se perguntarem em uma pesquisa de opinião pública, para qualquer pessoa no mundo, “o que vai mudar o Brasil?”, as pessoas falam: a Educação. O que precisa ser feito neste país com prioridade? A Educação. A pergunta que eu faço é a seguinte: se todo mundo sabia disso, e sobretudo os que estudaram, os que fizeram universidade tinham obrigação de saber muito mais, por que não fizeram? Por que não investiram na Educação? Porque hoje a gente estaria muito melhor do que estamos.

Sabem o que acontece, companheiros? Muitas vezes, as pessoas depois que se formam, depois que as pessoas se preparam, as pessoas vão cuidar da sua vida, e as pessoas não têm dimensão de como vive a grande maioria do País que não teve acesso a nada e que foi esquecida na periferia e no campo deste país. Tem gente, e não é pecado – eu gostaria que todos tivessem – tem gente que nasceu em uma situação econômica mais confortável, não precisou trabalhar antes de se formar, fez bom colégio no ensino fundamental, fez o 2º grau em bons colégios, fez universidade pública, e depois essa pessoa começou a trabalhar mais tarde e ela não se deu conta que perto dela existiam milhões de pessoas que não podiam sequer ter o mesmo sonho, ter a mesma oportunidade de cursar um curso superior. E o Brasil foi ficando para trás e, sobretudo, o Norte e o Nordeste brasileiros. Se a gente fizer uma pesquisa para ver a quantidade de mestres e doutores espalhados pelo Brasil nós vamos perceber que a grande maioria está na região Sul e na região Sudeste porque lá que é a parte rica do Brasil, é a parte mais rica do Brasil, e nós não temos que ter nenhuma mágoa, nenhuma inveja, e querer que eles continuem se desenvolvendo.



Mas o papel do governo federal é como se fosse o papel de uma mãe: a gente não pode dar a mesma comida sempre para o que já comeu e esquecer dos que estão com fome no pé da mesa pedindo comida. É preciso que se a gente tiver um único bife para comerem dez filhos, a gente não dê para o mais bonito ou para o mais chorão, a gente reparta um pedacinho para cada um. Governar é exatamente isso, e o que nós estamos fazendo é tentar equiparar o Brasil ao Nordeste e o Nordeste ao Brasil, o Norte deste País, o Amazonas, Rondônia, Roraima, Pará, ao Sul do País e ao Sudeste do País, para que a gente seja um País que, dentro do território, todos tenham igualdade de oportunidades.

E aí eu poderia pegar o meu caso, mas o meu caso já está manjado, já está velho de contar. Eu não seria o que eu sou hoje se eu não tivesse tido a oportunidade de tirar um diploma de torneiro mecânico, não seria. Lógico que para quem chegou na universidade e fez a USP, a Unicamp, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, um curso de torneiro mecânico é merreca, é quase nada, porque quando as pessoas se distanciam muito, elas parecem carro de Fórmula 1, correm demais, e não percebem que a sociedade tem mais fusquinhas do que carro de Fórmula 1. E ser torneiro mecânico me permitiu essa profissão, de eu ter acesso a emprego que ganhasse mais do que o salário mínimo, de ter acesso a uma televisão que eu não tinha, de ter acesso a um carro que eu não tinha, a uma casa própria. Mas não é da minha vida que eu vou falar, eu vou falar de uma menina que eu conheci aqui hoje, que falou comigo com lágrimas nos olhos. Eu queria pedir, minha companheira Isabela, que você viesse aqui em cima... (falha no áudio). Meu exemplo é o exemplo da aprovação de que todo ser humano precisa apenas de oportunidade. Não existe uma pessoa superinteligente e outra pessoa superburra. O que existe é uma pessoa que teve todas as oportunidades do mundo e uma outra pessoa que não teve nenhuma oportunidade.

O nosso querido Paulo Freire que foi, possivelmente, o educador mais



importante deste país - por sinal, pernambucano -, o Paulo Freire dizia: “Eu descobri que eu era inteligente depois que eu comecei a comer”. Como é que a gente pode querer ou esperar que uma criança que não toma café de manhã, que uma criança que não come as calorias e as proteínas necessárias para sobreviver, seja inteligente? Se ela levanta e vai dormir com a lombriga maior querendo comer a menor? E o ronca-ronca dentro da sua barriga, como é que ela vai ser inteligente? Dê comida para essa criança, dê comida para essa criança, dê condições dessa criança chegar em uma escola, dê oportunidade de essa criança ter os mesmos professores que qualquer filho de rico teve, neste país, para ver se não é possível uma menina dessas, praticamente abandonada pelos pais, criada por uma tia, que recebe uma bolsa de R\$ 180,00 para poder comer aqui, tenha uma bolsa para fazer Mineração. Vamos ver o que vai ser essa menina, que estava predestinada a ser mais uma menina sem futuro em Campina Grande, vai ser uma companheira formada em Mineração, vai ter uma profissão e vai poder construir a sua vida com independência.

Eu digo sempre, Isabela, que uma coisa que a mulher tem que ter cuidado é que ela também não pode ficar dependendo do salário do marido. Ela não pode. As mulheres precisam ter consciência que se elas não tiverem profissão, se elas não trabalharem, e elas ficarem em casa esperando que o marido dê dinheiro para comprar uma meia, para comprar um batom, para comprar um brinco, para comprar uma roupa íntima qualquer, e ela tiver que pedir, com o passar do tempo ela vai ficando subordinada, e vai vivendo com ele quase como por obrigação, e não é assim que a gente quer viver. Quando a mulher estiver formada, e tiver independência, ela vai viver com o seu marido porque ela quer viver com o seu marido. Mas se ele se meter a besta, ela vai dizer: “Meu caro, eu não preciso de você, você pode sair daqui”.

E a mesma coisa vale para os meninos. De que vale um menino sem profissão? O que vale um menino de vinte anos sem profissão? Ele vai



procurar emprego no comércio, vão pedir experiência, ele não tem. Ele vai a uma fábrica, vão pedir experiência, ele não tem. Olha, se ele não tem profissão e não arruma emprego, o que vai acontecer? Ele começa a perder a esperança e aí começa a aparecer a bandidagem, o narcotráfico, o crime organizado a oferecer para ele as oportunidades de ganhar uns minguados centavos que o Estado brasileiro deveria oferecer.

É por isso que nós resolvemos fazer investimento na educação. Vão ser 500 creches por ano, 500 creches, porque nós achamos... e também uma desigualdade entre os mais pobres e os mais ricos. Uma criança mais rica vai para a escola a partir de quatro anos de idade, três anos de idade. Então quando ela chega aos três anos de idade ela já conhece um lápis, uma caneta, uma borracha (falha no áudio), já conhece um monte de coisa. Aí entra uma criança mais pobre, sem saber nada, vem alguém e diz: “Aquela criancinha é burra, essa daqui é mais esperta”. Sem saber que uma tem dois anos ou três que frequenta a escola mais do que a pobre. Essas creches que a gente está fazendo... Na verdade, as creches, deveria ser obrigação dos prefeitos e dos governadores. Mas nós sabemos que a grande maioria das prefeituras não tem condições e é por isso que o Ministro Fernando Haddad decidiu: o governo federal vai colocar o dinheiro, a obra vai ser construída e os prefeitos vão administrar, porque, se der certo, nós vamos (falha no áudio) milhares de creches para que nenhuma mulher deixe de trabalhar por não ter onde colocar os seus filhos.

Mais importante ainda: universidade. Nós estamos fazendo, já, 104 extensões universitárias, tentando levar a universidade para o interior do País. Porque é muito engraçado, 99% das universidades são nas capitais. Então os pobres do interior terminam o colegial e não têm o que fazer. Se a família tem um pouco de recurso, ele pode ir para a capital tentar a sorte. Se a família não tem recurso, ele para por ali mesmo e vai tentar arrumar um emprego na região.



Essa escola, que eu quero dar os parabéns ao projeto arquitetônico dela... eu em senti quase uma abelha rainha mãe aqui dentro. Essa escola tem como finalidade formar os nossos jovens a partir da disponibilidade e possibilidade do desenvolvimento regional. O que é possível extrair desta região como cadeia produtiva e formá-los aqui. Não é formá-los para ir para São Paulo, não. Não é formá-los para ir para o Rio Grande do Sul ou para o Rio de Janeiro, se quiser. Mas aqui tem mercado para eles poderem exercer a sua profissão, o seu aprendizado e constituir aqui a sua família.

Pois bem, meus companheiros e companheiras, esta menina é mais um exemplo daquilo que é a força motora que me faz fazer política. Eu, se tivesse que desistir da vida, Isabela, eu, se tivesse que desistir da vida, eu já teria desistido muitas vezes, porque não foram poucos os amigos que falaram assim para mim: "Lula...". Primeiro, diziam para mim: "Não vá para o Sindicato, que a polícia vai te prender". Eu fui para o Sindicato. "Não faz greve, que a polícia vai te prender". Eu fiz as greves. "Não crie partido político, que você vai arrumar confusão". Eu criei partido político. "Não crie uma central sindical, porque não é, legal". Eu criei a central sindical. "Você não tem condições de ser presidente, rapaz. Você não tem diploma universitário, você não fala inglês, não fala francês, não fala espanhol". Pois cá estou eu presidente da República deste país, por uma razão que você deve colocar na sua cabeça: perseverar, não desistir nunca. Não existe nada nesse mundo que faça um ser humano, com a sua inteligência, desistir. Só desistem os fracos.

Eu não tenho tempo de reclamar da vida. Eu digo sempre para os meus companheiros: minha mãe, quando a gente vivia em Garanhuns e, depois, em Santos... até os sete anos de idade, o meu café da manhã, sabe o que era? Acocorado na beira de um fogão de lenha de uma boca só, o meu café era uma cuia de café preto com farinha de mandioca, não tinha outra coisa. Eu fui conhecer pão já quando eu estava em Santos, e comer arroz só quando a



gente estava doente. E eu nunca vi a minha mãe reclamar. Nunca vi a minha mãe reclamar.

O pessoal do meu governo sabe: não tem reclamação comigo. Tem dificuldade? Tem. Vamos para cima, vamos vencer. Esse negócio de ficar chorando, lamentando, essa palavra para mim não existe. E não pode ter para você também. Não pode ter. Não pode ter, uma pessoa de 17 anos não pode ter dia para desânimo. Se um dia estiver namorando e o namorado largar, arruma outro. Aí você vai ver como ele vai ficar mais bonzinho e vai vir atrás de você, lhe oferecendo mais coisas.

Ou seja, não há tempo. Este país está precisando viver este momento que está vivendo, um momento em que a gente tem orgulho da nossa beleza, da nossa feiúra, do nosso tamanho, da nossa formação, da nossa língua, da nossa cor. Chega de olhar para os outros e achar que nós somos piores do que os outros. Chega!

E é por isso que o Nordeste precisa levantar a cabeça, porque eu ainda faço parte de uma geração que, quando a gente queria sobreviver ia para São Paulo, e agora a gente tem que sobreviver aqui, tem que produzir aqui, tem que trabalhar aqui, tem que ter Saúde aqui, tem que ter universidade aqui, tem que ter escolas técnicas aqui. Este país, (incompreensível) um presidente da República, ele não pode ser vesgo e só olhar para o lado. Ele tem que olhar para o território nacional e saber que um índio lá de Roraima ou um favelado do Rio de Janeiro ou um nordestino mais pobre que mora em uma palafita, são brasileiros e têm o mesmo direito. Portanto, essas pessoas têm que ser tratadas com decência e com dignidade, senão a gente nunca vai recuperar este país.

É por isso que a gente tem que ter orgulho de a gente ser o que a gente é. E é por isso que nós estamos investindo, só aqui na Paraíba, do PAC, R\$ 9,5 bilhões. Eu duvido que já tenham feito um investimento desses aqui. Mas não é só na Paraíba, não. Eu duvido que tenha um prefeito deste país, do PFL,



do PSDB, do PT, do PMDB, do PR, do PRB, do PTB, do “diabo a quatro”, eu duvido que tenha algum prefeito que ouse dizer que em outro governo ele recebeu mais dinheiro do que o nosso governo está dando para as cidades. Eu duvido. E vamos fazer mais, porque agora aprendemos, agora aprendemos. Quando chegar o ano que vem, José Maranhão, em fevereiro estou lançando um outro PAC, 2011 a 2015, para deixar a coisa aprovada, para quem entrar depois de mim não começar do zero, já pegar as coisas andando.

Nós estamos fazendo 214 escolas técnicas. Quem vier depois de mim, tem que fazer mais 300. Nós estamos fazendo dez universidades novas, mas tem quatro no Congresso Nacional. Quem vier depois de mim, tem que fazer 20. Quando este país não ficar admirando apenas a grandeza do seu território, a grandeza da sua costa marítima, a grandeza e a riqueza mineral que nós temos, a nossa Amazônia, quando este país, além de admirar toda essa riqueza, começar a admirar a riqueza mais importante, que é o autoconhecimento do nosso povo, aí, sim, nós iremos nos transformar em uma nação altamente soberana, competitiva e em uma nação rica.

O Fernando Haddad falou da crise econômica. Vocês sabem que eu nunca... Eu tinha vontade de fazer Economia, se eu pudesse, porque Economia é uma coisa fantástica, é a ciência mais brilhante, é a coisa... Em Economia, quando a gente é oposição, a gente sabe tudo. Quando a gente vira situação, fica tudo difícil.

Mas eu, eu sempre achei que um governante deve ter extraordinários assessores economistas, deve ter tudo, mas ele tem que espelhar sua vida... Como é que sobrevivem os milhões de brasileiros que ganham pouco? Como é que faz a economia de uma dona-de-casa que vive com o Bolsa Família? Tem um certo milagre. Como é que a pessoa pega tão pouco dinheiro e consegue levar o que comer em casa?

Então, qual é o milagre que tem? É a gente fazer uma definição das prioridades, o que é prioritário e o que ajuda o maior número de pessoas. E eu



acho que o Brasil entrou nessa fase. A minha oposição, coitada, ficava pedindo a Deus que a crise acabasse com o Brasil e eu dizia: o Brasil entrou por último e vai sair primeiro da crise. E, hoje, eu me encontro com o Obama, me encontro com Hu Jintao, me encontro com o primeiro-ministro Singh, me encontro com o Berlusconi, me encontro com o Sarkozy, com a Angela Merkel - queria estar falando da Paraíba, estou falando é do mundo - e nenhum deles, nenhum deles deixa de elogiar a situação de estabilidade neste país e os acertos da política econômica deste país, nenhum deles. E só tende a melhorar. Não pensem que há espaço para piorar, não pensem, só vai melhorar. Vocês vão ver o crescimento deste país no próximo ano.

Eu lembro que uma vez, companheiros, eu vou terminar dizendo isso: eu lembro que uma vez, quando em 2003, eu fui na Ford. Acho que era julho ou agosto de 2003 e eu utilizei as palavras “espetáculo do crescimento”. Por conta disso, eu fui achincalhado por alguns companheiros da imprensa, por alguns analistas econômicos, achincalhado. Fui achincalhado pela quantidade de (incompreensível) falando do milagre brasileiro. Isso, em julho de 2003. Sabem quanto cresceu a economia brasileira em 2004 e ninguém me pediu desculpa? 5,8%. Ou seja, a economia cresceu muito acima de qualquer outro período que o Brasil tenha crescido nos últimos anos e ninguém pediu desculpa para mim por ter avacalhado comigo porque eu falei do espetáculo do crescimento.

Então eu vou dizer outra vez: anotem, anotem. Eu não quero ser ufanista, não, não quero ser ufanista. Nós passamos por uma crise e uma parte dela foi de pânico, porque a indústria automobilística não poderia ter desativado a produção como desativou no mês de janeiro e no mês de dezembro. Não precisaria ter desativado, porque neste semestre está batendo todos os recordes de produção e de venda de carros. Máquina de lavar roupa está vendendo 30% a mais ao mês. Geladeira, televisão, material de construção civil, e tem mais coisas por aí. Anotem: o Brasil está saindo da crise e no ano que vem nós vamos ter um crescimento surpreendente. Então, em



vez de a minha oposição ficar torcendo para que o Brasil não dê certo, para eles poderem ter chance eleitoral, eles têm que saber duas coisas: primeiro, que eu não sou mais candidato. Segundo, se o Brasil for mal, se o Brasil estiver mal, não é mal para o Lula, não é mal para o José Maranhão ou mal para a Dilma, não, para o Fernando Haddad. Se o Brasil estiver mal, é mal para a parte mais pobre deste país, é mal para o povo trabalhador deste país.

Então, as pessoas precisam trabalhar para este país dar certo. E aí vocês são testemunhas do que nós estamos fazendo para a agricultura familiar deste país, o que significa o PAA, a compra de alimentos neste país, o que significam os investimentos que estamos fazendo para a parte mais pobre desta população, porque são eles que precisam mais do Estado, do que a parte mais rica. São eles que precisam. Então, as pessoas sabem já que eu quero governar para todo mundo. Eu não faço distinção entre um empresário rico que precisa de dinheiro do governo e um pobre. Agora, na hora em que eu tiver que escolher, podem ficar certos de que o pobre vai ser a minha escolha pessoal porque é ele que nós precisamos ajudar.

Eu queria, querida Isabela, dizer para você e para a sua irmã que também recebe bolsa aqui nesta escola. Essa coisa que aconteceu com você, de sofrimento, de abandono, às vezes é uma provação de Deus para saber se você é fraca, para saber se você vai rastejar na vida e fraquejar, ou seja, essa é a provação. Você já deu demonstração de que não é de se deixar derrotar. Você está aqui nesta escola, você e sua irmã. Eu queria te dizer, com o carinho de pai para um filho: faça todo o esforço que puder fazer. Não tenha preguiça. Seja sábado ou domingo, estude, estude. Mas, além de estudar, cuida da alma, porque se a gente combinar o saber com humanismo, com solidariedade, além de a gente fazer as coisas melhor, a gente se deita todas as noites com a cabeça no travesseiro, muito tranquilos, porque estamos fazendo o bem para a (incompreensível) O que você sofreu dentro de casa, o que você passou na



sua infância é motivo de orgulho para você não permitir que outras pessoas passem o que você passou.

Por isso, eu quero pedir a todos os estudantes... A minha geração está acabando, a de vocês está começando, e eu peço a Deus que vocês tenham muito mais competência do que nós para dirigir este país muito melhor do que nós estamos dirigindo.

Um grande abraço. Até outro dia.

Veneziano, em novembro eu estarei aqui para inaugurar duas obras do PAC que você disse que são para inaugurar. Eu venho aqui para inaugurar, e vamos ver, com a minha segurança, se a gente consegue passar na creche, porque eu dependo muito do esquema de segurança. Senão a gente passa agora mesmo, ou na vinda de onde a gente vai.

Um abraço, gente. Obrigado por tudo.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia comemorativa dos 50 anos do Sindicato Nacional da Indústria da Construção Pesada (Sinicon)

Auditório da CNI – Brasília-DF, 29 de julho de 2009

Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Ministros Alfredo Nascimento, dos Transportes; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Marcio Fortes, das Cidades, Deputados João Bacelar, Geraldo Magela, Odair Cunha e Paes Landim, Deputado Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Meu caro Luiz Fernando Reis, presidente do Sindicato Nacional da Indústria da Construção Pesada,

Senhores e senhoras,

Amigos e amigas,

Ao comemormos os 50 anos de fundação do Sindicato Nacional da Indústria da Construção Pesada, rendemos uma justa homenagem a todos aqueles que conduziram e conduzem as grandes obras de infraestrutura em nosso país. O real significado desta celebração nos remete, contudo, ao papel que este setor, tão fundamental para o Brasil, exerce na luta pelo nosso pleno desenvolvimento.

Digo isso porque o Brasil de hoje e o Brasil de 1959, quando o Sinicon foi criado, em plena era JK, guardam uma importante similaridade em relação ao ideário do desenvolvimento, representado pelo pensamento sempre atualizado de Celso Furtado.

Furtado, antes de nós, olhou para este país e disse: “Não, não pense que era assim. O subdesenvolvimento não é uma fatalidade e a miséria não é



nossa vocação”. Ele dizia que o desenvolvimento é, sobretudo, decisão política, porque significa que o País deve assumir o comando do seu próprio destino e fazer desse destino um projeto que beneficie toda a nação.

É preciso dizer, ainda, que por cerca de três décadas o imaginário do Planeta ficou refém de idéias e agendas opostas a essas, realimentadas todos os dias por porta-vozes muito conservadores. Foi preciso, assim, travar uma árdua batalha para recuperar referências teóricas e políticas, instrumentos de ação e estrutura do Estado brasileiro, que foram sendo enfraquecidos, terceirizados e, muitas vezes, privatizados, ao longo do tempo.

Hoje, felizmente, podemos dizer que reencontramos e renovamos a trilha do desenvolvimento, que tinha sido interrompida no passado. E, com isso, estamos conseguindo, a passos rápidos, promover as mudanças sociais e econômicas fundamentais para reduzir a pobreza e a desigualdade em nosso país.

O desenvolvimento ganha concretude física no que os senhores e as senhoras sabem fazer de melhor: a implantação da infraestrutura necessária para dar sustentabilidade ao nosso crescimento, à nossa soberania e à redução dos gargalos que tanto travaram nossa produção.

Ferrovias, usinas hidrelétricas, estradas, portos, aeroportos e outras grandes obras estruturantes são peças fundamentais para o Brasil de hoje e para o Brasil do futuro. Precisamos continuar construindo-as com eficácia e rapidez para recuperarmos o tempo que perdemos nas últimas décadas. Nesse sentido, posso afirmar com convicção: feliz é o país que conta com uma indústria da construção pesada como a nossa, reconhecida internacionalmente pela sua solidez e a sua competência técnica.

Estou falando de empresas de capital nacional que empregam nada menos do que 5 milhões de trabalhadores brasileiros e faturaram no ano passado cerca de R\$ 102 bilhões; de uma indústria de excelência que já se mostrou capaz de realizar grandes feitos como Itaipu, que hoje continua a nos



trazer soluções criativas e arrojadas, como é o caso das hidrelétricas do Madeira, para citar apenas um exemplo. A verdade é que faz tempo que não precisamos correr atrás de construtoras estrangeiras para realizar nossas grandes obras. Pelo contrário, são as empresas brasileiras que estão ganhando o mundo e hoje se fazem presentes não apenas na América Latina, mas também na América do Norte, África, Europa e Ásia.

Mas essa nova caminhada é, sobretudo, visível nos significativos avanços sociais do nosso país. Onze milhões de lares, mais de 45 milhões de pessoas que sofriam com a fome e a insegurança alimentar, recebem os benefícios do Bolsa Família e dão passos seguros em busca de uma vida cada vez mais digna. Dois milhões de pessoas... Os dois milhões de residências que receberam o Luz Para Todos significaram 83% de televisores comprados pelos beneficiários do Programa, 69% de geladeiras e 47% de aparelhos de som, ou seja, 1 milhão e 578 mil televisores foram comprados pelas famílias que receberam o Luz para Todos, 1 milhão e 490 geladeiras e 897 aparelhos de som. Isso apenas para mostrar o que significa a revolução de um benefício que tirou 10 milhões de pessoas do século XVIII, transportando para o século XX.

Esses avanços podem ser vistos também nos mais de 20 milhões de brasileiros e brasileiras que deixaram a base da pirâmide social e passaram a participar de um vigoroso mercado interno. E isso, sem dúvida, é um dos fatores que nos colocam entre os poucos países do mundo com capacidade de vencer rapidamente essa crise econômica e financeira gerada nos países ricos.

Minhas amigas e meus amigos,

O Programa de Aceleração do Crescimento, como bem foi dito aqui, é o grande responsável pelo aumento de mais de 55% no faturamento da indústria brasileira de construção pesada entre os anos de 2007 e 2008. Com o PAC, o Brasil retomou o planejamento estratégico de longo prazo. Passamos a conhecer com detalhes nossas principais deficiências em infraestrutura energética, logística, social e urbana, e pudemos organizar, hierarquizar e dar a



devida prioridade a um conjunto de ações que já transformou nosso país em um imenso canteiro de obras. E é importante – e eu quero deixar bem claro – contudo, que os méritos do PAC não podem ser atribuídos apenas ao governo, mas sim à união de esforços de amplos setores de nossa sociedade em torno do objetivo comum do desenvolvimento sustentável.

Digo isso porque o Brasil, como se fosse um paciente que volta a andar após muito tempo preso a uma cama, precisou reaprender a trilhar, com soberania e altivez, o seu próprio caminho. Não foram poucos os obstáculos. Por um lado, contávamos com entraves burocráticos, marcos regulatórios inadequados e a inexistência de uma carteira de projetos estratégicos. Por outro, os investidores evitavam canalizar recursos para o setor produtivo. Nesse sentido, foi fundamental podermos contar com o dinamismo de nossa indústria de construção pesada representada pelo Sinicon. Este sindicato tem reafirmado, a cada dia, o seu compromisso com o investimento produtivo e a sua confiança no País, colaborando ativamente na concepção e elaboração de um ambiente de negócios mais propício. O setor da construção pesada se configurou, assim, como um grande parceiro de toda a sociedade brasileira neste momento tão fundamental de nossa história. Eu quero, portanto, agradecer todo o empenho que os senhores e as senhoras vêm dedicando, neste meio século, à construção de um país cada vez mais forte, dinâmico e soberano, e desejar que este compromisso se renove pelos próximos 50 anos.

Meus amigos e minhas amigas,

Para não perder o hábito, eu quero dizer umas coisas que não estão escritas ali, que são o seguinte: eu penso que todo mundo sabe que durante praticamente duas décadas e meia, o Brasil deixou de aplicar em infraestrutura. Eram poucas as obras, porque também nós tínhamos deixado de lado o planejamento estratégico. E nós, quando chegamos no governo, não encontramos um projeto de envergadura, daqueles que nós chamamos projeto



estruturante, na prateleira. Nós tivemos que, praticamente, começar a fazer uma coisa que vale ouro para um país que pensa a longo prazo.

Quando terminar, agora, este ano, eu quero comunicar aos senhores que nós vamos preparar um PAC para 2011-2015. Por que eu iria preparar um PAC se o meu mandato termina em 2010? É porque eu quero que, quem vier depois, encontre uma definição de prioridades não apenas no papel, contratando consultorias para colocar no papel todas as necessidades do País. Mas eu quero que fique no papel, que fique com um projeto básico elaborado, que fique com a questão ambiental já em estado avançado, para que quem tomar posse no dia 1º de janeiro de 2011 já possa colocar em andamento e contratação e licitação projetos que são muitos, que ainda faltam para que a gente possa responder às necessidades de infraestrutura do Brasil. São hidrovias, que precisam muitas, são mais estaleiros, são mais portos, são mais aeroportos. O que nós precisamos, na verdade, é planejar o Brasil para que, de forma, eu diria, quase que subsequente, cada pessoa que vier a governar este país encontre uma prateleira de projetos prontos para que... ele pode até não querer fazer, mas ele terá uma prateleira de projetos prontos para que ele possa começar a trabalhar, e não ficar dois ou três anos para começar a fazer a grande obra estruturante deste país.

E vocês sabem que não era apenas a falta de projetos, não era apenas a falta de projetos. A verdade é que muitos de vocês já estavam desanimados com a perspectiva deste país voltar a investir em infraestrutura. Muitos de vocês estavam desanimados. E foi exatamente parte desse desânimo com o investimento interno que fez muitos de vocês se tornarem doutores no mercado externo. E hoje não tem lugar do mundo que eu ande, sobretudo no continente africano e no continente latino-americano, que eu não encontre pelo menos meia dúzia de grandes empresas brasileiras com escritório montado, com prestação de serviço e com obras sendo concluídas, tanto em país pobre como em país rico.



Esses dias eu fui conversar com o rei Juan Carlos e eu dizia para ele: por que a Espanha não abre espaço para as nossas empresas virem competir na construção de infraestrutura na Espanha? Também, muitas vezes, lá de fora, eles cobram de nós uma abertura que eles não praticam, e que nós precisamos apenas ser tratados como iguais, ter as mesmas oportunidades. E agora que o Brasil está descobrindo o continente africano, e agora que o Brasil sabe que ele pode influir, de forma decisiva, na estruturação dos países africanos, e agora que o BNDES tem mais recursos para poder fazer financiamento para nossas empresas exportarem serviço lá fora, nós não temos o direito de recuar, de parar e de ficar outra vez como se fosse um país sem saber para onde nós íamos.

Hoje eu conversei com o presidente de um país, e ele precisa não apenas construir parceria com a Petrobras, que ele quer que a Petrobras seja a empresa sócia da empresa dele. Ele tem 30 milhões de megawatts para serem construídos e precisa construir todas essas hidrelétricas em um prazo de 15, 20 ou 30 anos. Mas o fato concreto é que nós temos que começar. Ele precisa de investimento na área da agricultura para poder ser soberano em segurança alimentar. E quem é que pode dar isto, senão o Brasil? Mas acontece que, muitas vezes, o Brasil não se deu conta que cresceu. O Brasil quer participar do G-8, o Brasil quer participar do G-4, o Brasil quer participar do G-20. O Brasil, do ponto de vista político, está participando de todos os fóruns importantes. Mas quando se trata de fazer financiamento para um país vizinho, ainda tem gente no Brasil que pensa com a cabeça pequena, de que nós não podemos fazer financiamento. Quando, na verdade... E vocês estão lembrados que, durante a última campanha, alguém me acusou de fazer um metrô em Caracas. Era “está fazendo um metrô lá, quando deveria estar fazendo um metrô no Brasil”, sem deixar de se amesquinhar e dizer que o metrô lá era exportação de serviços e tecnologia do Brasil para um país vizinho.

Pois bem, eu acho que esse obstáculo nós já vencemos. As coisas



estão acontecendo, nós já temos praticamente US\$ 5 bilhões de financiamento em obras nossas na América do Sul, mas eu acho que nós poderemos muito mais. Este país é muito grande, e ele pode construir parceria para fazer muito mais lá fora, e fazer com as nossas empresas, fazer com a nossa engenharia, com a nossa tecnologia, porque se nós não estivermos ávidos a financiar, outro vai financiar e outro vai pegar o mercado que poderia ser o mercado de brasileiros.

Mas se não bastasse, muitas vezes, essa visão um pouco inibida de que o Brasil ainda é receptor e não um país doador... Eu vou dar só um exemplo para vocês: a Índia tem US\$ 5 bilhões para a política de ajuda aos países africanos, a Espanha tem 4 bilhões de euros, o nosso (incompreensível) apenas R\$ 17 milhões. Ou seja, se a gente não toma cuidado, daqui a pouco espaços que, até por uma questão histórica e cultural, poderiam ser ocupados por brasileiros, serão ocupados por outros, que têm uma visão estratégica mais avançada do que a nossa.

Então, o Brasil precisa pensar grande. O Brasil precisa pensar que já há muito tempo ele está entre as dez maiores economias do mundo e que, portanto, ele não pode ficar fazendo aquele jogo pequeno, de paisinho pobre, às vezes sendo vítima de acusações: "Por que vai investir 10 milhões em tal país, se tem gente passando fome aqui? Por que vai fazer tal coisa, se poderia fazer 10 casas populares?" Aquele jogo de quem quer rebaixar por baixo, quer nivelar por baixo a nossa situação. E eu sou pobre, mas sou orgulhoso. Eu acho que este país tem que pensar grande se a gente quiser exercer um papel grande no mundo, nesse momento, em que eu acho que, depois dessa crise, o Brasil sairá muito mais fortalecido.

Mas nós temos que enfrentar outros problemas. Isso eu tenho dito publicamente e não poderia deixar de dizer aqui. Muitas vezes a quantidade de mecanismos para criar obstáculo é maior do que a quantidade de instituições para fazer alguma coisa. Nós não podemos, nem o governo, nem a ministra



Dilma, que é coordenadora do PAC, nem um empresário individualmente, a gente fazer a culpabilidade fácil de dizer “é o ministro do Meio Ambiente, é o Ibama, é o Instituto Chico Mendes, é o Tribunal de Contas da União, é o Ministério Público”, porque o que nós precisamos pensar é o que fazer.

Vocês sabem que, neste país, se um servidor público tiver que liberar uma coisa e ela for considerada ilegal ou se ela tiver algum problema, a primeira coisa que faz é disponibilizar os bens desse funcionário, e aí todo mundo fica na retranca, ninguém quer fazer. A lei de licitação... Eu não conheço um brasileiro que não queira mudar a lei de licitação. Nós estamos com a tentativa, uma proposta feita pelo Ministério do Planejamento, vamos ver se a gente consegue votar. Porque no Brasil é assim: as pessoas reclamam demais, mas na hora do “pega para ver”, as coisas não acontecem. Eu já mandei duas reformas tributárias para o Congresso Nacional, duas, e nenhuma foi votada ainda. Não posso mandar a terceira porque não tenho mais tempo. E por que isso não é votado? É porque cada um de nós tem a nossa política tributária. Cada sindicato de trabalhador tem a sua, cada empresário tem a sua, cada deputado tem a sua, cada senador tem a sua, cada ministro tem a sua. Na hora em que nós fazemos uma reunião coletiva, todo mundo concorda, mas quando ela entra no Congresso Nacional, aí a gente percebe que ela não funciona.

Uma outra coisa grave que nós fizemos no Brasil é que, durante 25 anos em que a gente não teve investimento em infraestrutura, não teve planejamento, o Brasil foi criando uma poderosa máquina de fiscalização, uma poderosa máquina, por deputados que foram eleitos com a ajuda de vocês – eu fui constituinte e tenho responsabilidade com isso – e com quantas relações que vocês têm com os senadores... Mas nós fomos montando uma máquina de fiscalização muito poderosa, ou seja, a máquina de fiscalização é infinitamente mais poderosa do que a máquina de execução. A máquina de execução... Você pega um engenheiro de 30 anos, ganhando R\$ 7 mil ou R\$ 8 mil, e você



pega um auditor, com 24 anos, ganhando R\$ 19 mil por mês. Ou seja, esse disparate... Não é que o engenheiro não deva ganhar mais e também não é que o auditor deva ganhar menos, é que alguma coisa está errada, alguma coisa está errada. É como se nós jogássemos uns contra os outros. E quando a gente pensa que resolve tudo na máquina burocrática do governo, o que acontece na máquina da indústria brasileira? A indústria que perde, entra com um processo e para uma obra durante dois ou três anos. E ninguém se dá conta do prejuízo que a nação tem com esse monte de coisas que nós criamos.

Eu penso, e queria fazer essa sugestão aqui ao Sinicon, eu penso que está na hora, mesmo que não seja para agora, que a gente comece a criar um grupo de trabalho para pensar o que nós poderemos fazer para destravar este país na área da construção pesada. Esses dias eu dizia para o meu ministro Minc: é engraçado, nós vamos tirar uma palafita e as exigências ambientais são tão enormes quando, na verdade, deveria agradecer por nós estarmos tirando a palafita, que não tem nada mais poluente do que aquela miséria naquele bairro. Mas ele não tem culpa, porque a legislação que nós fizemos que obriga que seja assim.

Então, eu penso... esse é um compromisso, companheira Dilma, companheiros ministros e companheiros empresários, que eu quero ter. Eu acho que, junto com a proposta de PAC, que eu pretendo apresentar em fevereiro do próximo ano, nós temos que apresentar algumas medidas, alguns marcos regulatórios para que a gente possa facilitar. Ninguém quer bandalheira, ninguém quer que haja sobrepreço, ninguém quer nada, mas é preciso que tenha, sabe, mais transparência e mais rapidez. Porque muitas vezes, entre a gente anunciar a obra e ela começar a acontecer, leva três anos. Eu dizia para um governador importante neste país, esses dias. Ele veio dizer: “Mas, Presidente Lula, por que a gente não assume o compromisso de acabar com a reeleição?”. Eu dizia para ele: por uma razão. Eu já fui contra a reeleição, agora sou favorável, porque não conheço um governante que em



quatro anos faça uma obra estruturante neste país. Duvido. Se ele tiver que fazer o projeto básico, fazer projeto executivo, ter licença prévia, licença de instalação, licença para começar, depois enfrentar a burocracia do Tribunal de Contas da União, depois enfrentar a burocracia do Ministério Público, depois enfrentar as pendengas no Judiciário, que são criadas entre os próprios empresários, termina o mandato e ele não começa a obra.

E por que nós ficamos sabendo disso? Vocês sabem há quanto tempo eu priorizei, na minha vida, a Transnordestina? Nós ficamos só dois anos para fazer um projeto de engenharia financeira. Fizemos. Depois que nós fizemos o projeto de engenharia financeira, acordamos com os nossos queridos governadores dos estados do Nordeste. E até hoje, só na semana passada... Nós começamos querendo acabar ela em dezembro de 2010. Somente na semana passada, depois de mais de 200 reuniões, é que nós conseguimos concluir um trecho até 2010 e o restante até 2011. Porque eu nunca imaginei que nós tivéssemos a quantidade de entraves, nunca imaginei que fosse difícil. E, às vezes, o entrave é de um prefeito, é em uma prefeitura. Acontece um problema que tem que tirar a tubulação que passa, e aí precisa pegar... E aí tem o Ministério Público, é desapropriação, que aí entra o Ministério Público... Ou seja, você demora meses e meses e meses e meses, às vezes anos. E sabe o que é duro? É que a gente só aprende isso quando chega na Presidência. E por isso que eu acho que tem que ter um segundo mandato, porque você aprende no primeiro, chora e sofre, para você poder executar no segundo. Não estou nem reivindicando o terceiro, porque eu sou contra, nem, porque eu sou contra. Mas é porque eu acho, companheiros, que não é um problema do governo, não é um problema do governo.

Teve um tempo em que a gente ficava jogando... Vocês sabem a fama de vocês há uns 15, 20 anos. Empreiteiro e usineiro de cana eram duas coisas que político gostava de procurar na hora de pegar financiamento de campanha e eram duas coisas que os políticos gostavam de ter bem longe deles durante



a administração. Nós quebramos esse tabu. Os usineiros brasileiros viraram empresários e sabem que tem que ser assim porque têm que competir mundialmente. As empreiteiras brasileiras viraram grandes empresas, empresas que produzem obras em qualquer lugar deste mundo.

Então, nós criamos também um jeito de ser mais respeitável entre nós e entre nós e a sociedade. O que nós precisamos fazer agora? É construir, é construir. Quais são os passos que nós queremos dar? Ninguém aqui quer desmatar, ninguém quer... nós queremos fazer as coisas certas, mas é preciso fazer com tempo hábil, porque a única coisa que tem tempo neste país é o mandato do governante e se não agir direito, é antecipado. Mas eu sei, gente, a quantidade de aeroporto que eu fui anunciar obra e que está totalmente paralisada, totalmente paralisada, e quantas outras coisas que acontecem.

Eu não estou aqui querendo criticar sequer quem está paralisando, porque certamente estará cumprindo uma lei que nós mesmos fizemos, mas eu acho que é hora (incompreensível), de a gente sentar, preparar, Dilma, um grupo de trabalho – sem tempo, sem dia, não tem que apresentar em um mês – e começar a preparar. Qual é a Lei de Licitação que seria importante para este país? Qual é o marco regulatório ambiental que nós precisamos neste país para preservar tudo direitinho, mas com um pouco mais de agilidade? O que nós precisamos para evitar tanta pendenga no Poder Judiciário? No dia em que a gente descobrir isso e for capaz de fazer isso, nós estaremos fazendo a maior obra estruturante deste país.

Eu estou dizendo isso para vocês agora porque já disse em outros debates, mas falta um ano e quatro meses para eu terminar o meu mandato. Olha, e eu cobro, quem me conhece sabe que eu cobro. Todos esses ministros têm que me prestar contas a cada 30 dias das coisas que estão acontecendo: porque não anda, porque anda. E, às vezes, a gente faz uma reunião praticando o “toyotismo”, junta todo mundo na mesa. Nós assumimos compromissos para 30 dias, para 20 dias, para 40 dias. Depois desse tempo a



gente percebe que nada evoluiu, porque não é um problema pessoal de cada ministro, é de estrutura legal que nós criamos.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: está na hora de a gente dar o próximo passo. Os projetos nós vamos fazer, mas a forma de fazê-los, mais fácil, eu acho que nós precisamos conversar com o Congresso Nacional, conversar com os especialistas, conversar com os empresários, conversar com os ministros e construir uma obra de arte capaz de dar ao Brasil a seriedade que nós precisamos para fazer as coisas, mais a rapidez que o Brasil precisa, porque o Brasil não pode perder o século XXI como nós perdemos o século XIX e o século XX.

Portanto, eu acho que esse é um momento extraordinário, extraordinário. Vocês estão percebendo que o Brasil... eu não quero ser ufanista não, mas a crise já está ficando uma coisa do passado, porque este país estava arrumado quando veio a crise, e o governo fez o que tinha que fazer: em vez de diminuir o investimento, aumentamos o investimento; em vez de aumentar impostos, desoneramos os setores mais importantes, a começar pela construção civil, material de construção, e lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida.

Como vocês viveram neste país, desde a década de 50, em que eram chamados de empreiteiros mesmo – e o presidente me chamava a atenção “Está vendo, Presidente? Nem luva a gente tinha, naquele tempo” – e que vocês viraram empresas de verdade, eu acho que está na hora de a gente construir um marco regulatório de verdade para destravar, definitivamente, o nosso país.

Parabéns pelos 50 anos, e espero estar aqui na comemoração dos cem anos. Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita oficial do presidente da Nigéria, Umaru Yar'Adua

Palácio Itamaraty – Brasília-DF, 29 de julho de 2009

[Presidente] da República Federal da Nigéria, Umaru Yar'Adua,
Senhor Ojo Maduekwe, ministro das Relações Exteriores da República Federal da Nigéria, e demais membros da delegação nigeriana,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os ministros brasileiros aqui presentes,
Senhoras e senhores do corpo diplomático,
Amigos e amigas,

Você não quer que eu dê a bola logo, ou a bola é depois? Não, no final eu dou a bola. Antes de começar a falar, eu vou presentear o Presidente com uma bola autografada pelo Pelé.

Quero dar as boas-vindas do governo e do povo brasileiro ao presidente Yar'Adua. Sua visita ocorre em um momento excepcional das relações entre o Brasil e a Nigéria. Num passado doloroso, a escravidão uniu nossos países antes mesmo de sermos Estados soberanos. Hoje temos orgulho de o Brasil ser a segunda maior nação de população negra do mundo, após a Nigéria.

Compartilhamos tradições e culturas. Temos um patrimônio de amizade e de simpatia que facilita nossas relações.

Meu governo tem buscado formas inovadoras de apoiar e valorizar a cultura africana. Enviei ao Congresso projeto de lei que cria uma universidade para 10 mil alunos brasileiros e africanos em Redenção, no estado do Ceará, no Nordeste brasileiro, onde teve início a luta pela libertação dos escravos no Brasil.

Em novembro próximo vamos realizar seminário sobre o ensino da



história da África na diáspora. Esse evento, co-patrocinado pela Unesco e União Africana, visa a aumentar o intercâmbio entre universidades. Ajudará na implementação da lei que institui o ensino da história e da cultura afro-brasileiras nas escolas do Brasil. Nossa aproximação cultural recebeu grande impulso com a inauguração, no ano passado, da Casa da Nigéria, em Salvador.

Senhor Presidente,

Fui duas vezes à Nigéria. Recebi o presidente Obasanjo nas celebrações do 7 de Setembro, em 2005. Tenho, agora, o privilégio de tê-lo aqui conosco. Nossa agenda bilateral privilegia a exploração de parcerias que favoreçam o desenvolvimento econômico e a justiça social de nossa sociedade.

O extraordinário aumento do nosso comércio bilateral também ilustra a aproximação de Nigéria e Brasil. Nossas trocas quintuplicaram entre 2002 e 2008, ultrapassando a cifra de US\$ 8 bilhões. A Nigéria é hoje o nosso principal parceiro comercial na África e o décimo no mundo. O Brasil é o segundo maior importador da Nigéria.

É crescente a presença empresarial brasileira na Nigéria. O ministro de Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Miguel Jorge, que lá esteve há pouco mais de um mês, trouxe-me relato muito favorável da perspectiva de negócios. Convido o empresariado nigeriano a conhecer melhor as oportunidades oferecidas pelo Brasil.

Com a assinatura do Memorando de Entendimento e Energia vamos incrementar nossa cooperação. A experiência do programa Luz para Todos pode ser de grande utilidade nas nossas relações. Esse Programa levou eletricidade a mais de 2 milhões de residências em todo o nosso País.

Alegra-me saber que a produção da Petrobras na Nigéria já é a segunda mais importante da empresa no exterior. Deverá tornar-se a primeira ainda este ano. O petróleo extraído pela Petrobras em território nigeriano poderá chegar a



400 mil barris diários.

O Memorando de Entendimento sobre Esporte, que assinamos, promoverá contatos e atividades nas áreas de Educação Física, capacitação de técnicos de futebol, produção de material esportivo, além da implementação do programa Segundo Tempo na Nigéria.

O ajuste complementar em biotecnologia fomentará intercâmbio de pesquisadores e estudantes e a elaboração de projetos conjuntos ajudará o desenvolvimento do setor agrícola na Nigéria. A propósito, propus na Cúpula de Sirte, da União Africana, uma reunião entre os ministros da Agricultura da África e do Brasil. Queremos discutir formas de viabilizar uma revolução verde na África e enfrentar os desafios da segurança alimentar.

Amigo Presidente,

Temos buscado atuar em sintonia com as organizações africanas. Apreciamos o papel da Nigéria na manutenção da paz e da estabilidade regionais.

Nossos países trabalham conjuntamente em benefício da Guiné-Bissau. Como líder da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental, Vossa Excelência foi muito feliz ao dizer que não há golpes para o bem. Os golpistas em Honduras também devem perceber o mal que estão fazendo para a democracia na América Central.

O Brasil aprecia o papel do seu país na promoção da Cúpula América do Sul-África. Tenho convicção de que a segunda edição da Cúpula ASA na Venezuela, ainda este ano, coroará de êxito esse esforço comum.

Senhor Presidente,

Nigéria e Brasil são dois grandes países em desenvolvimento, convencidos da necessidade de construir uma ordem internacional mais justa e equânime. A reforma das instituições globais não pode ignorar a crescente importância da África e da América do Sul.

A Nigéria tem papel essencial na convergência das propostas da União



Africana e do G-4 para a reforma do Conselho de Segurança. A contribuição nigeriana para o G-20, na OMC, é muito valorizada pelo Brasil. Um regime de comércio mais equilibrado, sem o subsídio dos países ricos, trará benefício para os países produtores agrícolas e para os que importam alimentos e matéria-prima.

A Nigéria também desempenhou, com grande sucesso, a primeira presidência africana do Conselho de Direitos Humanos, em Genebra. Sob a liderança nigeriana, o Conselho fortaleceu-se em sua vocação para o diálogo, substituindo a atitude contraproducente de tempos passados por um ambiente de cooperação e persuasão.

Presidente Yar'Adua,

A nova política do Brasil para a África veio para ficar. Meu país está, definitivamente, decidido a contribuir para que essa relação se aprofunde, a cooperar com o fortalecimento da democracia e da paz no continente africano.

Com esse espírito, convido todos a erguerem um brinde à prosperidade do povo nigeriano, ao permanente aprimoramento das relações entre Brasil e Nigéria, e à felicidade de Vossa Excelência e da primeira-dama.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão de encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Chile

São Paulo-SP, 30 de julho de 2009

Excelentíssima senhora Michelle Bachelet, presidente da República do Chile,

Senhora Monica Serra,

Senhor presidente da Câmara dos Deputados, Michel Temer,

Senhores ministros chilenos e brasileiros, e demais integrantes das delegações dos dois países,

Senhores presidentes da Fiesp e da Sofofa,

Senhoras e senhores empresários,

Jornalistas,

Amigos e amigas,

É uma alegria vir a São Paulo encerrar este Seminário, ao lado da minha querida amiga Michelle Bachelet e de empresários chilenos e brasileiros que nos ajudam a fortalecer a aliança entre nossos países.

Na semana passada, Michelle e eu nos reunimos em Assunção com os demais parceiros do Mercosul. Falamos, mais uma vez, da crise econômica e financeira internacional. Examinamos as razões pelas quais nossos países, ao contrário de outras conjunturas, mostraram-se preparados para enfrentar essa grave adversidade. Enquanto países do mundo rico se deixaram levar pela promessa dos ganhos fáceis da especulação, fizemos outra aposta. Chile e Brasil optaram, claramente, pela economia da produção, do emprego e da distribuição de renda. Hoje vemos que a solidez dos fundamentos das nossas economias está diretamente vinculado ao nosso compromisso em combater a pobreza e a desigualdade.



Querida Presidenta,

A amizade entre os nossos países é histórica. Nossa relação vem atravessando um período excepcional nos últimos anos. Desde quando lançamos a Aliança Renovada, em 2006, reafirmamos compromissos e adotamos instrumentos para fortalecer nossa cooperação. A conformação da comissão bilateral Brasil-Chile, presidida pelos ministros de Relações Exteriores, permitirá impulsionar os principais temas da agenda bilateral, com destaque para o comércio, investimentos, temas sociais, infraestrutura e energia.

Acelera-se a integração da América do Sul. A região pôde contar com a liderança criativa, firme e serena da presidenta Bachelet à frente da nossa Unasul, sobretudo para superar o impasse político na Bolívia, no ano passado. Sob sua condução, progressos foram alcançados em várias frentes de integração.

No plano da infraestrutura física estamos avançando a passos decididos. Em breve poderemos inaugurar, juntamente com o presidente Evo Morales, o corredor bioceânico Santos-Iquique. Ele ajudará a desenvolver mercados e as trocas do interior de nosso continente. Estimulará o crescimento de regiões menos favorecidas. Aumentará, particularmente, o fluxo de pessoas e mercadorias entre os nossos países.

Para tanto, simplificaremos os trâmites de controle fronteiriço. O Memorando de Entendimento entre a nossa Receita Federal e o Serviço Federal de Aduanas chileno, assinado hoje, é importante passo nessa direção.

Senhoras e senhores,

Brasil e Chile devem seguir determinados a fazer do comércio e dos investimentos um fator de desenvolvimento. Em 2008, nossas trocas alcançaram a cifra recorde de US\$ 8,8 bilhões. O Chile foi, no ano passado, o segundo parceiro comercial do Brasil na América Latina e Caribe. Como nossas economias são complementares, tenho certeza de que os níveis de



comércio afetados pela crise voltarão a crescer em breve. Eventos como os de hoje são fundamentais para tanto. O Chile é o maior investidor latino-americano no Brasil.

Aqui, me permitam, 30 segundos de improviso. É uma *vergüenza* que um país de menos de 20 milhões de habitantes, com o PIB muito menor do que o brasileiro, invista... para US\$ 4 que o Chile investe aqui, nós investimos US\$ 1 lá. Eu compreendo que durante muito tempo a gente não olhou com bons olhos para os nossos irmãos da América do Sul. Mas eu acho que está na hora... e Deus queira que essa crise tenha servido de lição para o governo, para os empresários, para os trabalhadores e para todos nós da América do Sul. Eu espero que Deus tenha iluminado cada um de nós e que a gente perceba que a diversificação dos nossos investimentos, a diversificação dos nossos comércios, a diversificação dos nossos produtos e a diversificação dos nossos parceiros é uma grande garantia contra a crise que, como esta, pode se repetir em vários momentos, se a gente não acabar com a especulação, se a gente não acabar com os paraísos fiscais e se a gente não acabar com a maldita ideia de alguém achar que pode ganhar dinheiro apostando na loteria o dia inteiro. É preciso ganhar dinheiro produzindo produtos e isso, sim, gera riqueza para o nosso país.

Certamente que já houve uma evolução importante das nossas empresas e elas estão cada vez presentes no Chile, também no setor financeiro e distribuição de derivados do petróleo. Nós já tomamos a decisão, Michelle, de que o nosso Banco do Brasil vai ter que ter agências em Estados importantes onde o Brasil tenha uma boa balança comercial, porque já tivemos há 20 anos, há 25 anos. Ou seja, não há porque retroceder e o Brasil não ter uma participação mais forte nos países com que o Brasil mantém uma boa relação política e, sobretudo, uma boa balança comercial.

A entrada em vigor de instrumentos que negociamos nos últimos dois anos, relativos às zonas francas e ao comércio de tecidos, oferecerá



oportunidade para diversificar e incrementar o comércio. No plano energético, Brasil e Chile podem ajudar a estabelecer um mercado mundial de combustíveis renováveis, combustíveis mais limpos e baratos que os derivados de petróleo, que geram mais empregos e renda para o trabalhador do campo. A esse respeito, precisamos definir data para ida, ao Chile, de missão brasileira na área de biocombustíveis, para discutir com os nossos irmãos chilenos.

É de extrema importância alcançar uma matriz tecnológica comum, e nós precisamos trabalhar isso porque agora, em dezembro deste ano, vamos ter em Copenhague a grande conferência mundial sobre a questão climática. Eu já senti o que os países ricos estão preparando para propor em Copenhague. Eles querem continuar com o mesmo padrão de consumo, com o mesmo padrão de produtividade, com o mesmo padrão de vida que têm e querem que nós sejamos os sequestradores do carbono que eles colocam no ar.

Nós já começamos uma discussão e acho, Michelle, que nós temos que convocar uma reunião da Unasul antes de a gente ir para Copenhague, para que a gente discuta seriamente uma proposta da América do Sul. Obviamente que nós queremos contribuir para sequestrar carbono, obviamente que nós queremos fundo para ajudar na preservação ambiental. Mas é preciso que o fundo seja acompanhado de um compromisso de que eles vão diminuir, substancialmente, as emissões de gases de efeito estufa, porque senão eles ficarão crescendo e nós, decrescendo. Não é justo, não é possível, e essa discussão nós já fizemos.

Eu contava para a Michelle que o G-5 já se colocou contra essa posição do G-8, e nós vamos para Copenhague numa disputa muito forte, política, porque nós não poderemos deixar prevalecer os interesses dos países ricos ou os interesses de algumas ONGs que acham que a gente tem que continuar pobre como nascemos. Nós temos o direito de progredir e, para isso, é preciso que a gente cresça industrialmente e economicamente. Então, nós vamos bem



preparados para esse debate de Copenhague. Eu tenho certeza de que os interesses do Brasil e os interesses do Chile são totalmente iguais, e nós vamos fazer uma boa disputa lá.

Também o turismo é outro setor com enorme potencial. Na América Latina, o Chile é o segundo país que mais envia turistas para o Brasil, sendo que, no mundo todo, é o quinto país a enviar turistas para o Brasil. Pense como o chileno gosta de viajar!

Outra iniciativa que irá dinamizar o comércio, sobretudo no âmbito das micro, pequenas e médias empresas, é o instrumento que firmamos com vistas à criação de programa de exportações por remessas postais no Chile, a exemplo do Exporta Fácil, que é um programa brasileiro.

Fico satisfeito em anunciar, ainda, nossos entendimentos na área da Previdência Social, que beneficiarão brasileiros que residem e trabalham no Chile, e os chilenos que vivem e trabalham no Brasil.

Aqui, vocês que passaram seis anos pedindo para o Chile comprar carne brasileira, a nossa querida Michelle Bachelet abriu espaço para que a carne brasileira pudesse entrar no Chile. Então, é importante vocês agradecerem, batendo uma salva de palmas para a nossa querida Michelle.

Meus amigos e minhas amigas,

Estamos recebendo, mais uma vez, uma estadista, uma grande companheira que, nos últimos anos, vem se dedicando ao aprofundamento das relações entre Chile e Brasil e trabalhando pela integração da América do Sul. A integração regional é a melhor maneira de nós, sul-americanos, buscarmos o desenvolvimento com justiça social. Ela vai muito além da criação de um simples espaço econômico. Está baseada em valores compartilhados e no entendimento de que a soma de esforços resultará em soluções melhores para as nossas sociedades.

Nosso compromisso com a democracia, todo mundo sabe, é inabalável. Por isso, a presidente Michelle e eu, a exemplo de todos os presidentes da



região, condenamos, de forma enfática, o golpe contra o presidente hondurenho Manuel Zelaya. Nós respaldamos todos os esforços para que o presidente Zelaya volte ao seu país o quanto antes, a fim de retomar o mandato que lhe foi outorgado pelo povo.

Senhores empresários,

Estou convencido de que o papel do setor privado de nossos países continuará a ser decisivo, mas sei também que o Estado, como agente normativo e regulador da atividade econômica, desempenha papel fundamental para que nossos ideais mais altos sejam alcançados.

Minha querida amiga Michelle Bachelet, e aos membros de sua delegação, mais uma vez quero expressar minha grande satisfação de participar deste Seminário Empresarial.

Aos empresários chilenos e brasileiros aqui presentes: vocês precisam compreender que nós, políticos, só sabemos fazer política, e quem tem que saber fazer negócio são vocês. Essa crise está a nos provocar, e a gente não pode ficar sentado na varanda da nossa casa esperando que um comprador ou um vendedor passe, batendo palmas, para a gente vender ou comprar. Eu tenho feito boas provocações aos meus companheiros ministros, de vez em quando ao Paulo Skaf, de vez em quando ao Tigre, lá no Rio Grande do Sul, de vez em quando no Rio de Janeiro, de vez em quando o Armando Monteiro Neto: este é o momento de nós fortalecermos as relações que já temos e é o momento de a gente criar novas parcerias.

Eu tenho andado, e o Miguel Jorge tem feito uma experiência... Antigamente a gente gostava muito de ir para Paris, onde se comprava muito pouco de nós, mas nós íamos para lá. Era chique dizer aqui que a gente tinha ido a Paris. Ou ia para Londres, que comprava pouco da gente também, mas era charmoso a gente dizer que ia para Londres. Ou ia para os Estados Unidos ou para a Europa, em vários outros países da Europa em que normalmente a gente já tem uma balança comercial muito equilibrada, muito desenhada. A



chance de você vender um corte de pano que um mascate carrega embaixo do braço, na Avenida Paulista, é zero. No Jardim Brasil é zero. No Morumbi é três menos zero. Mas se a gente for no Jardim Miriam, a gente vende. Se a gente for na Vila Prudente, a gente vende. Se for na Vila Carioca, onde eu morei muito tempo, a gente vende.

Então, o que nós precisamos, neste momento, ousar, ser desaforados? É a gente fortalecer, enquanto país, enquanto Mercosul, enquanto Unasul, enquanto parcerias estratégicas que nós temos, alianças com outros blocos que precisam comprar de nós. Eu tenho dito todos os dias: nós vamos vender máquinas agrícolas nossas em Paris? Não. Nós vamos vender máquinas agrícolas nossas na Alemanha? Onde é que nós poderemos vender? Junto a nossos parceiros da América Latina, junto à África, junto aos países que estão em um processo de desenvolvimento similar, um pouco mais ou um pouco menos do que nós. É essa a grande descoberta que nós precisamos fazer e colocar em prática.

Eu tenho viajado muito. Sobretudo os empresários da construção civil, Paulo, tem uma gama de oportunidades para esses empresários. Em vez de aquele que perde uma obra aqui ficar entrando na Justiça para evitar que a obra comece, ele deveria procurar outra obra e, quem sabe, ganhar até mais dinheiro do que ganharia nessa disputa na Justiça. É apenas uma questão de inteligência, uma questão de sobrevivência e uma questão de esperteza política.

Essa crise que, na minha opinião, já vai fazer parte das coisas que a gente vai contar, do passado, essa crise abre uma oportunidade para Chile, para Brasil, para todos os países da América Latina e para os países pobres, uma oportunidade, uma descoberta que não está escrita em livros ainda. Se os iguais se derem as mãos, estabelecerem complementaridades entre eles, a chance de nós ficarmos ricos é muito mais fácil do que se a gente ficar dependendo que os países ricos nos tornem ricos.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um abraço e boa sorte a todos vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de formatura de turmas do Plano Setorial de Qualificação e Inserção Profissional para o Bolsa Família (PlanSeQ-BF) na região metropolitana de Belo Horizonte

Belo Horizonte-MG, 31 de julho de 2009

Se vocês tiverem um pouco de paciência, eu – embora esteja com a dona Marisa me esperando, porque eu saí de casa ontem de manhã, já fui a São Paulo, já fui ao Rio de Janeiro, já encontrei com a Jô Moraes, em Campina Grande, na Paraíba – mas eu queria cumprimentar os nossos companheiros, porque quando a gente colhe um fruto de qualidade na árvore que a gente plantou, a gente precisa dizer quem ajudou a gente a plantar essa árvore. Eu não poderia deixar de agradecer o trabalho extraordinário que o companheiro Patrus vem fazendo à frente do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; eu não poderia deixar de agradecer o extraordinário trabalho que o companheiro Lupi vem fazendo no Ministério do Trabalho; eu não poderia deixar de reconhecer o trabalho que essa revelação, chamada Luiz Eduardo Barretto, vem fazendo no Ministério do Turismo; e não poderia deixar de agradecer o trabalho, muitas vezes, que não aparece tanto na imprensa como outros, mas que tem me dado uma garantia extraordinária, que é o trabalho que o mineiro Luiz Dulci faz na Secretaria-Geral da Presidência da República.

Também não poderia deixar de reconhecer, na frente de todos vocês que estão aqui, os deputados que têm nos ajudado. Muita gente fala do Congresso, muita gente fala, mas a verdade é que se a gente for pegar perdas e ganhos, o País ganhou muito mais com a atuação dos deputados do que perdeu, e sobretudo o governo, que teve todos os projetos importantes aprovados.



Eu queria cumprimentar alguns companheiros que estão aqui,

A companheira deputada federal Jô Moraes,

O companheiro deputado Ademir Camilo,

O companheiro deputado Miguel Corrêa Júnior

O nosso companheiro, ex-ministro da Saúde, Saraiva Felipe,

O nosso querido companheiro Virgílio Guimarães,

Queria cumprimentar o companheiro prefeito Marcio Lacerda e dar os parabéns ao Marcio pela parceria que ele tem conseguido construir com o governo federal e com o governo estadual. E, parabenizando o Marcio, eu não poderia deixar de também agradecer o trabalho extraordinário que o nosso querido companheiro Fernando Pimentel, que está aqui, fez quando era prefeito de São Paulo. Eu digo sempre... (incompreensível) de Belo Horizonte. Eu digo sempre que um político sem mandato, nem o vento bate nas costas. E o companheiro Pimentel deixou de ser prefeito, mas não deixou de ser personalidade de Minas Gerais, portanto, ele deveria estar aqui, junto conosco, no palco das autoridades.

Eu espero que quando eu deixar a Presidência da República, que eu estiver em um ato, vocês me chamem, pelo menos para ficar em um cantinho ali, e não esqueçam de mim tão rapidamente. Não é o povo que esquece, é a (incompreensível) que, às vezes, é assim mesmo.

Quero cumprimentar todos os companheiros secretários estaduais,

Quero cumprimentar a nossa querida Maria do Carmo Lara Perpétuo, prefeita de Betim,

Quero cumprimentar a nossa companheira Maria Auxiliadora, prefeita em exercício de Rio Acima,

Quero cumprimentar o nosso companheiro, prefeito Herbert Fernando de Oliveira, prefeito em exercício de Florestal,

Quero cumprimentar o companheiro Carlos Roberto Rodrigues, prefeito de Nova Lima,



Quero cumprimentar o companheiro Adair Dornas dos Santos, prefeito de Rio Manso,

Quero cumprimentar o nosso bispo, dom Joaquim Giovani Mol, bispo auxiliar da Arquidiocese de Belo Horizonte e reitor da PUC de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o nosso companheiro e parceiro Paulo Simão, presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção Civil,

Quero cumprimentar o companheiro Olavo Machado, presidente interino da Federação das Indústrias do estado de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o Walter Bernardes de Castro, presidente do Sindicato das Indústrias da Construção Civil de Minas Gerais,

Quero cumprimentar o Paulo Solmucci Jr., presidente da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes,

E quero cumprimentar a nossa querida companheira Almerinda Alves dos Santos, a companheira que fez o discurso aqui, em nome de quem cumprimento os demais alunos e formandos do Plano Setorial de Qualificação e Inserção Profissional para os beneficiários do programa Bolsa Família,

Quero cumprimentar os companheiros da imprensa,

Quero cumprimentar quem não está estudando no PlanSeQ,

O Arnaldo Godoy, que está me vendo ali, com dois “zoião” ali. Ele não está vendo, mas está me sentindo, certamente ele está acompanhando de onde vem a minha voz.

Quero começar falando de duas personagens deste curso. A primeira personagem, Patrus, é uma companheira chamada Mônica Rodrigues Coelho de Azevedo Barroso. Foi ela que recebeu aqui a primeira assinatura na carteira de trabalho nesta solenidade. A Mônica tem 28 anos de idade, parece que tem 22, e quando começar a trabalhar vai ficar com 21. A Mônica tem uma enorme responsabilidade. Ela cria sozinha os dois filhos: Júlia, de 11 anos, e Luiz Eduardo, de 6 anos. Trabalha de faxineira e vende perfumes da Avon de porta



em porta. Complementa o orçamento com o Bolsa Família, única renda fixa dela. Mas a partir de hoje tem uma nova profissão. Mônica, agora, é pedreira, com muito orgulho. E, por favor, quem quiser fazer um puxadinho na sua casa a partir de agora, convoque a Mônica que, em horas vagas, ela vai fazer um bico para aumentar o salário dela.

A Mônica agora, ela vai começar ganhando R\$ 616 da Construtora Líder. Portanto, ela já vai ganhar, praticamente, oito Bolsas Família com o seu primeiro emprego. Ela vai começar como meio-oficial. Eu, quando me formei torneiro mecânico, também comecei trabalhando de meio-oficial, e vejam onde eu cheguei. Significa que um caminho a percorrer não é impossível. Ela vai pegar mais prática, mas eu tenho certeza que depois de alguns meses ela será contratada como oficial e aí a Líder vai ter que aumentar um tiquinho o salário dela, porque se meio-oficial ganha R\$ 600, um oficial inteiro deve ganhar uns 1.200, no mínimo, é uma lógica matemática que ...

Bem, eu não sei se a imprensa... eu não sei se tem meio jornalista, tem? Meio-oficial? Não tem, porque ou escreve ou não escreve, né? Bem, durante o treinamento, a nossa querida Mônica pegou tanto amor pela nova profissão, que ela pretende ir além. Ela quer ser tecnóloga em construção civil, portanto, o dono da Líder pode se preparar que a menina está pensando em dar passos muito mais altos, ou seja, ela não quer voar apenas como um pardal, ela quer voar como uma águia, ela quer ir muito mais longe do que a gente está pensando.

Bem, e o que ela está esperando? Ela está só esperando o Senai abrir o curso para fazer a matrícula. Portanto, a Federação das Indústrias daqui comece a se preparar porque a Mônica tem pretensões e já está reivindicando aqui no meu discurso, publicamente. Mas, neste momento, a grande preocupação da Mônica é convencer o filho de seis anos de que mulher pode, sim, trabalhar na construção civil. Mas o menino, chamado Luiz Eduardo, até hoje só tinha visto homens exercendo a profissão. Ele morre de medo de que a



mãe muda de sexo. Chegou a perguntar: “Mãe, quer dizer que você agora vai ser meu pai?”. Um dia desses, a Mônica foi para casa usando macacão e capacete. Só assim o pequeno Luiz Eduardo começou a entender que a mãe continua sendo mulher, mesmo com roupa de pedreiro.

Meus parabéns, querida Mônica. Não diminua nunca as tuas pretensões e as tuas perspectivas. Quanto mais pobre a gente for, mais sonhar grande a gente tem que sonhar, porque a nossa vida é curta e não há tempo de se contentar com o que a gente tem. Nós precisamos sempre buscar o máximo.

Outra companheira é a Virgínia Gregório Barbosa. Aos 40 anos, Virgínia resolveu botar a mão na massa. Aprendeu a operar betoneira, levantar parede, nivelar tijolo, tudo o que a nova profissão exige. Diz ela: “A mulher tem capacidade de fazer qualquer trabalho”, afirma, com muito orgulho. Virgínia também cria os dois filhos sozinha, com a ajuda do Bolsa Família. O benefício é investido nos filhos: Patrícia, que tem 14 anos, e Marcos Alexandre, de 10 anos. É com o Bolsa Família que Virgínia paga curso de informática para Patrícia e aula de esforço [reforço] escolar para Marcos, além de calçados e uniformes, como ela conta. Diz ela: “Roupa de marca, eu não compro porque não posso, nem os meus filhos precisam. Mas o tênis e o uniforme têm que estar sempre com a aparência de novos. Criança não pode sair de casa toda ruça”. Eu não entendi porque o ruça, mas ela diz: “Criança não pode sair de casa toda ruça, com uniforme velho, desbotado. Tem que ir para a escola bem apessoada, porque assim tem até mais incentivo em aprender”.

Pensando bem, a nova profissão de Virgínia não é assim tão nova. Aos dez anos de idade, ela ajudou a construir a casa da família. Diz ela: “Carreguei tijolo, carreguei areia, ajudei a virar a massa, virei até concreto”, conta, orgulhosa. A pedreira Virgínia já tem um projeto: quer ajudar a construir moradia para um monte de gente e quer, principalmente, construir o seu próprio lar. Minha querida companheira, você precisa fazer todo o esforço que você precisa para você vencer essa batalha, Virgínia, porque a luta... a vida é



muito difícil, mas quem não luta tem muito mais dificuldade do que as pessoas que lutam.

Eu queria ler essas duas cartas porque simbolizam aquilo que eu vou contar para vocês agora. Na verdade, se todo governante de uma cidade, de um estado ou de um país resolvesse colocar parte do dinheiro público para cuidar dos pobres, o País seria menos pobre, a gente teria menos pobres, as empresas produziriam mais, o comércio venderia mais. Eu não sei quem foi o ignorante que um dia resolveu achar que o Brasil poderia conviver com 10% altamente ricos, com uma classe média de 30% e com o restante da sociedade sem ter sequer o que comer.

Se você fosse um economista, um doutor formado em qualquer universidade do exterior, você saberia que essa lógica é perversa até para os interesses dos grandes empresários capitalistas de qualquer país do mundo. Porque quanto mais gente ganhar, mesmo que seja um pouco, mais gente vai consumir, mais o comércio vai vender, mais a indústria vai produzir, mais empregos vai gerar, mais salário vai gerar e a roda da economia vai se desenvolvendo sem que a gente tenha preocupação.

Noutro dia eu estava pensando, quando eu vejo a Mega-Sena. Eu vejo todo mundo, até lá em casa, a Marisa fica com *frisson*: “Ô benzinho...” Não é benzinho; amor. “Amor, a Mega-Sena está com 36 milhões”. Esses dias foram 50 e poucos milhões. “Ah, se eu ganhasse aquilo”. Todo mundo sonha. Imagine se, em vez de a gente distribuir 56 milhões para uma pessoa só, a gente pegasse 56 milhões e distribuísse para um monte de pessoas. Você, na verdade, em vez de ter um cara rico com uma conta no banco, você ia ter um monte de gente remediada, comprando o que comer no supermercado, comprando o que vestir, e a economia iria gerar... ia girar muito mais e iria possibilitar melhoria da qualidade de vida.

Ainda tem gente que critica o Bolsa Família, e eu acho normal. Eu atingi uma idade, que eu não tenho mais o direito de me ofender com essas coisas.



Alguns dizem assim: “O Bolsa Família é uma esmola, o Bolsa Família é assistencialismo, o Bolsa Família é demagogia”. E vai por aí fora. Tem gente tão imbecil, tão ignorante, que ainda fala: “O Bolsa Família é para deixar as pessoas preguiçosas, porque quem recebe Bolsa Família não quer mais trabalhar”. A ignorância é de tal magnitude que as pessoas pensam que um ser humano vai ganhar R\$ 85 e vai deixar de ter perspectiva de ganhar os 616 que a Mônica vai ganhar, tendo um trabalho decente. As pessoas que pensam que o Bolsa Família é isso, são as mesmas que acham que um cara mora em um barraco na favela porque quer; as pessoas que acham que o povo é pobre porque é vagabundo, porque não quer trabalhar, porque não quer estudar. Ou seja, essa forma simplista de ver as coisas não permite que sequer esse ignorante lembre que o Brasil é dividido entre as pessoas que tiveram oportunidade e as pessoas que não tiveram oportunidade; as pessoas que puderam frequentar boas escolas e as pessoas que não tiveram chance de frequentar sequer uma escola; ou outras que não tiveram chance sequer de concluir o curso em que estavam se formando.

Mas este país está dando uma lição ao mundo porque pela primeira vez na história do Brasil, e não sei se na história do mundo, o Brasil tem um Presidente da República e um Vice-presidente da República que não têm diploma universitário. Nem eu e nem o José Alencar somos doutores. Ele nasceu 15 anos antes de mim e percorreu um caminho: virou um empresário muito rico. Mas antes de ser rico, ele saiu de casa com 14 anos, dormiu em banco de praça, dormiu em corredor de hotel, lavava a sua própria roupa, vendeu coisa em tudo que é lugar deste país até virar esse patrimônio moral que é o nosso companheiro José Alencar. Porque era a pessoa que nasceu... poderia não ter dado certo. Da mesma forma eu. Eu poderia não ter dado certo. Nasci em Garanhuns, onde uma criança que não morre até os cinco anos de idade, pode chegar a presidente da República como eu cheguei. Mas o fato de o Brasil ter o José Alencar e eu na Presidência não é uma convocação para as



peças não estudarem porque podem chegar à Presidência. Pelo contrário, todos têm que estudar o máximo que puderem estudar porque, cada vez mais, o mundo vai depender das pessoas mais inteligentes, que têm o conhecimento.

Mas, o que eu quero dizer com isso? É que chegar onde nós chegamos, desperta na consciência de cada mulher que está aqui, de cada homem que está aqui, do mais simples, aquele que pegou o seu diploma agora, que o mundo para ele não tem limite. Basta que ele acredite nele, porque tudo acontece na nossa vida a partir da nossa disposição de assumir a nossa vontade e fazer acontecer as coisas que têm que acontecer.

Muitas vezes, a gente fica chorando: “Ah, porque eu sou pobrezinho, porque eu não tive oportunidade”. A gente tem que procurar as coisas. E eu conheço bem, porque todas as vezes que eu vou a um movimento ou a um ato qualquer, eu vejo o drama das pessoas, e eu penso: eu já vivi isso, eu já passei por isso. E é exatamente por já ter passado por tudo o que passam milhões de brasileiros, é que eu fico inconformado de a gente não fazer muito mais do que a gente está fazendo, para que a gente apresse a subida de degrau na vida das pessoas mais pobres do País. Ora, se a gente ajudar os mais pobres, não é o empresário que vai perder, porque vejam o milagre que está acontecendo aqui. Quanto custou dar o orgulho profissional a essas pessoas que se formaram? Quanto custou mil alunos, dois mil alunos? É nada, é nada, é quase nada para o governo e quase nada para o empresário, e o ganho é extraordinariamente alto, porque a gente passa, em vez de ter cidadãos de segunda classe, a gente conquista homens e mulheres de primeira classe, que vão, agora, poder escolher o seu emprego, trabalhar onde quiserem e até trabalhar por conta própria, se quiserem. Não tem conquista mais importante do que essa. Lamentavelmente, lamentavelmente, leva tempo para a gente fazer as pessoas compreenderem as coisas que a gente tem que fazer para a parte mais pobre da sociedade. Leva tempo, porque o pobre, além de ser pobre, é vítima de um preconceito incansável. Eu diria que não tem nem como



a gente medir o preconceito que a maioria do povo tem.

E eu quero dizer para vocês que hoje eu tenho consciência de que, daqui para a frente, a gente pode fazer, em menos tempo, mais do que a gente fez em quatro ou cinco anos, porque nós já temos mais conhecimento, nós já temos mais experiência, o povo já levantou um pouco mais a cabeça. Eu não sei se todo mundo compreende a autoestima de uma companheira pegar a carteira profissional assinada.

O Brasil, Patrus, passou quase 20 anos em que carteira assinada não tinha valor, porque não tinha emprego. Não sei se vocês lembram, os mais velhos devem lembrar, que até a década de 70, a gente tinha na porta da fábrica: “Precisa-se de empregado, precisa-se de pedreiro, de pintor, de eletricitista, de encanador, de torneiro, de faxineiro, de escriturário, de secretária”. Naquele tempo não tinha computador, então não precisava de gente formada em computação. Nós passamos 20 anos em que essas placas desapareceram das paredes das empresas. Pode andar no distrito industrial de Belo Horizonte, acabaram as placas. Agora, começa a faltar engenheiro, começa a faltar azulejista, começa a faltar eletricitista, começa a faltar uma série de profissões que, há 20 anos, a gente tinha em excesso. É verdade que muita gente parou de trabalhar, desanimada porque não tinha mais emprego e foi trabalhar na economia informal, foi fazer alguma coisa na vida. Eu vou dar, Patrus, para você ficar mais animado ainda... O programa Luz para Todos. Quando a gente faz o programa Luz para Todos, um homem, uma mulher ou uma criança, que nasceu no centro de Belo Horizonte, e que nunca viu faltar luz, ele não sabe o que é. Ele não tem noção do drama, do que é uma mulher cozinhar no fogão de lenha com uma boca só, à luz de um candeeiro, costurar à luz de um candeeiro, fazer comida à luz de um candeeiro.

Quando nós ligamos o Luz para Todos na casa de uma mulher, a expressão dela, lá no Ceará: “Eu nunca tinha conseguido ver o meu filho dormindo”. Isso, para nós que nascemos na cidade, não eu, que nasci em



Caetés, isso parece uma coisa banal, mas quando você liga um botão de luz na casa de uma pessoa, você está pegando ela do século XVIII e trazendo para o século XXI. É como se ela tivesse entrado na máquina do tempo.

E o que aconteceu no milagre do Luz para Todos? Nós completamos 2 milhões e 20 mil residências que receberam o Luz para Todos. Atendemos 10 milhões de pessoas. Sabem o que aconteceu? Oitenta e três por cento dos beneficiários compraram televisão, 79% compraram geladeira e 47% compraram aparelhos de som. Eu vou dar o número para vocês do que aconteceu de 2004 para cá. O pessoal do programa Luz para Todos comprou 1 milhão e 578 televisores, comprou 1 milhão e 420 mil geladeiras e comprou 978 aparelhos de som. Vejam o que isso fez girar na economia de um dono de uma fábrica que produz televisão, que nem sabia que o comprador era uma pessoa do programa Luz para Todos.

Agora, vejam este ato aqui. Este ato aqui, como diz o Patrus, não é um ato grandioso, é um ato pequeno. É um programa que teve dificuldades iniciais, porque um programa é como um motor de um carro: se está um pouco encrascado, ele demora para pegar. Este programa demorou para pegar, mas agora ele pegou, e cabe aos prefeitos ajudarem, cabe aos prefeitos ajudarem, porque quem sabe onde é que estão as pessoas necessitadas são os prefeitos das cidades, que estão mais próximos das pessoas. Da parte do governo federal, nós não mediremos esforços para colocar o dinheiro, e eu tenho certeza que os empresários também irão contribuir, porque qualquer centavo que eles gastarem, na hora de pegar um profissional qualificado, eles vão ganhar em dobro aquilo que eles investiram.

Se a gente não fizer isso... e eu fui agora a Campina Grande lançar uma escola técnica. Uma menina de 16 anos foi abandonada pela mãe quando ela tinha 13, foi abandonada pelo pai, foi morar com a tia e foi abandonada pela tia. Ou seja, essa menina, ela estava no fio da navalha para cair naquilo que se chama banalmente de “vida fácil”, quando, na verdade, é a vida mais difícil que



uma pessoa pode levar. Essa menina viu um anúncio de que ia ter uma escola técnica, e que tinha uma bolsa de estudos de R\$ 180 oferecida pelas escolas técnicas. Essa menina entrou na escola há dois anos e, em vez deste país ter ganho uma prostituta a mais, este país ganhou uma cidadã a mais, formada profissionalmente para ter emprego e viver com dignidade.

A sensação que vocês sentiram ao pegar o diploma de vocês, posso dizer para vocês que eu senti quando peguei o diploma do Senai. Aliás, vocês viram quando eu recebi o meu diploma de Presidente. Certamente, eu estava tão ou mais emocionado do que vocês, porque quando vocês conquistaram esse diploma é a demonstração de que vocês resolveram dar um passo adiante na vida de vocês.

Tanto a Mônica como a Virgínia poderiam ficar em casa chorando: “Ah, eu sou mãe solteira, eu ‘não sei das quantas’, eu não tenho emprego”. Em vez de ficar chorando, as duas, sabedoras das responsabilidades que tinham, de que os filhos estavam colocados no mundo e de que era preciso cuidar deles, em vez de procurar qualquer via tortuosa para cuidar dos filhos, vocês foram procurar se formar profissionalmente.

E eu acho que isso deve ser uma marca que deve servir para todas as mulheres do mundo: a maior independência da mulher – prestem atenção – a maior independência da mulher... Pobre da mulher que ficar em casa dependendo da bondade do marido para lhe dar um dinheirinho para ela comprar uma coisa. Pobre da mulher. A mulher, ela tem que ficar com o marido porque ela gosta dele, porque ela ama ele. Ela não pode ficar porque, no final do mês, ele vai colocar o feijãozinho dentro de casa, ele vai dar um dinheirinho para comprar um chinelo. O que vai dar orgulho em vocês é o dia em que vocês trabalharem, que chegarem em casa, se o marido brigar com vocês, vocês falarem: “Escuta aqui, ô cara, escuta aqui. Eu estou casada com você não é pelo teu dinheiro, não. Eu não preciso do seu dinheiro porque eu ganho o meu dinheiro”. E, por isso, a formação das mulheres é imprescindível. Se você



pegar pesquisa de qualquer país, em que as mulheres têm uma alta qualidade de formação, vocês vão perceber que as mulheres sofrem menos do que aquelas mulheres que dependem, única e exclusivamente, da renda do marido.

Portanto, eu queria, Mônica e Virgínia, e os outros companheiros que receberam o diploma, eu queria dizer para vocês: pensem no que aconteceu na minha vida. Eu saí de Pernambuco com sete anos de idade, eu vim para São Paulo em busca de um pai que já tinha se casado com outra mulher, eu cheguei aqui em São Paulo com oito... minha mãe com oito filhos, atrás de um pai que já tinha mais quatro com outra. Minha mãe, por orgulho, se separou do meu pai, nenhum trabalhava, foi morar sozinha, foi morar sozinha, e ela nunca mais voltou. Depois ela foi para a capital, arrumou um emprego. Quando eu entrei no Senai, foi o maior orgulho da vida dela, e eu, do Senai, fui o primeiro a ter uma casa, a ter um carro, a ter uma televisão. Por conta disso, eu ganhava um salário melhor, entrei no Sindicato e hoje, alguém que nasceu como vocês, que era igual a vocês e que não desanimou nunca, chegou à Presidência da República deste país. Esse exemplo é para vocês levantarem a cabeça. Levantarem a cabeça, porque não existe nada, nada que obrigue um ser humano a abaixar a cabeça, mesmo na adversidade. A vida é muito curta, e a vida será do jeito que a gente quiser, a vida será do jeito que a gente quiser conquistar.

Eu acho, companheiro Patrus, Prefeito, esses companheiros e essas mulheres que estão se formando são quase como uma bandeira para a gente carregar por outros locais pobres e mostrar para as pessoas: levantem a cabeça, nós vamos estender a mão, mas vai depender da autoestima de vocês. E vocês hoje, para mim, simbolizam a autoestima que todo homem e que toda mulher têm que ter, porque somente assim a gente vai vencer na vida.

Que Deus abençoe cada um de vocês, que dê força a vocês, para que a gente possa melhorar, cada vez mais, este nosso querido país.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Um beijo, um abraço e bom final de semana para todos vocês.

(\$211A)